

ENTRE O MUNDO E EU

"Poderoso, apaixonado e profundamente comovente, uma reflexão intensa sobre o que significa ser negro nos Estados Unidos hoje."

Michiko Kakutani — *The New York Times*



TA-NEHISI COATES

Primeiro lugar na lista do *New York Times*

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



ENTRE O MUNDO E EU

TA-NEHISI COATES

Tradução
Paulo Geiger



Copyright © 2015 by Ta-Nehisi Coates

Todos os direitos reservados.

Publicado mediante acordo com a Spiegel & Grau, um selo da Random House, uma divisão da Penguin Random House, LLC, Nova York.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original

Between the World and Me

Capa

Alceu Nunes

Revisão

Fernanda Villanova

André Marinho

Carolina Vaz

Coordenação de e-book

Marcelo Xavier

Conversão para e-book

Abreu's System Ltda.

Nota sobre o título

“Entre o mundo e eu” constitui uma variação da norma culta da língua portuguesa. Como este livro é uma conversa entre pai e filho, optou-se por refletir no título a informalidade do texto.

CIP-Brasil. Catalogação na publicação

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C584e

Coates, Ta-Nehisi

Entre o mundo e eu [recurso eletrônico] / Ta-Nehisi Coates;
tradução Paulo Geiger — 1. ed. — Rio de Janeiro: Objetiva, 2015

recurso digital

Tradução de: *Between the World and Me*

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

107p. ISBN 978-85-390-0717-2

1. Coates, Ta-Nehisi – Narrativas pessoais. 2. Racismo – Estados Unidos – História. 3. Livros eletrônicos. I. Geiger, Paulo. II. Título.

15-26015

CDD: 305.80973

CDU: 323.14(73)

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

22241-090 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 2199-7824

Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Sumário

- Capa
- Folha de Rosto
- Créditos
- Dedicatória
- Introdução
- I
- II
- III

Para David e Kenyatta,
que acreditaram

INTRODUÇÃO

A voz de Ta-Nehisi Coates, um afro-americano nascido no gueto negro de Baltimore quarenta anos atrás, quando se deu a primeira explosão do crack, é ouvida com entusiasmo e respeito na comunidade negra dos Estados Unidos já há algum tempo. Como correspondente da revista *The Atlantic*, Coates tem denunciado em linguagem forte, respaldado na crueza dos dados relatados pelos agentes e pelas vítimas, ou registrados oficialmente, a violência policial, a discriminação habitacional e escolar, enfim, o racismo institucional que transforma os negros americanos em alvos do medo branco e do seu aparato de terror. A popularidade de Ta-Nehisi, filho de um combatente Pantera Negra dos anos 1960, que lhe batizou assim com um nome egípcio, é tão grande que foi recentemente convidado para dar vida a um novo super-herói, o Pantera Negra, numa série em quadrinhos para a Marvel.

Entre o mundo e eu é escrito em forma de uma carta de alerta e de apresentação da sociedade americana ao seu filho que faz quinze anos. Segue, portanto, um gênero literário que, no meio negro, foi aberto por James Baldwin em 1963 com *Dungeon Shook: Letter to my Nephew on the One Hundredth Anniversary of Emancipation*. Nesses quarenta e poucos anos muito mudou no meio negro e Ta-Nehisi lembra isso ao filho. A principal mudança é que os exterminadores, e todo o aparato repressivo do Estado, podem também estar controlados hoje por negros; o que pouca diferença faz — na verdade, nenhuma — para quem foi encapsulado nos guetos ou para quem traz as marcas corpóreas indelévels da escravidão. Mas a *Luta* mudou, precisa mudar, e seu objetivo é tão utópico quanto, mas menos concreto: não se trata apenas de vencer o establishment da supremacia branca, mas de construir um novo humanismo para além das alianças apenas tribais ou nacionais — um cosmopolitismo forjado pelos que compreendem a enorme vulnerabilidade dos *corpos* humanos sob o jugo das opressões. Todos os que são marcados no corpo, tornados objetos da luxúria e da usura dos poderosos, como as mulheres ou os negros, sabem disso, ensina Ta-Nehisi.

O seu relato da infância e adolescência ao filho, nas primeiras cinquenta páginas, tem a crueza de suas crônicas da *Atlantic* — a violência vivida em casa como alerta (“Ou eu bato nele, ou bate a polícia”); nas ruas das periferias ou dos guetos, onde a leitura corporal precisa ser afinada e correta, e não se perdoa

vacilos; nas escolas que não inspiram, não permitem sonhos, e mais aprisionam o corpo racializado que o libertam. A convivência diária com as gangues e a polícia. O saber esquizofrênico.

Finalmente, a Meca, a universidade negra de elite, Howard, assim conhecida por irradiar o saber entre os negros, onde o corpo pode ser transcendido, o medo aplacado e a beleza encarada de frente. Meca totalmente assumida, onde se aprende que a tribo ou a religião também precisam ser superadas e a irmandade do corpo negro precisa ser relativizada pelo cosmos, pelo amor, pelo conhecimento. Coates encontra em Howard a liberdade, entre seus amigos do Sul e do Norte, da Índia e do Caribe, de diferentes partes da África. O grande mito do poder negro, no passado e no futuro, é escrutinado nas aulas de história. O ódio ao exterminador não pode ser esquecido, perdoado, mas deve servir à superação do Sonho Americano e não à simples integração.

Passaram-se mais de quarenta anos desde as lutas heroicas pelos direitos civis. Uma Luta marcada fortemente pelo contra-Sonho, forjado nos púlpitos das igrejas, ou nos mitos da raça negra, fabricados no panafricanismo e no afrocentrismo. O poder negro de Ta-Nehisi Coates, entretanto, recusa a religião, relativiza e nega a pureza africana para encontrá-lo num poder “mais glorioso que qualquer projeto de lei para o direito a voto”, uma vista do Sonho pelos de baixo, pelos que rompem grilhões, um poder que “ilumina todas as galáxias em suas mais verdadeiras cores. A vulnerabilidade do Corpo, objeto de pilhagem, exposto para controle, violência e aniquilamento, se transforma. A consciência e o conhecimento dessa vulnerabilidade será a porta para uma forma superior de humanidade, de conhecimento e de sensibilidade. Para além dos clãs e das nações: o mundo.

Mas para isso é preciso recusar o Sonho e conhecer o perigo que escondem os sonhadores. O Sonho Americano de uma terra de liberdade onde se deixava para trás a Europa, a fome, a violência de classe e as hierarquias rígidas. Sonho que funcionou para milhões de europeus, que na América se tornaram tão brancos quanto os escravocratas do Sul. Mas o Sonho acabou por não valer para quem foi escravizado, racializado, marcado pelo *corpo*, pela fisionomia, pela cor, controlado pelo terror, dissuadido pelo medo, emparedado em teorias de inferioridade e animalidade. Depois da Luta dos anos 1960, a América continua a viver seu sonho e a esquecer o seu terror, mesmo que agora incorporando a classe média de cor afluente, que se protege em condomínios suburbanos como os brancos.

Este é um livro escrito por alguém de baixo, por um encurralado, da perspectiva do calabouço e de quem foi destinado a lá estar para que nosso Sonho não termine. Mas não é um livro que traga uma ideologia unanimemente aceita, nem que tenha sido absorvido com tranquilidade, mesmo pela comunidade negra norte-americana. No que nese a recensão entusiasmada de Toni Morrison. Basta

lembrar o desconforto que causou em Cornel West, que acusou Coates de se distanciar do ativismo recente em Ferguson, Baltimore, Nova York, Oakland, Cleveland... Que o culpabiliza por apoiar Obama, de ocupar espaço demais na mídia branca, que lamenta Toni Morrison ter adorado *Entre o mundo e eu* e tê-lo comparado a James Baldwin. Por muitas razões não há unanimidade, entre as quais enumero três: este é o livro de um ateu, que recusa o conforto espiritual diante do aniquilamento do corpo; de um feminista, que constrói seu feminismo na solidariedade entre os que têm os corpos ameaçados pela pilhagem; de um cosmopolita, para quem a tribo esconde os que continuam presos no Sonho dos opressores. A sua Luta não pode ser travada dentro do mito, da religião e da tribo, mesmo que diaspóricos. A sua utopia demora a medrar, talvez por isso ele escreva a seu filho, não apenas para lembrá-lo de que ele é antes de qualquer coisa um corpo marcado pela cor, uma carne barata, mas que a única maneira de transcender esse corpo é congregar-se em formas de ver, de sentir, de amar, de pensar de um ser humano no mundo. Mesmo que, e talvez por isso, esteja investido do poder negro.

Teremos, entre nós, algo comparável no Brasil? Apesar da República que promete igualdade e entrega desigualdades, da Abolição que não aboliu as marcas corpóreas da inferiorização, continuamos todos os brasileiros a nos considerar moralmente superiores aos supremacistas brancos norte-americanos. A morenidade nos protege, pensamos, assim como nossas velhas hierarquias classistas. Nós nos prendemos às classes, como a um sonho que nos livra do racismo — a discriminação vale para todos, pensamos, independente da cor, assim como a violência. É democraticamente de classe, nos contentamos a pensar!

Karl Marx, no prefácio de 1867 de *O Capital*, escrevia aos seus leitores alemães: “Se, contudo, o leitor alemão farisaicamente encolher os ombros [...] ou se optimistamente se tranquilizar porque na Alemanha durante muito tempo as coisas ainda não estarão tão más, terei de lhe lembrar: *De te fabula narratur!*” Será preciso lembrar o mesmo ao leitor brasileiro de *Entre o mundo e eu*? Infelizmente, faz parte da nossa fragilidade nos deixarmos envolver pelo Sonho, no que pese o canto lancinante de Seu Jorge, Marcelo Yuka e Wilson Capeletti, na voz de Elza Soares: “a carne mais barata do mercado é a carne negra”...

O leitor brasileiro deve ler Ta-Nehisi pensando nos massacres do Carandiru, da Candelária, de Osasco, de Carapicuíba, de Guarulhos, da Rocinha, de, de, de... e de tantos outros lugares, e dos assassinatos individuais, milhares deles, cotidianos, vulgares, aceitos como única forma de defender o nosso sonho de nação e de civilidade. Do medo que mora nas favelas, no encurralamento dos espaços urbanos, nas fortalezas habitacionais etc. Mas se lembrará também de que, com a lei de cotas de 2012, milhares de jovens negros têm agora

nossas Mecas do saber, que são as universidades federais. Conhecer as ideologias negras que lá se desenvolvem, as solidariedades diaspóricas que se tecem, mas também a utopia libertária de Franz Fanon e as novas aspirações humanistas que vêm à luz nesses espaços onde se festeja Zumbi, mas se lê Guerreiro Ramos, Abdias do Nascimento, Florestan Fernandes, Carlos Hasenbalg, Stuart Hall e tantos e tantos outros, ao lado de Foucault, de Bourdieu, de Marx etc. Enfim, o leitor aprenderá com Ta-Nehisi muito da sociedade norte-americana para refletir mais sobre si mesmo.

*Antonio Sérgio Alfredo Guimarães,
professor do Departamento de Sociologia da USP.*

*And one morning while in the woods I stumbled suddenly upon the thing,
Stumbled upon it in a grassy clearing guarded by scaly oaks and elms
And the sooty details of the scene rose, thrusting themselves between the
world and me...¹*

RICHARD WRIGHT

¹ E uma manhã, na floresta, deparei subitamente com a coisa,/ Deparei com ela numa clareira relvosa protegida por carvalhos e olmos descamados/ E assomaram os obscuros detalhes da cena, intrometendo-se entre o mundo e eu... (N. T.)

I.

*Do not speak to me of martyrdom,
of men who die to be remembered
on some parish day.*

*I don't believe in dying
though, I too shall die.*

*And violets like castanets
will echo me.²*

SONIA SANCHEZ

² Não me fale de martírio,/ de homens que morrem para serem lembrados/ em algum dia de paróquia./ Eu não acredito em morrer,/ contudo, eu também morrerei./ E violetas como castanholas/ irão me ecoar. (N. T.)

Filho,

No domingo passado a âncora de um popular noticiário me perguntou o que significava perder meu corpo. A transmissão estava sendo feita de Washington, D.C., e eu estava num estúdio remoto, no extremo oeste de Manhattan. Um satélite cobria os quilômetros entre nós, mas nenhuma maquinaria poderia cobrir a lacuna entre o mundo dela e aquele para o qual eu tinha sido convocado a falar. Quando a âncora me perguntou sobre meu corpo, seu rosto desvaneceu na tela e foi substituído por palavras que rolavam, era um texto que eu havia escrito naquela mesma semana.

A âncora leu essas palavras para os telespectadores e, assim que terminou, voltou ao tema do meu corpo, embora não o tenha mencionado de forma direta. Mas a esta altura já me acostumei ao fato de pessoas inteligentes me perguntarem sobre a condição do meu corpo sem se darem conta da natureza de sua pergunta. Especificamente, a âncora queria saber por que eu achava que o progresso da América branca, ou melhor, o progresso desses americanos que acreditam serem brancos, era construído a partir de pilhagem e violência. Ao ouvir isso, senti uma velha e indistinta tristeza se avolumar dentro

de mim. A resposta a essa pergunta é o registro feito pelos próprios americanos que nisso acreditam. A resposta é a história americana.

Não há nada de extremado nessa declaração. Os americanos deificam a democracia de tal modo que isso permite uma tênue percepção de que eles, de tempos em tempos, agiram em desafio a este seu Deus. Mas a democracia é um Deus leniente, e as heresias americanas — tortura, roubo, escravização — são tão comuns entre indivíduos e nações que ninguém pode se declarar imune a elas. Na verdade, os americanos, num sentido real, nunca traíram seu Deus. Quando Abraham Lincoln declarou, em 1863, que a batalha de Gettysburg teria de assegurar “que o governo do povo, pelo povo, para o povo, jamais desapareça da face da Terra”, não estava meramente expressando uma aspiração; no começo da Guerra Civil, os Estados Unidos da América tinham um dos mais altos índices de sufrágio no mundo. A questão não é se Lincoln de fato tinha em mente um “governo do povo”, mas o significado que nosso país, no decorrer de sua história, atribuiu ao termo “povo”. Em 1863, ele não significava nem sua mãe ou sua avó, nem mesmo você e eu. Assim, o problema da América não é a traição ao “governo do povo”, mas as maneiras pelas quais “o povo” adquiriu seus nomes.

Isso nos leva a outro ideal importante, que os americanos aceitam de maneira implícita, mas não reivindicam de forma consciente. Os americanos acreditam na realidade da “raça” como uma característica definida, indubitável, do mundo natural. O racismo — a necessidade de atribuir características profundamente inerentes às pessoas e depois humilhá-las, diminuí-las e destruí-las — é a consequência inevitável dessa condição inalterável. Assim, o racismo é representado como a filha inocente da Mãe Natureza, e as pessoas deploram o tráfico negreiro e a remoção forçada dos índios da mesma forma como se deplora um terremoto, um tornado ou qualquer outro fenômeno considerado além do âmbito da ação dos homens.

Mas a raça é filha do racismo, e não sua mãe. E o processo de definir quem faz parte desse “povo” sempre foi menos uma questão de genealogia e de aspecto fisionômico do que de hierarquia. Diferenças de cor de pele e de cabelo são antigas. Mas a crença na proeminência da cor e do cabelo, a noção de que esses fatores possam organizar a sociedade corretamente e de que signifiquem atributos mais profundos, os quais são indelévels, é a nova ideia que prevalece no âmago dessas novas pessoas que, de forma desesperançosa, trágica e ilusória, foram levadas a acreditar que são brancas.

Essas novas pessoas são, como nós, uma invenção moderna. Mas, diferentemente de nós, seu novo nome não tem um significado real divorciado do aparato do poder criminal. As novas pessoas eram alguma outra coisa antes de serem brancas — católicas, corsas, galesas, menonitas, judias —, e, se todas as nossas esperanças nacionais forem realizadas, terão de voltar a ser outra coisa.

Talvez se tornem verdadeiramente americanas e estabeleçam um fundamento mais nobre para seus mitos. Não consigo antever isso. Por ora, deve-se dizer que o processo de embranquecimento das diversas tribos, de enlevo à crença de ser branco, não foi alcançado por meio de atividades sociais como degustação de vinhos e sorvetes, e sim pela pilhagem da vida, da liberdade, do trabalho e da terra; pelo açoitamento das costas; o acorrentamento dos membros; o estrangulamento de dissidentes; a destruição de famílias; o estupro de mães; a venda de crianças; e vários outros atos que visavam, primeira e prioritariamente, negar a você e a mim o direito de assegurar e governar nossos próprios corpos.

Essa nova gente não é original nesse tipo de ação. Talvez tenha havido, em algum momento da história, algum grande poder cuja ascensão prescindiu da exploração violenta de outros corpos humanos. Se houve, ainda estou por descobrir. Mas essa banalidade da violência nunca será uma desculpa para a América, porque a América não apela para o argumento da banalidade. A América acredita-se excepcional, a maior e mais nobre nação que jamais existiu, um paladino solitário que se interpõe entre a cidade branca da democracia e os terroristas, os déspotas, os bárbaros e outros inimigos da civilização. Ninguém pode, ao mesmo tempo, alegar ser super-humano e depois pleitear ter cometido um erro mortal. Proponho que as alegações de nossos compatriotas quanto à excepcionalidade americana sejam levadas a sério, isto é, que nosso país seja submetido a um padrão moral excepcional. Isso é difícil, porque existe à nossa volta todo um aparato que nos insta a aceitar a inocência americana em seu valor de face e não fazer indagações demais. E é tão fácil desviar o olhar, viver com os frutos da nossa história e ignorar o grande mal cometido em nome de todos nós. Mas você e eu nunca usufruímos verdadeiramente desse luxo. Creio que você sabe disso.

Eu lhe escrevo em seu 15º aniversário, porque este foi o ano em que você viu Eric Garner ser asfixiado até a morte por vender cigarros; porque você sabe agora que Renisha McBride foi morta a tiros por buscar ajuda, que John Crawford foi fuzilado enquanto fazia compras numa loja de departamentos. E você viu homens de uniforme passarem de carro e assassinar Tamir Rice, uma criança de doze anos que eles deveriam proteger. E você viu homens com o mesmo uniforme espancaram Marlene Pinnock, avó de alguém, à beira de uma estrada. E você sabe agora, se não sabia antes, que os departamentos de polícia de seu país foram munidos da autoridade para destruir seu corpo. Não faz diferença se essa destruição é consequência de uma reação infelizmente exagerada. Não faz diferença se ela se origina de um mal-entendido. Não faz diferença se é o resultado de uma política idiota. Venda cigarros sem a autorização apropriada e seu corpo poderá ser destruído. Ressinta-se com quem está tentando ludibriar seu corpo e ele poderá ser destruído. Siga por uma escadaria escura e seu corpo poderá ser destruído. Os destruidores raramente

serão considerados responsáveis. Na maior parte das vezes, eles receberão pensões. E a destruição é meramente a forma superlativa de uma dominação cujas prerrogativas incluem revistas, detenções, espancamentos e humilhações. Tudo isso é comum para pessoas negras. E tudo isso é coisa antiga para pessoas negras. Ninguém é considerado responsável.

Não há nada que seja singularmente maléfico nesses destruidores, ou mesmo neste momento. Os destruidores são apenas homens que fazem cumprir os caprichos de nosso país, interpretando corretamente sua herança e seu legado. É difícil encarar isso. Mas toda a nossa fraseologia — relações raciais, abismo inter-racial, justiça racial, perfilação racial, privilégios dos brancos, até mesmo supremacia dos brancos — serve para obscurecer o fato de que o racismo é uma experiência visceral, que desaloja cérebros, bloqueia linhas aéreas, esgarça músculos, extrai órgãos, fratura ossos, quebra dentes. Você não pode deixar de olhar para isso, jamais. Deve sempre se lembrar de que a sociologia, a história, a economia, os gráficos, as tabelas, as regressões, tudo isso acabará atingindo, com grande violência, o corpo.

Naquele domingo, com aquela âncora, naquele noticiário, tentei explicar isso o melhor que pude no tempo que me foi destinado. Mas, no fim do segmento, a âncora exibiu um retrato amplamente difundido de um menino negro de onze anos abraçando, aos prantos, um policial branco. Depois, a pergunta que ela me fez foi sobre “esperança”. Foi aí que eu soube que tinha fracassado. E me lembrei de que esperava mesmo fracassar. E mais uma vez me surpreendi com aquela tristeza indistinta que se avolumava dentro de mim. Por que, exatamente, eu estava triste? Saí do estúdio e caminhei um pouco. Era um dia calmo de dezembro. Famílias que se acreditavam brancas estavam nas ruas. Crianças educadas para serem brancas passeavam em seus carrinhos. E eu estava triste por essa gente, tanto quanto pela âncora e por todos que assistiam ao noticiário e se divertiam numa esperança enganosa. Então percebi por que estava triste. Quando a jornalista me perguntou sobre meu corpo, foi como se estivesse me pedindo que a despertasse de seu mais glorioso sonho. Eu tinha visto esse sonho durante toda a minha vida. São casas perfeitas com belos gramados. São refeições ao ar livre no Memorial Day, associações de moradores, entradas de garagem. O Sonho são casas construídas nas árvores e escoteiros lobinhos. O Sonho tem aroma de hortelã, mas gosto de torta de morango. E durante muito tempo eu quis escapar para dentro do Sonho, estender meu país sobre a cabeça como se fosse um cobertor. Mas isso nunca foi uma opção, porque o Sonho repousa sobre nossas costas, a cama feita de nossos corpos. E, sabendo disso, sabendo que o Sonho persiste ao guerrear com o mundo que conhecemos, fiquei triste pela âncora, fiquei triste por todas aquelas famílias, fiquei triste por meu país, mas, acima de tudo, naquele momento, fiquei triste por você.

Aquela foi a semana em que você soube que os assassinos de Michael Brown seriam libertados. Os homens que tinham deixado o corpo dele na rua como uma terrível declaração de seu poder inviolável jamais seriam punidos. Eu não esperava mesmo que isso fosse acontecer. Mas você era jovem e ainda acreditava. Ficou acordado até as onze horas naquela noite, esperando pelo anúncio de um indiciamento — e quando foi anunciado que não haveria nenhum, disse: “Vou indo”, foi para o quarto, e eu o ouvi chorar. Fui atrás de você cinco minutos depois e não o abracei, não o consolei, porque achei que seria errado consolá-lo. Não lhe disse que tudo ficaria bem, porque nunca acreditei que tudo ficaria bem. O que eu lhe disse foi o que seus avós tentaram me dizer: que este é seu país, este é seu mundo, este é seu corpo, e você tem de encontrar algum modo de viver dentro de tudo isso. Estou lhe dizendo agora que a pergunta de como se vive dentro de um corpo negro, dentro de um país perdido no Sonho, é a pergunta da minha vida, e a busca pela resposta a essa pergunta é, afinal, a resposta em si mesma.

Isso deve lhe parecer estranho. Vivemos numa era “orientada para objetivos”. O vocabulário de nossa mídia está cheio de conceitos moralistas simplistas e superficiais, de grandes ideias e teorias sobre tudo. Mas algum tempo atrás rejeitei tudo que é mágico, em todas as suas formas. Essa rejeição foi uma dádiva de seus avós, que nunca tentaram me consolar com ideias de uma pós-vida, e viam com ceticismo uma glória americana preestabelecida. Ao aceitar tanto o caos da história quanto o fato de que teria um fim absoluto, fiquei livre para verdadeiramente considerar como queria viver — em especial, como viver livre dentro deste corpo negro. É uma questão profunda, porque a América vê a si mesma como obra de Deus, mas o corpo negro é a evidência mais clara de que a América é obra do homem. Fiz essa pergunta a partir do que lia e do que escrevia, a partir da música de minha juventude, a partir dos debates com seu avô, sua mãe, sua tia Janai, seu tio Ben. Procurei respostas no mito nacionalista, nas salas de aula, nas ruas e em outros continentes. A pergunta é irrespondível, o que não vale dizer que a busca é inútil. A grande recompensa dessa constante interrogação, do confronto com a brutalidade de meu país, é que ela me libertou dos fantasmas e me equipou contra o puro terror da descorporificação.

E tenho medo. Sinto esse medo mais intensamente sempre que você me deixa. Mas já tinha medo muito antes de você nascer, e nisso não fui original. Quando tinha a sua idade, as únicas pessoas que eu conhecia eram negras, e todas estavam intensamente, inexoravelmente, perigosamente com medo. Vi esse medo durante toda a minha juventude, embora nem sempre o reconhecesse como tal.

Ele sempre esteve bem diante de mim. O medo estava lá, nos extravagantes rapazes da minha vizinhança, com seus grandes anéis e medalhões, seus grandes e inflados casacos, suas jaquetas de couro compridas

com golas de pelo, que eram a armadura que vestiam contra seu mundo. Ficavam na esquina da Gwynn Oak com a Liberty, ou da Cold Spring com Park Heights, ou do lado de fora do Mondawmin Mall, com as mãos enfiadas nas roupas de malha Russell. Penso agora naqueles rapazes e tudo que vejo é medo, tudo que vejo são eles se preparando para enfrentar os fantasmas dos velhos dias ruins, quando a turba do Mississippi se reunia em torno de seus avós para que as partes do corpo negro fossem incendiadas e depois cortadas. O medo se manifestava no bebop que praticavam, nas desleixadas calças jeans, nas camisetas largas, no ângulo calculado de seus bonés de beisebol, num catálogo de comportamentos e roupas adotado para inspirar a crença de que exerciam a firme posse de tudo que queriam.



Vi isso em seus costumes de guerra. Eu devia ter cinco anos e estava sentado nos degraus da frente da minha casa na avenida Woodbrook quando vi dois garotos sem camisa circularem um em volta do outro, bem de perto, batendo ombros. Desde então, sei que uma luta de rua tem um ritual, regulamentos e códigos que, por sua própria necessidade de existência, atestam toda a vulnerabilidade dos corpos dos adolescentes negros.

Ouvi o medo na primeira música que conheci, a música que irrompia de grandes toca-fitas, cheios de arrogância. Os rapazes que ficavam na Garrison e na Liberty, em Park Heights, gostavam dessa música porque ela lhes dizia, contra toda evidência e probabilidade, que eles eram os senhores de suas próprias vidas, suas próprias ruas e seus próprios corpos. Vi o medo nas garotas, em seu riso alto, em seus brincos dourados de bambu que anunciavam três vezes seus nomes. E vi o medo em seu linguajar brutal, seu olhar duro, que diziam que o cortariam com os olhos e o destruiriam com suas palavras pelo pecado de brincar demais. “Não se atreva a dizer meu nome”, diziam. Eu os observava depois da escola, em posição de combate, como boxeadores, vaselina nos cabelos, brincos de fora, calçando Reeboks, saltando um sobre o outro.

Senti o medo nas visitas à casa da minha avó, na Filadélfia. Você não chegou a conhecê-la. Eu mal a conhecia, mas me lembro de seus modos rudes, de sua voz áspera. E eu sabia que o pai do meu pai estava morto, que meu tio Oscar estava morto e que meu tio David estava morto, e que nenhuma dessas mortes tinha sido natural. E vi o medo em meu próprio pai, que ama você, que dá conselhos a você, que me deu dinheiro para cuidar de você. Meu pai tinha tanto medo. Eu o senti na chicotada de seu cinto de couro preto, que ele aplicava mais com ansiedade do que com raiva, meu pai que me batia como se alguém pudesse me levar embora, porque era exatamente isso que estava acontecendo por toda parte a nossa volta. Todo mundo tinha, de algum modo, perdido um filho para as ruas, para a prisão, para as drogas, para as armas. Dizia-se que essas garotas perdidas eram doces como o mel e não fariam mal a uma mosca. Dizia-se que esses rapazes perdidos tinham acabado de receber um GED [General Education Development] e começado a mudar suas vidas. E agora eles tinham ido embora, e seu legado era um grande medo.

Eles lhe contaram esta história? Quando sua avó tinha dezesseis anos, um jovem bateu à sua porta. Esse jovem era o namorado de sua Nana Jo. Não havia mais ninguém em casa. Mamãe deixou que esse jovem se sentasse e esperasse até sua Nana Jo voltar. Mas sua bisavó chegou primeiro. Ela pediu ao jovem que fosse embora. Depois deu uma surra terrível em sua avó, uma última vez, para que ela se lembrasse de quão facilmente poderia perder seu corpo. Mamãe nunca esqueceu. Lembro-me de seu aperto forte em minha mãozinha quando atravessávamos a rua. Ela me dizia que, se alguma vez eu me soltasse e fosse atropelado e morto por um carro, ela me bateria e me traria de volta à vida.

Quando eu tinha seis anos, mamãe e papai me levaram a um parque local. Escapei à vigilância deles e achei um playground. Seus avós passaram ansiosos minutos me procurando. Quando me encontraram, papai fez o que cada pai que conheço teria feito — levou a mão ao cinto. Lembro-me de ter ficado olhando para ele numa espécie de atordoamento, aterrorizado, naquela meia distância entre castigo e agressão. Depois, ouvi a voz de papai: “Ou eu bato nele, ou bate a polícia”. Talvez isso tenha me salvado. Talvez não. Tudo que sei é que a violência surgiu do medo como a fumaça surge do fogo, e não sei dizer se essa violência, mesmo administrada com medo e amor, fez soar o alarme ou nos chocou de saída. O que sei é que pais que surraram seus filhos adolescentes por insolência depois os viram ir para as ruas, onde empregaram a mesma forma de justiça e foram a ela submetidos. E conheci mães que batiam com o cinto nas filhas, o que não conseguiu salvá-las de traficantes de drogas com o dobro de sua idade. Nós, os filhos, nos valíamos de nosso humor mais sombrio para lidar com isso. Ficávamos no beco, onde lançávamos bolas de basquete através de caixotes com buracos, e zombávamos do garoto cuja mãe o constrangera batendo nele diante de toda a turma do quinto ano. Viajávamos no ônibus 5, que levava ao Centro, rindo de alguma garota cuja mãe era conhecida porque estava sempre procurando alguma coisa — cabos, fios de extensão, potes, panelas. Ríamos, mas sei que tínhamos medo daqueles que mais nos amavam. Nossos pais recorriam ao chicote do mesmo modo que os flageladores, nos anos de peste, recorriam ao flagelo.

Ser negro na Baltimore da minha juventude era estar nu ante os elementos do mundo, ante todas as armas de fogo, os punhos, as facas, o crack, o estupro e a doença. A nudez não é um erro, nem patologia. A nudez é o resultado correto e intencional da política, o desfecho previsível para pessoas que foram forçadas, durante séculos, a viver com medo. A lei não nos protegia. E agora, na sua época, a lei se tornou um pretexto para detenções e revistas, isto é, para levar adiante a agressão ao seu corpo. Mas uma sociedade que protege certas pessoas por meio de uma rede segura de escolas, financiamentos imobiliários federais e uma riqueza ancestral, e que, no entanto, só é capaz de nos proteger com a clava da justiça criminal ou fracassou na concretização de suas boas intenções ou teve êxito em algo muito mais sombrio. Como quer que você o chame, o resultado foi nossa debilidade ante as forças criminosas do mundo. Não importa se o agente dessas forças é branco ou negro — o que importa é nossa condição, o que importa é o sistema que torna seu corpo vulnerável.

Com essas revelações, uma série de grandes mudanças se desenrolou no decurso de minha vida. Elas ainda se desenrolam e provavelmente continuarão se desenrolando até eu morrer. Eu tinha onze anos, estava no estacionamento em frente à 7-Eleven, observando um grupo de garotos mais velhos ali perto, na rua. Eles gritavam e gesticulavam para... quem? Para outro garoto, jovem como eu,

que estava lá quase sorrindo, erguendo animosamente os braços. Ele já tinha aprendido a lição que me ensinaria naquele dia: a de que seu corpo estava em constante risco. Quem sabe o que o levou a ter conhecimento disso? Possivelmente um padrasto sempre embriagado, um irmão mais velho agredido pela polícia, um primo detido na prisão da cidade. O fato de ele estar em menor número não tinha importância, porque o mundo inteiro já o deixara em menor número há muito tempo, e o que importam os números? Esta era uma guerra pela posse de seu corpo, a guerra de uma vida inteira.

Fiquei ali por alguns segundos, maravilhado com a bela percepção que os garotos mais velhos tinham da moda. Todos vestiam jaquetas de esqui do tipo que, na minha época, as mães, mediante um pequeno pagamento, reservavam na loja em setembro, e depois trabalhavam horas extras de modo a tê-las embrulhadas e prontas para o Natal. Concentrei minha atenção num garoto de pele clara com cabeça comprida e olhos pequenos. Ele estava fazendo cara feia para outro garoto parado perto de mim. Eram quase três horas da tarde. Eu estava no sexto ano. As aulas do dia tinham acabado de terminar, e o clima ainda não era incerto como no início da primavera. Qual era exatamente o problema aqui? Quem poderia saber?

O garoto de olhos pequenos procurou algo dentro da jaqueta de esqui e puxou uma arma. Eu me lembro disso em câmera lenta, como se fosse um sonho. Ali estava o garoto brandindo uma arma, a qual lentamente sacava, escondia, depois sacava mais uma vez, e em seus olhos pequenos vi crescer uma fúria que, num instante, seria capaz de apagar meu corpo. Isso foi em 1986. Naquele ano eu me sentia como se estivesse me afogando nas notícias de assassinatos. Sabia que esses assassinatos quase nunca atingiam os alvos visados, recaindo em vez disso sobre tias-avós, mães da Associação de Pais e Mestres, tios fazendo serão e crianças alegres — de forma aleatória e implacável, como grandes lençóis de chuva. Eu sabia disso em teoria, mas não consegui compreendê-lo como um fato até o garoto de olhos pequenos ficar ali na minha frente segurando meu corpo inteiro com suas pequenas mãos. Ele não atirou. Seus amigos o puxaram para trás. Ele não precisou atirar. Tinha afirmado qual era o meu lugar na ordem das coisas. Fez saber quão facilmente eu poderia ser o escolhido. Peguei o metrô para casa naquele dia e, sozinho, fui processando o episódio. Não contei a meus pais. Não contei a meus professores, e se contei a meus amigos devo tê-lo feito com toda a excitação necessária para obscurecer o medo que me invadiu naquele momento.

Lembro-me de ter ficado assombrado com o fato de a morte poder tão facilmente surgir do nada na tarde de um menino e se espalhar como a neblina. Eu sabia que o oeste de Baltimore, onde eu morava, o norte da Filadélfia, onde moravam meus primos, e o sul de Chicago, onde moravam amigos de meu pai, constituíam um mundo à parte. Em algum lugar além do firmamento, além do

cinturão de asteroides, havia outros mundos onde crianças não temiam o tempo todo por seus corpos. Eu sabia disso porque havia um grande aparelho de televisão na minha sala de estar. No início da noite eu me sentava diante dessa televisão, testemunhando as transmissões desse outro mundo. Havia garotinhos brancos com coleções completas de figurinhas de futebol, e a única coisa que queriam era uma namorada popular, e sua única preocupação era com o sumagre-venenoso. Esse outro mundo era suburbano e sem fim, organizado em torno de assados, tortas de mirtilo, fogos de artifício, sundaes, banheiros imaculados e pequenos caminhões de brinquedo perdidos em quintais arborizados com riachos e ravinas. Comparando essas transmissões com os fatos de meu mundo nativo, vim a saber que meu país era uma galáxia, e essa galáxia estendia-se desde o pandemônio do oeste de Baltimore até os felizes terrenos de caça da série de TV *Mr. Belvedere*. Fiquei obcecado com a distância entre esse outro setor do espaço e o meu. Sabia que minha porção na galáxia americana, na qual corpos são escravizados por uma tenaz gravidade, era negra, enquanto a outra porção, livre, não era. Sabia que alguma energia inescrutável preservava essa brecha. Sentia, mas ainda não compreendia, a relação entre mim e aquele outro mundo. E sentia que havia nisso uma injustiça cósmica, uma profunda crueldade, que infundia um duradouro e irreprimível desejo de libertar meu corpo e atingir a velocidade de escape.

Você alguma vez sentiu essa necessidade? Sua vida é tão diferente da minha. A grandeza do mundo, do mundo real, o mundo inteiro, para você, é coisa sabida. E você não precisa de transmissões de TV porque viu muita coisa da galáxia americana e seus habitantes — suas casas, seus hobbies — muito de perto. Não sei o que significa crescer com um presidente negro, redes sociais, uma mídia onipresente e mulheres negras por toda parte com seu cabelo natural. O que sei é que quando eles soltaram o homem que matou Michael Brown, você disse: “Vou indo”. E isso me toca porque, apesar de toda a diferença entre nossos mundos, na sua idade meu sentimento foi exatamente o mesmo. E lembro-me de que mesmo nessa época eu ainda não tinha começado a imaginar os perigos em que estamos enredados. Você ainda acredita que o que aconteceu a Michael Brown foi injustiça. Você ainda não lutou corpo a corpo com nossos próprios mitos e narrativas nem descobriu toda a pilhagem em volta de nós.

Antes que eu pudesse descobrir, antes que eu pudesse escapar, eu tinha de sobreviver, e isso só podia significar um choque com as ruas, e com isso não me refiro somente aos quarteirões físicos, nem simplesmente às pessoas empacotadas dentro deles, mas ao arranjo de quebra-cabeças letais e aos estranhos perigos que parecem emergir do próprio asfalto. As ruas transformam cada dia comum numa série de perguntas ardilosas, e cada resposta errada acarreta o risco de um espancamento, um tiro ou uma gravidez. Ninguém sobrevive incólume. Ainda assim o calor que emana do perigo constante. de um

estilo de vida que é uma experiência de quase morte, é emocionante. É isso que os rappers querem dizer quando se dizem viciados “nas ruas” ou apaixonados pelo “jogo”. Imagino que sintam algo parecido com o que sentem os paraquedistas, os montanhistas e outros que optaram por viver no limite. Claro que nós não escolhemos nada disso. E nunca acreditei nos irmãos que alegam “administrar” ou “possuir” a cidade. Não projetamos as ruas. Não as custeamos. Não as conservamos. Mas, no entanto, eu estava lá, encarregado, como todos os outros, da proteção do meu corpo.

Os bandos, os jovens que haviam transformado seu medo em raiva, eram o maior perigo. Percorriam os quarteirões da vizinhança de forma barulhenta e rude, pois só por meio de sua barulhenta rudeza é que poderiam ter qualquer sensação de segurança e poder. E para sentirem esse poder, para se divertirem com a potência de seus próprios corpos, poderiam muito bem quebrar sua mandíbula, pisotear seu rosto ou derrubá-lo com um tiro. E sua diversão selvagem, seus atos assombrosos, faziam seus nomes ressoarem. Construía-se um repertório, atrocidades eram relatadas. E assim, na minha Baltimore, sabia-se que quando Cherry Hill passava por lá você tinha de passar por outro lugar, que North com Pulaski não era a esquina de duas ruas mas um furacão que só deixava estilhaços e cacos em sua esteira. Dessa forma, a segurança dessas vizinhanças escorregava para um nível cada vez mais baixo e se tornou a segurança dos corpos que lá viviam. Por exemplo, evitava-se Jo-Jo porque ele era parceiro de Keon, o chefe da Murphy Homes. Em outras cidades, na verdade em outras Baltimores, as vizinhanças tinham outros apelidos, e os rapazes, outros nomes, mas suas missões não mudavam: demonstrar a inviolabilidade de seu quarteirão, de seus corpos, por meio de seu poder de quebrar joelhos, costelas e braços. Essa prática era tão comum que, se abordarmos hoje qualquer pessoa negra criada nas cidades daquela época, ela será capaz de lhe dizer qual era o bando que cuidava de qual quadra em sua cidade, e poderá lhe dar o nome de todos os chefes e seus comparsas e oferecer uma antologia de todas as suas façanhas.

Para sobreviver às vizinhanças e proteger meu corpo, aprendi outra linguagem, que consistia num complemento básico de acenos de cabeça e apertos de mão. Memorizei uma lista de quarteirões proibidos. Aprendi a reconhecer o cheiro e a sensação de um clima de briga. E aprendi que “Baixinho, posso ver sua bike?” nunca foi uma pergunta sincera, e “Ei, você estava zoando meu parceiro” nunca foi uma acusação séria nem um mal-entendido quanto aos fatos. Eram intimações às quais você respondia com o pé esquerdo à frente, o pé direito atrás, as mãos protegendo o rosto, uma um pouco abaixo da outra, prontas para agir. Ou então fugindo, evadindo-se pelos becos, cortando caminho pelos pátios dos fundos, depois irrompendo pela porta do quarto na frente do seu irmão menor, tirando a arma do invólucro de pele de

cordeiro ou de sob o colchão ou de dentro de uma caixa de tênis, depois chamando seus próprios comparsas (que na realidade não o são) e voltando ao mesmo quarteirão, no mesmo dia, e ao mesmo bando, berrando: “E aí, crioulo, qual é que é agora?”. Lembro-me de ter aprendido essas leis com mais clareza do que me lembro de ter aprendido as cores e formas, porque essas leis eram essenciais para a segurança do meu corpo.

Penso nisso como uma grande diferença entre nós. Você tem algum conhecimento das antigas leis, mas elas não são tão essenciais para você quanto eram para mim. Estou certo de que você teve de lidar com algum valentão ocasional no metrô ou no parque, mas, quando eu tinha mais ou menos a sua idade, todo dia, um terço do meu cérebro se preocupava com quem me acompanhava na caminhada até a escola, quantos éramos exatamente, nossa maneira de caminhar, o número de vezes que eu sorri, para quem ou o quê eu tinha sorrido, quem parecia ou não ser bom de briga — tudo isso para dizer que eu praticava a cultura das ruas, uma cultura voltada principalmente para a segurança do corpo. Não tenho saudade daquela época. Não pretendo que você seja “durão” ou “rueiro”, talvez porque tenha sido com relutância que acumulei toda a minha “dureza”. Creio que sempre estive, de algum modo, ciente do preço a pagar. Creio que, de certo modo, eu sabia que aquele terço do meu cérebro poderia se preocupar com coisas mais bonitas. Creio que sentia que alguma coisa lá fora, alguma força, sem nome e imensa, tinha me roubado... o quê? Tempo? Experiência? Acho que você sabe algo do que aquele terço poderia ter feito, e acho que é por isso que sente ainda mais necessidade de escapar do que eu senti. Você viu toda a vida maravilhosa que há acima da linha das copas das árvores, embora compreenda que não existe uma distância real entre você e Trayvon Martin, e assim o caso de Trayvon Martin deve aterrorizá-lo como nunca aterrorizou a mim. Você experimentou muito mais de tudo isso que se perde quando se tem o corpo destruído.

As ruas não foram meu único problema. Se as ruas algemaram minha perna direita, as escolas algemaram a esquerda. Se você não compreender as ruas, terá desistido do seu corpo agora. Mas se não compreender as escolas, desistirá do seu corpo depois. Eu sofri nas mãos de ambos, mas meu ressentimento maior é com o que sofri na escola. Não havia nada santificado nas leis das ruas — as leis eram amorais e pragmáticas. Ir em bando para uma festa era tão certo quanto usar botas na neve ou abrir um guarda-chuva na chuva. Eram leis que levavam em consideração uma coisa óbvia — o grande perigo que cercava cada visita ao Shake & Bake, cada viagem de ônibus ao Centro. Mas as leis das escolas consideravam algo distante e vago. O que significava, como nos diziam os mais velhos, “crescer e ser alguém”? E o que exatamente isso tinha a ver com uma educação que consistia em nos fazer escrever dezenas de vezes a mesma frase? Ser educado em minha Baltimore significava principalmente ter

na pasta um lápis número 2 sobressalente e trabalhar em silêncio. Crianças educadas andavam em fila indiana no lado direito do corredor, levantavam a mão para pedir para ir ao banheiro e tinham de carregar o passe durante o caminho. Crianças educadas nunca davam desculpas — certamente não a de serem crianças. O mundo não tinha tempo para a infância de meninos e meninas negros. Como as escolas teriam? Álgebra, biologia e inglês em vez de matérias eram apenas mais uma oportunidade para melhor disciplinar o corpo, praticar escrita nas entrelinhas, copiar as instruções de forma legível, memorizar teoremas extraídos do mundo que eles tinham sido criados para representar. Tudo isso me parecia muito distante. Lembro-me das aulas de francês no sétimo ano, quando eu não fazia a menor ideia de por que estava ali. Eu não conhecia franceses e nada a minha volta sugeria que um dia conheceria. A França era uma rocha que girava em outra galáxia, em torno de outro sol, em outro céu que eu jamais cruzaria. Por que, exatamente, eu estava sentado naquela sala de aula?

Essa pergunta nunca teve resposta. Eu era um menino curioso, mas as escolas não davam atenção à curiosidade, e sim ao consentimento. Eu gostava de alguns de meus professores. Mas não posso dizer que acreditava de verdade em qualquer um deles. Alguns anos após ter saído da escola, depois de abandonar a faculdade, ouvi alguns versos de Nas que tiveram impacto em mim:

Ecstasy, coke, you say it's love, it is poison

*Schools where I learn they should be burned, it is poison*³

Na época, era exatamente assim que eu me sentia. Percebia que as escolas estavam escondendo algo, nos drogando com uma falsa moralidade para que não enxergássemos, e assim não perguntássemos: Por que — para nós e apenas para nós — o outro lado do livre-arbítrio e do espírito livre é um ataque a nossos corpos? Não é uma preocupação exagerada. Quando os mais velhos nos apresentaram a escola, eles não a apresentaram como um lugar de alto aprendizado, mas como um meio de escapar da morte e do confinamento penal. Nada menos que 60% dos jovens negros que abandonam o ensino médio vão parar na cadeia. Isso deveria ser a desgraça do país. Mas não era. E embora eu não pudesse esmiuçar os números ou examinar a história, sentia que o medo que era a marca do oeste de Baltimore não podia ser explicado pelas escolas. Escolas não revelam verdades, elas as ocultam. Talvez tenham de ser queimadas para que se possa conhecer o cerne de tudo isso.

Inapto para a escola, e em boa medida querendo ser inapto para ela, e carente do entendimento necessário para dominar as ruas, senti que não havia saída para mim, ou, honestamente, para qualquer um. Os garotos e as garotas destemidos que malhavam para ficar em forma, que convocavam parceiros e bandos e, se necessário, sacavam armas, pareciam ter dominado as ruas. Mas seu conhecimento chegava ao máximo quando tinham dezessete anos, quando se aventuravam a sair da casa dos pais e descobriam que a América também tinha parceiros e bandos. Eu via seu futuro nos rostos cansados de suas mães se arrastando para o ônibus 28, batendo em garotos de três anos de idade e os xingando; via seu futuro nos homens que na esquina berravam obscenidades para uma jovem porque ela não lhes tinha sorrido. Alguns ficavam parados na porta de uma loja de bebidas esperando por alguns dólares para uma garrafa. Nós lhes dávamos uma nota de vinte e dizíamos para ficar com o troco. Eles entravam e voltavam com um Red Bull, Mad Dog ou Cisco. Íamos então para a casa de alguém cuja mãe trabalhava à noite, colocávamos “Fuck tha Police” [Foda-se a polícia] para tocar e bebíamos à nossa juventude. Não podíamos sair. O solo sobre o qual caminhávamos estava minado. O ar que respirávamos era tóxico. A água atrofiava nosso crescimento. Não podíamos sair.

Um ano depois de eu ter visto o garoto de olhos pequenos sacar uma arma, meu pai me bateu por ter deixado outro garoto me roubar. Dois anos depois ele me bateu por eu ter ameaçado minha professora do nono ano. Não ser violento o bastante poderia me custar o meu corpo. Ser violento demais poderia me custar o meu corpo. Não podíamos sair. Eu era um garoto capaz, inteligente, querido por todos, mas temeroso demais. E sentia, vagamente, sem palavras, que ser obrigado a viver com medo era uma grande injustiça. E qual era a origem desse medo? O que se escondia por trás da cortina de fumaça das ruas e escolas? E o que significava que os lápis número 2, conjugações sem contexto, teoremas de Pitágoras, apertos de mão e acenos de cabeça constituíssem a diferença entre vida e morte, as cortinas baixadas entre o mundo e eu?

Eu não podia encontrar um refúgio, como faziam muitos, na igreja e em seus mistérios. Meus pais rejeitavam quaisquer dogmas. Desprezávamos os feriados impingidos pelos que queriam ser brancos. Não suportávamos seus hinos. Não nos ajoelharíamos ante seu Deus. E assim eu não tinha o sentimento de que havia um Deus justo ao meu lado. “Os mansos herdarão a terra” não significava nada para mim. Os mansos eram surrados no oeste de Baltimore, pisoteados na Walbrook Junction, espancados em Park Heights e estuprados nos chuveiros da prisão municipal. Meu entendimento do universo era físico, e seu arco moral se inclinava para o caos e terminava numa caixa. Essa era a mensagem do garoto de olhos pequenos, sacando sua arma — uma criança dotada do poder de assassinar e de transformar outras crianças em memórias. O medo governava tudo em torno de mim, e eu sabia, como sabem os que são

negros, que esse medo estava conectado ao Sonho lá fora, aos garotos sem preocupações, a tortas e assados, às cercas brancas e aos gramados verdes transmitidos toda noite para nossos aparelhos de televisão.

Mas como? A religião não era capaz de me dizer. As escolas não eram capazes de me dizer. As ruas não eram capazes de me ajudar a enxergar além da luta de todo dia. E eu era um garoto muito curioso. Fui criado assim. Sua avó me ensinou a ler quando eu tinha apenas quatro anos. Também me ensinou a escrever, e aqui não se tratava simplesmente de saber organizar frases numa série de parágrafos, mas de organizá-las como um meio de investigação. Quando eu tinha problemas na escola (o que era muito frequente), ela me fazia escrever sobre isso. O texto tinha de responder a uma série de perguntas: Por que eu sentia necessidade de falar ao mesmo tempo que o professor? Por que eu não acreditava que o professor era digno de respeito? Como eu gostaria que os outros se comportassem enquanto eu estivesse falando? O que eu faria na próxima vez que tivesse vontade de falar com um colega no meio da aula? Passei a você as mesmas tarefas, não por achar que elas mudariam seu comportamento — certamente não mudaram o meu —, mas porque essas foram as primeiras manifestações de uma interrogação, de me tornar consciente das coisas. Sua avó não estava me ensinando como me comportar em classe. Estava me ensinando como interrogar impiedosamente quem mais despertava compaixão e racionalização — eu mesmo. Aí estava a lição: eu não era inocente. Meus impulsos não estavam imbuídos de uma infalível virtude. E se eu sentia que era humano como qualquer um, isso deveria ser verdade para outros humanos. Se eu não era inocente, então eles não eram inocentes. Essa mistura de motivações poderia afetar também as histórias que eles contavam? As cidades que construíam? O país que alegavam ter sido dado a eles por Deus?

Então as perguntas começaram a arder dentro de mim. O material para pesquisa estava todo a minha volta, na forma de livros reunidos por seu avô. Ele trabalhava como bibliotecário pesquisador no Centro de Pesquisa Moorland-Spingarn, na Universidade Howard, que tinha uma das maiores coleções de livros sobre a história dos povos africanos do mundo. Seu avô amava os livros e os ama até hoje. Eles estavam por toda a casa: livros sobre pessoas negras, escritos por pessoas negras, para pessoas negras, transbordando das prateleiras e da sala de estar, em caixas no porão. Meu pai foi um líder local no partido dos Panteras Negras. Li sobre os Panteras em todos os seus livros e em sua coleção de velhos jornais do partido. Fiquei atraído por suas armas, porque as armas pareciam honestas. Pareciam se dirigir a este país, que inventou as ruas e lhes deu segurança com uma polícia despótica, em sua linguagem primordial — a violência. E comparei os Panteras com os heróis que as escolas tinham me oferecido, homens e mulheres que me soavam ridículos e contrários a tudo que eu conhecia.

A cada fevereiro, meus colegas de turma e eu éramos arrebanhados para assembleias, para um ritual de revisão do Movimento dos Direitos Civis. Nossos professores destacavam os exemplos das marchas pela liberdade, os Freedom Riders e os Freedom Summers, e parecia que o mês não poderia passar sem uma série de filmes dedicados às glórias de ser espancado diante das câmeras. Os negros nesses filmes pareciam gostar das piores coisas na vida: dos cães que faziam seus filhos em pedaços, do gás lacrimogêneo que se agarrava em seus pulmões, dos jatos d'água que arrancavam suas roupas e os derrubavam nas ruas. Pareciam gostar dos homens que os estupravam, das mulheres que os xingavam, dos terroristas que os faziam explodir. *Por que estão nos mostrando isso?* Por que somente nossos heróis eram não violentos? Não estou falando da moralidade da não violência, mas da percepção de que os negros têm uma necessidade especial dessa moralidade. Naquela época tudo que eu podia fazer era avaliar esses amantes da liberdade pelo que eu sabia, isto é, eu os avaliava por crianças que sacavam armas no estacionamento da 7-Eleven, por pais que empunhavam fios de extensão e por: “E aí, crioulo, qual é que é agora?”. Eu os julgava pelo país que eu conhecia, que tinha adquirido a terra por meio do assassinato e a domara pela escravidão, pelo país cujos exércitos haviam se espalhado pelo mundo para estender seu domínio. O mundo, o real, estava assegurado pela civilização e governado por meios selvagens. Como as escolas poderiam valorizar homens e mulheres cujos valores a sociedade desprezava ativamente? Como poderiam nos mandar para as ruas de Baltimore, sabendo tudo que elas eram, e depois falar em não violência?



Passei a ver as ruas e as escolas como os braços da mesma besta. Uma desfrutava do poder oficial do Estado, enquanto a outra desfrutava de sua implícita sanção. Mas medo e violência eram o armamento de ambas. Cometa um erro nas ruas e os bandos irão pegá-lo e tomar seu corpo. Cometa um erro nas escolas e será suspenso e mandado de volta para as mesmas ruas, onde tomarão seu corpo. E comecei a ver a relação entre esses dois braços — os que falhavam na escola assim justificavam sua destruição nas ruas. A sociedade poderia dizer: “Ele deveria ter permanecido na escola”, e lavar as mãos.

Não importa que as “intenções” dos educadores, individualmente, tenham sido nobres. Esqueça as intenções. O que qualquer instituição, ou seus agentes, “tem a intenção” de fazer por você é secundário. Nosso mundo é físico. Aprenda a se defender — ignore a cabeça e mantenha os olhos no corpo. Muito poucos americanos vão declarar explicitamente que são a favor de deixar as pessoas negras nas ruas. Mas um grande número de americanos fará todo o possível para preservar o Sonho. Ninguém proclamou explicitamente que as escolas foram projetadas para santificar o fracasso e a destruição. Mas muitos educadores falaram de “responsabilidade individual” num país criado e sustentado por uma irresponsabilidade criminosa. A questão nesse linguajar de “intenção” e “responsabilidade individual” é uma ampla exoneração de culpas. Erros foram cometidos. Corpos foram quebrados. Pessoas foram escravizadas. Nossa intenção era boa. Tentamos o melhor possível. “Boa intenção” é um salvo-conduto através da história, um sonífero que garante o Sonho.

Um incessante questionamento das histórias que nos eram contadas pelas escolas parecia essencial. Parecia errado não perguntar por quê, e depois perguntar de novo. Levei essas questões a meu pai, que muito frequentemente se recusava a dar uma resposta, e em vez disso me recomendava mais livros. Minha mãe e meu pai estavam sempre me afastando de respostas de segunda mão — mesmo aquelas em que eles mesmos acreditavam. Não me consta que eu tenha jamais encontrado por mim mesmo uma resposta satisfatória. Mas a cada vez que eu perguntava, a pergunta estava mais refinada. Isso é a melhor coisa que as velhas cabeças estavam querendo dizer quando falavam de ser “politicamente consciente”— tanto uma série de ações como um modo de ser, um constante questionamento, o questionamento como ritual, questionamento como exploração mais do que como busca de certezas. Algumas coisas eram claras para mim: a violência que sustentou o país, tão flagrantemente exibida durante o Mês da História Negra, e a violência íntima do “E aí, crioulo, qual é que é agora?” não estão desassociadas. E essa violência não era mágica, mas parte constituinte de um projeto.

Mas qual era exatamente esse projeto? E por quê? Eu preciso saber. Preciso cair fora... mas para onde? Devorei os livros porque eram os raios de luz

espreitando através da porta, e talvez depois daquela porta houvesse outro mundo, além das garras do medo que sustentava o Sonho.

Nesse florescer da consciência, nesse período de intenso questionamento, eu não estava sozinho. Sementes plantadas na década de 1960, esquecidas por tantos, brotaram do chão e deram frutos. Malcolm X, que estava morto havia 25 anos, extrapolou o pequeno círculo de seus apóstolos sobreviventes e retornou ao mundo. Artistas de hip-hop o citavam em versos, inseriam partes de seus discursos nas pausas das canções ou mostravam sua imagem em seus vídeos. Era o início da década de 1990. Eu estava chegando ao fim do período em que vivi na casa dos meus pais e pensando em como seria minha vida fora dali. Naquela época, se eu pudesse escolher uma bandeira para mim, ela seria bordada com um retrato de Malcolm X, vestindo um terno, a gravata pendendo, uma das mãos segurando a cortina para espiar e a outra segurando um fuzil. O retrato expressava tudo que eu queria ser — controlado, inteligente, e já além do medo. Eu compraria gravações dos discursos de Malcolm — “Mensagem às bases populares”, “O voto ou a bala” — na Everyone’s Place, uma livraria de negros na North Avenue, e os ouviria no walkman. Aí estava toda a angústia que eu sentia antes dos heróis de fevereiro, destilada e citável. “Não desista da vida, preserve-a”, ele diria. “Mas se tiver de desistir, que seja num enfrentamento, num mano a mano.” Não era arrogância, era uma declaração de igualdade fundamentada não nos anjos melhores ou num espírito intangível, mas na santidade de um corpo negro. Sua vida deveria ser preservada porque seu corpo era tão bom quanto o de qualquer um, porque seu sangue era tão precioso quanto uma joia, e nunca deveria ser cedido em troca de magia, em troca de *spirituals* inspirados no incognoscível além-mundo. Você não deve dar seu precioso sangue aos cassetetes dos xerifes de Birmingham nem à insidiosa gravidade das ruas. Negro é lindo, *black is beautiful* — o que vale dizer que o corpo negro é belo, que o cabelo negro deve ser defendido da tortura de um processo e da mentira, que a pele negra deve ser defendida da descoloração, que nossos narizes e nossas bocas devem ser protegidos da cirurgia moderna. Todos somos nossos belos corpos, e assim nunca devemos nos prostrar ante os bárbaros, submeter nosso eu original, nosso um de um só, à profanação e à pilhagem.

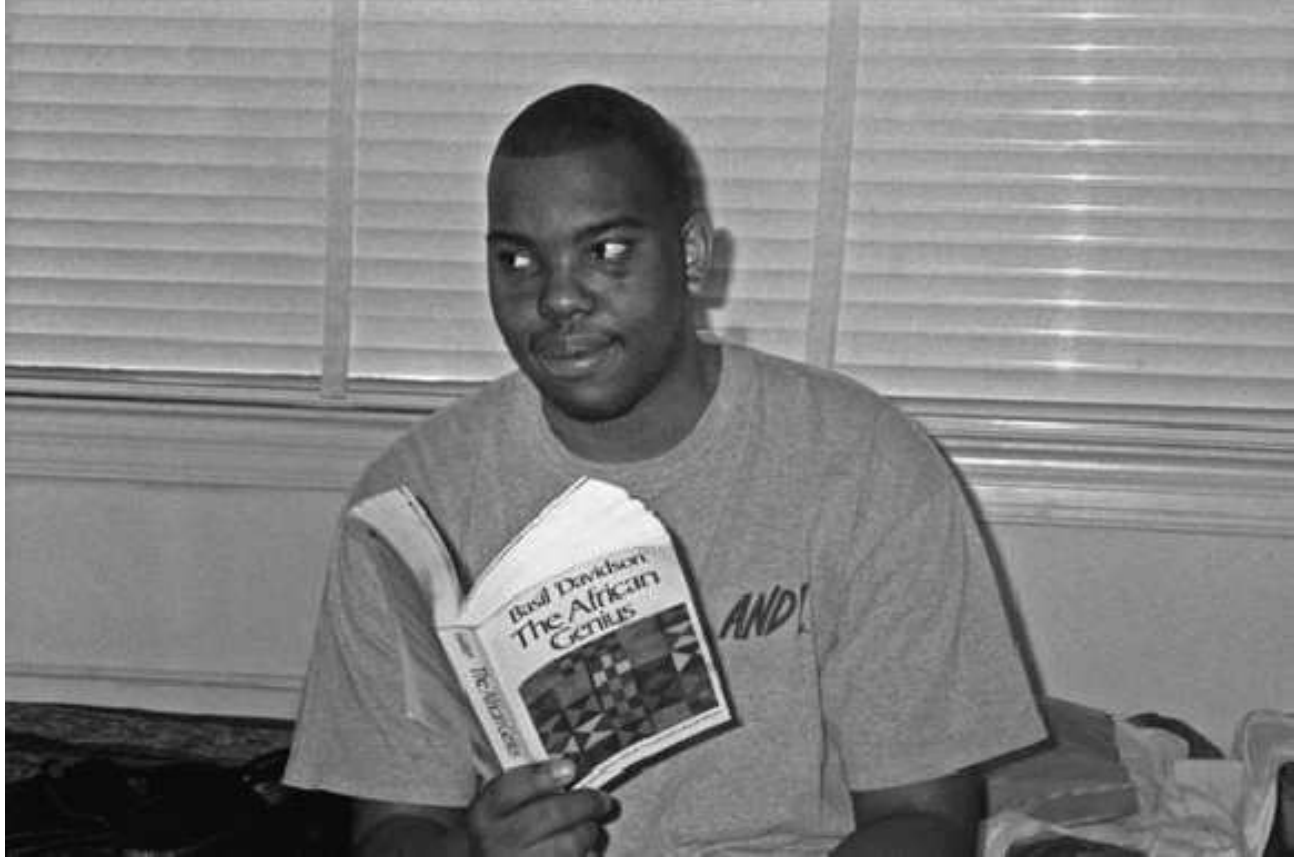
Eu gostava de Malcolm porque Malcolm nunca mentia, ao contrário das escolas em sua fachada de moralidade, ao contrário das ruas e suas bravatas, ao contrário do mundo dos sonhadores. Eu gostava dele porque ele fazia tudo ser claro e simples, nunca místico ou esotérico, porque sua ciência não tinha raízes nas ações de espectros ou deuses misteriosos, mas no funcionamento do mundo físico. Malcolm foi o primeiro político pragmático que conheci, o primeiro homem honesto de quem já tinha ouvido falar. Ele não se preocupava em fazer com que as pessoas que se acreditavam brancas ficassem confortáveis nessa sua crença. Se estava com raiva, ele o dizia. Se odiava, era porque é humano que o

escravizado odeie o escravizador, tão natural quanto Prometeu odiar os pássaros. Ele não lhe daria a outra face. Ele não seria um homem melhor para você. Não seria sua moralidade. Malcolm falava como um homem livre, como um homem negro acima das leis que proscraviam nossa imaginação. Eu me identificava com ele. Sabia que tinha sido exasperado pelas escolas, que quase fora condenado pelas ruas. Mas, ainda mais do que isso, sabia que encontrara a si mesmo enquanto estudava na prisão, e que quando emergiu do cárcere voltou exercendo algum antigo poder que o fazia falar como se seu corpo fosse dele mesmo. “Se você é negro, você nasceu na prisão”, dizia Malcolm. E eu sentia a verdade que havia nisso nos quarteirões que tinha de evitar, nas horas do dia em que não podia ser pego caminhando da escola para casa, no fato de não controlar meu corpo. Talvez eu também pudesse viver livre. Talvez também pudesse exercer o mesmo antigo poder que animava os ancestrais, que vivia em Nat Turner, Harriet Tubman, Nanny, Cudjoe, Malcolm X, e falar — ou melhor, agir — como se meu corpo pertencesse a mim mesmo.

Minha recuperação seria alcançada, como a de Malcolm, por meio de livros, por meio do meu próprio estudo e da minha própria exploração. Talvez eu devesse algum dia escrever algo importante. Eu já estava lendo e escrevendo, durante toda a minha vida, numa abrangência que ia além da escola. Já andava rabiscando versos de rap e poesia ruins. O ambiente naquela época estava carregado com o chamado por um retorno, para coisas antigas, para algo essencial, uma parte de nós que tinha sido deixada para trás, na louca corrida para fora do passado e para dentro da América.

Essa coisa que faltava, essa essência perdida, explicava os garotos na esquina e “os bebês que tinham bebês”. Explicava tudo, desde nossos pais exaustos até o HIV e a pele descolorida de Michael Jackson. A coisa que faltava estava relacionada com a pilhagem de nossos corpos, com o fato de que toda reivindicação que fazíamos de nós mesmos, das mãos que nos defendiam, da espinha que nos sustentava e da cabeça que nos dirigia, era contestável. Isso foi dois anos antes da Marcha de Um Milhão de Homens. Quase todo dia eu botava para tocar o álbum de Ice Cube, *Death Certificate* [Certidão de óbito]: “Let me live my life, if we can no longer live our life, then let us give our life for the liberation and salvation of the black nation”.⁴ Toda semana eu assistia aos episódios sobre o Black Power em *Eyes on the Prize*. Era assombrado pelo espectro da geração do meu pai, por Fred Hampton e Mark Clark. Era assombrado pelo sacrifício físico de Malcolm, por Attica e Stokely. Era assombrado porque acreditava que tínhamos nos deixado ficar para trás, desarvorados pelo COINTELPRO e pela fuga dos negros para os subúrbios das cidades e pelas drogas, e agora, na era do crack, tudo que tínhamos eram nossos medos. Talvez pudéssemos retroceder. Era isso que eu ouvia na conclamação

primordiais, a nossa própria rudeza, a nosso próprio e rude cabelo. Talvez devêssemos retornar a Meca.



Minha única Meca era, e sempre será, a Universidade Howard. Tentei explicar isso a você muitas vezes. Você diz que me ouve, que compreende, mas não tenho tanta certeza de que a força da minha Meca — A Meca — possa ser traduzida para sua nova e eclética língua. Nem mesmo tenho certeza de que deveria. Minha tarefa é lhe dar o que sei de meu próprio caminho enquanto o deixo percorrer o seu. Você não pode ser negro como eu sou negro mais do que eu pude ser negro como seu avô era. E, ainda assim, sustento que, mesmo para um garoto cosmopolita como você, há algo que se pode encontrar lá — uma base, mesmo nestes tempos modernos, um porto na tempestade americana. Certamente estou sendo parcial, com propensão para a nostalgia e a tradição. Seu avô trabalhou em Howard. Seus tios Damani e Menelike suas tias Kris e Kelly se graduaram lá. Foi lá que conheci sua mãe, seu tio Ben, sua tia Kamilah e tia Chana.

Fui admitido na Universidade Howard, mas me formei e tomei forma na Meca. Essas duas instituições são relacionadas mas não são a mesma coisa. A Universidade Howard é uma instituição de ensino superior, que se preocupa com o LSAT (Conselho de Admissão em Escolas de Direito), a *magna cum laude* e a Phi Beta Kappa. A Meca é uma máquina forjada para capturar e concentrar a energia escura de todos os povos africanos e injetá-la diretamente em seus alunos. A Meca extrai seu poder do legado da Universidade Howard, que na época de Jim Crow usufruía de um quase monopólio de talento negro. E enquanto a maior parte das demais escolas historicamente negras foi espalhada, como fortalezas, no grande deserto da antiga Confederação, Howard estava em Washington — e, assim, próxima tanto do poder federal quanto do poder negro. O resultado foi um corpo de alunos e professores que abrangeu gêneros e gerações — Charles Drew, Amiri Baraka, Thurgood Marshall, Ossie Davis, Doug Wilder, David Dinkins, Lucille Clifton, Toni Morrison, Kwame Touré. A história, a locação e os alunos combinaram-se para criar A Meca — a encruzilhada da diáspora negra.

Testemunhei pela primeira vez esse poder no Yard, aquele espaço verde comunitário no centro do campus no qual os estudantes se reuniam e onde eu via tudo que conhecia de meu eu negro multiplicado em variações aparentemente infinitas. Havia os descendentes dos aristocratas nigerianos em seus ternos, cumprimentando Qs de cabeças calvas em suas parcas púrpura e sapatos Timberland amarelados. Havia os pregadores da Igreja Metodista Episcopal Africana de pele clara debatendo com os clérigos da Ausar-Set, de inclinação pan-africana. Havia garotas da Califórnia, muçulmanas convertidas, renascidas, vestindo *hijab* e saia comprida. Havia estelionatários e adeptos do cristianismo, fanáticos do Tabernáculo e gênios da matemática. Era como escutar cem versões diferentes da “Redemption Song”, de Bob Marley, cada uma com uma interpretação e uma tonalidade diferentes. E além de tudo isso havia a história da

própria Howard. Eu sabia que estava, literalmente, seguindo as pegadas de todas as Toni Morrison e Zora Neale Hurston, de todos os Sterling Browns e Kenneth Clarks que tinham estado ali antes. A Meca — a vastidão de pessoas negras ao longo do espaço-tempo — podia ser experimentada numa caminhada de vinte minutos pelo campus. Vi essa vastidão nos estudantes que se acotovelavam diante do Frederick Douglass Memorial Hall, onde Muhammad Ali se dirigira a seus pais e mães em desafio à Guerra do Vietnã. Vi seu épico alcance nos estudantes junto ao Ira Aldridge Theater, onde Donny Hathaway cantara uma vez, onde Donald Byrd uma vez reunira sua congregação. Os estudantes vinham com seus saxofones, trompetes e tambores, tocavam “My Favorite Things” ou “Someday My Prince Will Come”. Alguns estavam no gramado em frente ao Alain Locke Hall, vestindo rosa e verde, entoando cânticos, cantando, batendo pés e palmas, sapateando. Alguns tinham vindo do Tubman Quadrangle com seus colegas de quarto, e traziam uma corda para um *double dutch* — jogo em que duas pessoas saltam duas cordas ao mesmo tempo. Alguns vinham de Drew Hall, com os bonés para o lado e as mochilas penduradas num dos braços, e depois se entregavam a belas cifras de *beatbox* e rima. Algumas garotas sentavam-se ao pé do mastro da bandeira com a imagem da escritora feminista bell hooks e Sonia Sanchez e suas bolsas de palha. Alguns rapazes, com seus novos nomes em iorubá, assediavam essas garotas, citando Frantz Fanon. Alguns estudavam russo. Alguns trabalhavam em laboratórios de análise de ossos. Eram panamenhos. Eram *bajan*. E alguns eram de lugares dos quais eu nunca tinha ouvido falar. Mas todos eram calorosos e incríveis, até mesmo exóticos, embora fôssemos todos naturais da mesma tribo.

O mundo negro expandia-se diante de mim, e eu podia ver agora que esse mundo era mais do que um negativo daqueles que acreditavam serem brancos. A “América Branca” é um sindicato arranjado de modo a proteger seu poder exclusivo de dominar e controlar nossos corpos. Esse poder às vezes é direto (linchamento) e às vezes é insidioso (estabelecimento de limites). Mas, como quer que se apresente, o poder de dominação e de exclusão é central na crença de ser branco, e, sem ele, “pessoas brancas” deixariam de existir por falta de razões. Certamente sempre haverá pessoas com cabelos lisos e olhos azuis, como tem havido durante toda a história. Mas algumas dessas pessoas de cabelos lisos e olhos azuis foram “negras”, e isso demonstra a grande diferença entre o mundo delas e o nosso. Não escolhemos nossas cercas. Elas nos foram impostas por plantadores da Virgínia obcecados em escravizar tantos americanos quanto possível. Foram eles que vieram com a regra de uma gota, que separou os “brancos” dos “negros”, mesmo que isso significasse que seus próprios filhos de olhos azuis viveriam sob o chicote. O resultado é uma gente, gente negra, que corporifica todas as variedades físicas e cujas histórias de vida espelham essa

política de corpo segregado, cosmopolitas. A diáspora negra não era somente nosso mundo próprio, mas, de muitas maneiras, o próprio mundo ocidental.

Ora, os herdeiros desses plantadores da Virgínia nunca conseguiram reconhecer diretamente esse legado ou avaliar seu poder. E, assim, aquela beleza que Malcolm nos fez jurar proteger, a beleza negra, nunca foi celebrada em filmes, na televisão ou nos livros escolares que eu vi quando criança. Todo mundo com alguma importância, de Jesus a George Washington, era branco. Foi por isso que seus avós baniram o Tarzan e o Cavaleiro Solitário de casa, assim como brinquedos com rostos brancos. Eles estavam se rebelando contra os livros de história que falavam dos negros apenas como sentimentais “primeiros” — primeiro general de cinco estrelas negro, primeiro congressista negro, primeiro prefeito negro —, sempre apresentados de maneira divertida, como num jogo. História de verdade tinha a ver com o Ocidente, e o Ocidente era branco. Para mim, tudo isso estava destilado numa citação do romancista Saul Bellow que li certa vez, não lembro onde ou quando — só lembro que já estava em Howard. “Quem é o Tolstói dos zulus?”, gracejou Bellow. Tolstói era “branco”, e assim “importava”, como tudo o mais que era branco. E essa maneira de ver estava associada ao medo que perpassava as gerações, à sensação de expropriação. Éramos negros, estávamos além do espectro visível, além da civilização. Nossa história era inferior porque éramos inferiores, o que vale dizer que nossos corpos eram inferiores. E a nossos corpos inferiores não seria possível atribuir o mesmo respeito que se atribuía àqueles que tinham construído o Ocidente. Não seria melhor, então, que nossos corpos fossem civilizados, melhorados, postos a serviço de um legítimo uso cristão?

Como oposição a essa teoria, eu tinha Malcolm. Tinha minha mãe e meu pai. Tinha minhas leituras de cada uma das edições das revistas *The Source* e *Vibe*. Eu as lia não apenas porque gostava de música negra — eu gostava —, mas pelo próprio texto. Os escritores Greg Tate, Chairman Mao, dream hampton — pouco mais velhos do que eu — estavam ali criando uma nova linguagem, que eu compreendia intuitivamente, para analisar nossa arte, nosso mundo. Isso era, em si mesmo e por si mesmo, um argumento a favor do peso e da beleza da nossa cultura e, portanto, dos nossos corpos. E agora, todo dia lá fora no Yard, eu sentia esse peso e via essa beleza, não só como uma questão teórica, mas como um fato demonstrável. E queria desesperadamente comunicar ao mundo essa evidência, porque sentia — mesmo sem saber inteiramente como — que o apagamento da beleza negra no âmbito da cultura estava intimamente associado à destruição de corpos negros.

Era preciso uma nova história, uma nova história contada através da lente da nossa luta. Eu sempre soube disso, tinha ouvido dessa necessidade em Malcolm, tinha visto essa necessidade mencionada nos livros do meu pai. Ela estava na promessa que se escondia atrás de seus grandes títulos — *Children of*

the Sun [Filhos do sol], *Wonderful Ethiopians of the Ancient Kushite Empire* [Maravilhosos etíopes do antigo império Cuchita], *The African Origins of Civilization* [As origens africanas da civilização]. Aí estava não somente a nossa história, mas a história do mundo, transformada em arma para nossos nobres fins. Aí estava a matéria primordial do nosso Sonho — o sonho de uma “raça negra” —, do nosso próprio Tolstói, que vivia na profundidade do passado africano, no qual compúnhamos óperas, éramos pioneiros nos segredos da álgebra, erguíamos muros ornamentados, pirâmides, colossos, pontes, estradas e todas as invenções que eu achava que deveriam qualificar a linhagem de alguém nas fileiras da civilização. Eles tinham seus campeões, e em algum lugar temos de ter os nossos. A essa altura eu tinha lido Chancellor Williams, J. A. Rogers e John Jackson — escritores centrais no cânone da nossa nova e nobre história. Por meio deles eu soube que Mansa Musa, do Mali, era negro, Shabaka, do Egito, era negro e Yaa Asantewaa, de Ashanti, era negra — e que a “raça negra” era uma coisa que eu supunha existir desde tempos imemoriais, uma coisa real e importante.

Quando cheguei a Howard, *Destruction of Black Civilization* [Destruição da civilização negra], de Chancellor Williams, era minha Bíblia. O próprio Williams tinha lecionado em Howard. Eu o li quando tinha dezesseis anos, e sua obra oferecia uma formidável teoria de uma pilhagem europeia multimilenar. A teoria aliviou certas preocupações que eu tinha — e aí entra o nacionalismo — e me deu o meu Tolstói. Li sobre a rainha Ginga, que governou na África Central no século XVI, resistindo aos portugueses. Li sobre a negociação dela com os holandeses. Quando o embaixador holandês tentou humilhá-la, recusando-lhe uma cadeira, ela demonstrou seu poder ordenando a uma de suas conselheiras que ficasse de quatro para formar uma cadeira humana com seu corpo. Aquele era o tipo de poder que eu buscava, e a história da nossa própria realeza tornou-se para mim uma arma. A teoria em vigor para mim era a de que todos os negros eram reis no exílio, uma nação de homens originais alijados de seus nomes originais e de sua majestosa cultura núbica. Sem dúvida, foi essa a mensagem que extraí de ficar olhando para o Yard. Teria algum povo, em qualquer lugar, sido tão espalhado e tão belo como nós?

Eu precisava de mais livros. Na Universidade Howard, uma das maiores coleções de livros encontrava-se no Centro de Pesquisa Moorland-Spingarn, onde seu avô certa vez trabalhou. O Moorland mantinha arquivos, documentos, coleções e praticamente qualquer livro já escrito por ou sobre pessoas negras. Nos períodos mais significativos do meu tempo na Meca eu seguia um ritual simples. Entrava na sala de leitura do Moorland e preenchia três fichas de requisição de livros, para três obras diferentes. Sentava-me a uma das compridas mesas. Pegava minha caneta e um de meus cadernos de redação. Abria os livros e lia, preenchendo o caderno com anotações sobre o que lia, palavras novas em

requisitava, três fichas de cada vez, as obras de qualquer escritor de que tivesse ouvido falar em sala de aula ou fora, no Yard: Larry Neal, Eric Williams, George Padmore, Sonia Sanchez, Stanley Crouch, Harold Cruse, Manning Marable, Addison Gayle, Carolyn Rodgers, Etheridge Knight, Sterling Brown. Lembro-me de acreditar que a chave de toda a vida estava em articular a diferença exata entre “estética negra” e “negritude”. Como, especificamente, a Europa tinha subdesenvolvido a África? Eu precisava saber. E se os faraós da 18ª dinastia estivessem vivos hoje, eles viveriam no Harlem? Eu tinha de inalar todas as páginas.

Comecei essa investigação imaginando que a história fosse uma narrativa unificada, indiscutível, a qual, uma vez revelada, simplesmente confirmaria tudo de que um dia eu suspeitara. A cortina de fumaça se esvairia. E os vilões que manipulavam as escolas e as ruas seriam desmascarados. Mas havia tanta coisa para aprender — tanta geografia a se cobrir — África, o Caribe, as Américas, os Estados Unidos. E todos estes lugares tinham histórias, cânones literários, trabalho de campo, etnografias. Por onde começar?

A dificuldade foi quase imediata. Não encontrei uma tradição coerente com a história que marchasse coordenada com ela, mas, em vez disso, facções, e facções dentro de facções. Hurston combatia Hughes, Du Bois enfrentava Garvey, Harold Cruse lutava com todo mundo. Tive a sensação de estar na ponte de comando de um grande navio que eu não conseguia controlar porque C.L.R. James era uma grande onda e Basil Davidson um vertiginoso redemoinho a me sacudir. Coisas nas quais eu acreditava uma semana antes, ideias que tinha tirado de um livro, poderiam ser estilhaçadas por outro. Teríamos conservado algo de nossa herança africana? Frazier diz que tudo foi destruído, e essa destruição evidencia quão terríveis foram nossos captores. Herskovitz diz que ela perdura até hoje, e isso evidencia a resiliência de nosso espírito africano. Em meu segundo ano era natural para mim passar um simbólico dia mediando entre a integração na América de Frederick Douglass e a escapada para o nacionalismo de Martin Delany. Talvez, de algum modo, ambos estivessem certos. Eu tinha chegado ali esperando assistir a um desfile, a uma revista militar de campeões marchando em fileiras. Em vez disso me vi numa rixa de ancestrais, um bando de dissidentes, às vezes marchando juntos mas com a mesma frequência afastando-se uns dos outros.

Eu fazia pausas nas leituras, passeava entre os vendedores nas calçadas, almoçava no Yard. Pensava em Malcolm, imaginava seu corpo preso numa cela, estudando os livros, trocando seus olhos humanos pelo poder da luta. Eu também me sentia preso por minha ignorância, pelas questões que ainda não tinha entendido serem mais do que somente meios, por minha falta de entendimento e pela própria Howard. Afinal, também era uma escola. Eu queria ir atrás das coisas, saber coisas, mas não conseguia alcançar os meios de conhecimento que

me vinham naturalmente junto com as expectativas dos professores. Ir atrás do saber era, para mim, liberdade, o direito de declarar a própria curiosidade e procurar satisfazê-la em todos os tipos de livros. Eu era feito para a biblioteca, não para a sala de aula. A sala de aula era uma prisão, para os interesses de outras pessoas. A biblioteca era aberta, sem fim, livre. Lentamente, eu estava me descobrindo. As melhores partes do discurso de Malcolm apontavam o caminho. Malcolm, sempre em mutação, sempre evoluindo para alguma verdade que estava, afinal, além das fronteiras da vida, do corpo. Eu me sentia em movimento, ainda em direção à posse total do meu corpo, mas em alguma outra rota que antes disso não poderia ter imaginado.

Eu não estava fazendo essa busca sozinho. Conheci seu tio Ben na Meca. Ele era, assim como eu, de uma dessas cidades onde a vida cotidiana era tão diferente do Sonho que demandava uma explicação. Ele tinha vindo à Meca, assim como eu, em busca da natureza, ou origem, dessa brecha. Compartilhávamos um saudável ceticismo e uma crença profunda de que poderíamos achar nosso caminho para sair. As mulheres gostavam dele, e que lugar para ser amado! — pois dizia-se, e nós com certeza acreditávamos ser verdade, que em nenhum lugar da Terra era possível encontrar uma reunião mais bela de mulheres do que no Yard da Universidade Howard. E de algum modo até mesmo isso era parte da busca — a beleza física do corpo negro era toda a nossa beleza encarnada, a histórica e a cultural. Seu tio Ben tornou-se um companheiro de viagem pela vida, e descobri que havia algo de especial em fazer uma jornada com uma pessoa negra que conhecia a extensão da estrada porque a tinha percorrido também.

Eu saía e caminhava até a cidade e encontrava outros que faziam a mesma busca, em conferências, noites de autógrafos em lançamentos de livro e leituras de poesia. Eu ainda estava escrevendo má poesia. Lia essa má poesia ao microfone em cafés locais, na maioria povoado por outros poetas que também se sentiam inseguros em relação a seus corpos. Todos esses poetas eram mais velhos e mais sábios do que eu, e muitos deles eram muito lidos, e fizeram essa sabedoria ser relevante em mim e em minha obra. O que eu quis dizer *especificamente* ao me referir à perda do meu corpo? E se cada corpo negro era precioso, único, se Malcolm estava certo e era preciso preservar sua vida, como eu poderia ver essas vidas preciosas como uma simples massa coletiva, um amorfo resíduo de pilhagem? Como poderia privilegiar o espectro da energia escura em detrimento de cada raio específico de luz? Essas eram anotações sobre como escrever, e portanto sobre como pensar. O Sonho prospera na generalização, na limitação do número de possíveis perguntas, ao privilegiar respostas imediatas. O Sonho é o inimigo de toda arte, do pensamento corajoso e da escrita honesta. E ficou claro que isso não valia só para os sonhos fabricados por americanos para se iustificarem, mas também para os sonhos que eu tinha

fabricado para substituir aqueles. Eu tinha pensado que devia me espelhar no mundo de fora, criar uma cópia em carbono das reivindicações brancas à civilização. Começava a me ocorrer questionar a lógica da reivindicação em si mesma. Eu tinha esquecido minhas próprias autointerrogações, impostas a mim por minha mãe, ou então ainda não tinha percebido seu significado mais profundo, mais duradouro. Eu estava apenas começando a aprender a ser cauteloso quanto à minha própria humanidade, minha própria mágoa e raiva — ainda não tinha me dado conta de que a bota pousada em seu pescoço pode tanto fazê-lo delirar quanto enobrecê-lo.

A arte da qual eu começava a gostar vivia nesse vazio, nesse ainda desconhecido, no sofrimento, na pergunta. Os poetas mais velhos me apresentavam a artistas que extraíam sua energia do vazio — Bubber Miley, Otis Redding, Sam e Dave, C. K. Williams, Carolyn Forché. Os poetas mais velhos eram Ethelbert Miller, Kenneth Carroll, Brian Gilmore. É importante lhe dizer os nomes deles, para que você saiba que nunca consegui nada sozinho. Lembro-me de estar sentado com Joel Dias-Porter, que não tinha ido para Howard mas era alguém que encontrei na Meca, resenhando cada verso de “Middle Passage” [Travessia dos navios negreiros], de Robert Hayden. E fiquei pasmo com o quanto Hayden conseguia dizer sem aparentemente dizer coisa alguma — ele conseguia expressar alegria e agonia sem escrever literalmente as palavras, que se configuravam como figuras, e não como slogans. Hayden imaginava os escravizados, durante a travessia dos navios negreiros, da perspectiva dos escravizadores — para mim, uma viagem da mente, em si mesma e por si mesma; por que se deveria permitir que o escravizador falasse? Mas os poemas de Hayden não falavam. Eles conjuravam:

*You cannot stare that hatred down
or chain the fear thas stalk the watches*⁵

Eu não estava num navio de escravos. Ou talvez estivesse, porque enxerguei na obra de Hayden muito daquilo que tinha sentido em Baltimore, o desejo imortal e a interminável vontade. E era isso que eu tinha ouvido em Malcolm, mas nunca dessa maneira — tranquila, pura e sem adornos. Eu estava aprendendo a técnica da poesia, que era na realidade uma versão intensiva do que minha mãe tinha me ensinado todos aqueles anos antes — a técnica de escrever como a arte de pensar. A poesia visa a uma economia da verdade —

vagas e inúteis não estavam apartadas de pensamentos vagos e inúteis. A poesia não era simplesmente a transcrição de noções — uma bela escrita raramente é. Eu queria aprender a escrever, o que em última análise era, ainda, como minha mãe tinha me ensinado, uma confrontação com minha própria inocência, minhas próprias racionalizações. A poesia era o processamento de meus pensamentos até que a escória da autojustificação fosse eliminada e eu fosse deixado com o frio aço das verdades da vida.

Essas verdades eu tinha ouvido nas obras de outros poetas por toda a cidade. Eram feitas de pequenas coisas concretas: tias e tios, fumar depois do sexo, garotas nos degraus da frente bebendo em vidros de conservas. Essas verdades levavam o corpo negro para além dos slogans e lhe davam cor e textura, refletindo assim o espectro do que eu tinha visto no Yard mais do que toda a minha fala aliterativa sobre armas ou revoluções ou hinos às dinastias perdidas da antiguidade africana. Depois dessas leituras, eu continuava com os poetas, de pé na U Street ou restaurando-nos num café e discutindo sobre tudo — livros, política, boxe. E essas discussões reforçavam a tradição de discordância que eu tinha encontrado no Moorland, e comecei a ver na discordância, na discussão, no caos, talvez até mesmo no medo, uma espécie de poder. Estava aprendendo a viver na inquietação que senti no Moorland-Spingarn, na confusão que havia em minha mente. O corrosivo desconforto, o caos, a vertigem intelectual não eram um alarme. Eram um farol.

Começou a impactar-me a ideia de que minha educação era uma espécie de desconforto, era o processo que não me premiaria com meu próprio e especial Sonho, e sim romperia todos os sonhos, todos os confortantes mitos da África, da América e de toda parte, deixando-me apenas com minha condição humana, com tudo que tinha de terrível. E havia tanta coisa terrível lá fora, mesmo entre nós. Você deve compreender isso.

Naquela época, eu sabia, por exemplo, que bem próximo, fora de Washington, D.C., havia um grande enclave de pessoas negras que pareciam ter, tanto quanto quaisquer outras, assumido o controle de seus corpos. Esse enclave era o condado de Prince George — “PG County” para os locais —, e era, a meu ver, muito rico. Seus habitantes tinham as mesmas casas, com os mesmos quintais, os mesmos banheiros que eu tinha visto naquelas transmissões da TV. Eram negros que tinham elegido seus próprios políticos, mas esses políticos, vim a saber, comandavam uma força policial tão nefasta quanto qualquer outra na América. Eu tinha ouvido histórias sobre PG County dos mesmos poetas que abriram meu mundo. Esses poetas me garantiram que a polícia do PG County não era absolutamente polícia, mas corsários, gângsteres, pistoleiros, saqueadores operando à sombra da lei. Disseram-me isso porque queriam proteger meu corpo. Mas aqui havia outra lição: ser negro e bonito não era motivo de regozijo. Ser negro não nos imunizava à lógica da história ou ao engodo do Sonho. O

escritor, e era isso que eu estava me tornando, deve ser cauteloso em relação a todo Sonho e toda nação, mesmo sua própria nação. Talvez sua própria nação mais do que qualquer outra.

Comecei a sentir que para ser verdadeiramente livre seria necessário mais do que um estojo de troféu, e isso eu tinha de agradecer ao Departamento de História da Universidade Howard. Meus professores de história não ficaram incomodados ao me dizer que minha busca por um mito estava condenada, que as histórias que eu queria contar a mim mesmo não poderiam equivaler a verdades. Na realidade, eles sentiam que era seu dever fazer com que eu me desiludisse de uma história que eu tinha transformado em arma. Tinham deparado com muitos malcolmistas antes, e estavam preparados. Seu método era rude e direto. A pele negra realmente transmite nobreza? Sempre? *Sim*. E quanto aos negros que aderiram ao comércio escravista durante um milênio e venderam escravos através do Saara e depois através do mar? *Vítimas de uma trapaça*. Seriam estes os reis negros que deram origem a toda nossa civilização? Eram eles então os senhores da galáxia depostos e ao mesmo tempo títeres ingênuos? E ao que me refiro como “negro”? *Você sabe, negro*. Penso eu que esta é uma categoria perene que se estende no passado mais profundo? *Sim*? Posso pensar que, simplesmente porque a cor é importante para mim, sempre foi assim?

Lembro-me de participar de uma pesquisa de turma focada na África Central. Minha professora, Linda Heywood, era pequena e magra, usava óculos e falava com um forte sotaque do Trinidad, que ela usava como um martelo contra jovens estudantes como eu, que confundiam *agitprop* com estudo intenso. Não havia nada romântico no que tangia à África dela, ou melhor, não havia nada que fosse romântico no sentido em que eu concebia isso. E ela voltou à questão do legado da rainha Ginga — meu Tolstói —, exatamente a mesma Ginga cuja vida eu queria pôr em minha prateleira de troféus. Mas quando ela contou a história de Ginga conduzindo negociações sentada nas costas de uma mulher, foi sem nenhum brilho fantástico, e isso me atingiu tão duramente quanto o murro de um babaca qualquer: entre todas as pessoas naquela sala, tantos séculos atrás, meu corpo, facilmente quebrável, a perigo nas ruas, cheio de medo nas escolas, não estava mais próximo ao da rainha, mas ao de sua conselheira, que tinha sido quebrado para ser uma cadeira de modo que a rainha, herdeira de tudo que sempre tinha visto, pudesse sentar.

Fiz uma pesquisa sobre a Europa pós-1800. Vi negros, representados através de olhos “brancos”, diferentes de tudo que tinha visto antes — pareciam régios e humanos. Lembro-me do rosto suave de Alexandre de Médiçi, do porte real da magia negra de Bosch. Essas imagens, feitas nos séculos XVI e XVII, contrastavam com aquelas criadas depois do advento da escravatura, as caricaturas de Sambo que eu sempre conhecera. Qual era a diferença? No

desenhadas da mesma maneira voraz, libidinosa e simiesca. Talvez tenha havido outros corpos, ridicularizados, aterrorizados e inseguros. Talvez os irlandeses também tenham perdido seus corpos. Talvez ser chamado de “negro” não tenha nada a ver com nada disso; talvez “negro” seja apenas o termo de alguém para dizer que está por baixo, no fundo, um homem tornado objeto, um objeto tornado pária.

Perceber todas essas coisas foi um peso. Elas eram fisicamente dolorosas e exaustivas. Eu estava começando a desfrutar a tontura, a vertigem que sempre vem com qualquer odisséia. Mas, nesses primeiros momentos, as incessantes contradições causaram-me tristeza. Não havia nada de sagrado ou particular em minha pele; eu era negro por uma questão de história e herança. Não havia nobreza na queda, em estar amarrado, em viver oprimido, e não havia um significado inerente ao sangue negro. E agora eu reconsiderava minha necessidade de uma prateleira de troféus, o desejo de viver segundo os padrões de Saul Bellow, e senti que essa necessidade não era uma fuga, mas, de novo, medo — medo de que “eles”, os pretensos criadores e herdeiros do universo, estivessem certos. E esse medo tinha curso tão profundo que aceitávamos seus padrões de civilização e de condição humana.

Mas não todos nós. Deve ter sido por volta daquela época que descobri um ensaio de Ralph Wiley no qual ele respondia ao gracejo de Bellow. “Tolstói é o Tolstói dos zulus”, escreveu Wiley. “A menos que você ache por bem cercar propriedades universais da humanidade para uma posse tribal exclusiva.” E lá estava. Eu tinha aceitado a premissa de Bellow. De fato, Bellow não estava mais próximo de Tolstói do que eu estava de Ginga. E se eu estivesse mais próximo seria por opção própria, e não devido a um destino escrito no DNA. Meu grande erro não fora aceitar o sonho de outros, mas o próprio fato de sonhar, a necessidade de escape e a invenção do *racecraft*.

Tudo que eu sabia era que *éramos* alguma coisa, que *éramos* uma tribo — por um lado, inventada, e por outro, não menos real. A realidade estava lá no Yard, no primeiro dia quente de primavera, quando parecia que cada setor, bairro, afiliação, condado, cada canto da vasta diáspora tinha enviado um representante para a grande festa mundial. Lembro-me daqueles dias como uma canção do OutKast, pintada com desejo e alegria. Um homem calvo nas sombras, usando camiseta sem mangas, do outro lado de Blackburn, o centro estudantil, com uma comprida jiboia envolvendo seus ombros musculosos. Atenta à cena, uma mulher com calça jeans desbotada e tranças rastafári atiradas para trás olha para ele de esguelha, desaprovando, e ri. Estou do lado de fora da biblioteca debatendo a tomada do Congresso pelos republicanos ou o lugar do grupo de hip-hop Wu-Tang Clan no cânone. Um cara vestindo uma camiseta Tribe Vibe vem até nós, nos cumprimentamos, falamos sobre as bacanais negras da temporada — Freaknik Daytona Virginia Beach — e nos

perguntamos se este será o ano em que faremos essa viagem. Não é. Porque temos tudo de que necessitamos no Yard. Estamos deslumbrados aqui porque ainda lembramos as cidades quentes em que nascemos, onde os primeiros dias de primavera eram contaminados pelo medo. E agora, aqui na Meca, não temos medo, somos o espectro escuro em desfile.

Esses foram meus primeiros dias de adulto, de viver sozinho, de cozinhar para mim mesmo, de ir e vir como bem entendia, para dentro ou para fora do quarto, de quem sabe voltar para lá com uma dessas belas mulheres que estavam agora por toda parte a minha volta. Em meu segundo ano em Howard, me apaixonei por uma adorável garota da Califórnia que tinha o hábito de flunar pelo campus com uma saia comprida e um pano enrolado na cabeça. Lembro-me de seus grandes olhos castanhos, de sua boca larga e do frescor da sua voz. Eu a via lá fora no Yard naqueles dias de primavera, gritava seu nome e levantava as mãos como se estivesse sinalizando um *touchdown*. Era assim que fazíamos na época. O pai dela era de Bangalore, e onde era isso? E como eram as leis por lá? Eu ainda não compreendia a relevância de minhas próprias perguntas. Minha ignorância é do que me lembro. Lembro-me de vê-la comer com as mãos e de me sentir totalmente incivilizado com meu garfo. Lembro-me de ficar pensando por que ela usava tantas echarpes. Lembro-me dela indo para a Índia no início da primavera e voltando com um bindi na testa e fotos de seus sorridentes primos indianos. Eu disse a ela: “Crioula, você é negra”, porque isso era tudo que eu sabia dizer naquela época. Mas sua beleza e quietude perturbaram meu equilíbrio. Em meu pequeno apartamento ela me beijou, e o chão se abriu, me sepultou ali mesmo naquele momento. Quantos poemas horríveis escrevi pensando nela? Sei agora o que ela representou para mim — o primeiro relance de uma ponte espacial, um buraco de minhoca, um portal intergaláctico neste planeta confinado e cego. Ela tinha visto outros mundos, espetacularmente, na nave que era seu corpo negro.

Tornei a me apaixonar, pouco tempo depois e de modo semelhante, por uma garota alta, com longos dreadlocks. Ela fora criada pela mãe judia numa cidadezinha da Pensilvânia quase toda de brancos, e agora, em Howard, ficava com homens e mulheres, fato que declarava não só com orgulho, mas como se fosse normal, *como se ela fosse normal*. Sei que isso agora não representa nada para você, mas eu era de um lugar — a América — onde a crueldade com humanos que amavam conforme seus instintos mais profundos era uma espécie de lei. Fiquei pasmo. Isso era algo que pessoas negras faziam? Sim. E faziam muito mais. A garota de longos dreadlocks vivia numa casa com um homem, um professor em Howard, que era casado com uma mulher branca. O professor de Howard dormia com homens. Sua mulher dormia com mulheres. E os dois dormiam um com o outro. Tinham um filho pequeno que hoje deve estar indo para a faculdade. “Richa” foi uma palavra que usei durante toda a minha vida. E

agora aí estavam eles, a Cabala, o Coven, os Outros, os Monstros, os Outsiders, as Bichas, as Sapatões, vestidos em seus trajes humanos. Sou negro, fui saqueado e perdi meu corpo. Mas talvez também possa saquear, pegar o corpo de outro humano para me afirmar numa comunidade. Talvez já tenha feito isso. O ódio confere uma identidade. O crioulo, a bicha, a puta iluminam a fronteira, iluminam o que ostensivamente não somos, iluminam o Sonho de ser branco, de ser um Homem. Damos nomes aos odiados estranhos e assim somos confirmados na tribo. Mas minha tribo estava se estilhaçando e se reformando em torno de mim. Eu com frequência via essas pessoas, porque eram família para alguém que eu amava. Seus momentos comuns — atendendo à porta, cozinhando, dançando ao som de Adina Howard — me invadiam e expandiam minha noção do espectro humano. Eu ficava sentado na sala de estar daquela casa, observando suas brincadeiras privadas, uma parte de mim os julgando, a outra ficando tonta com aquelas mudanças.

Ela me ensinou a amar de novas maneiras. Em minha antiga casa, seus avós, meu filho, governavam com a temível vara. Tentei me dirigir a você de outra maneira — ideia que surgiu quando vi todas as outras formas de amor em exibição na Meca. Eis aqui como tudo começou: certa manhã, acordei com uma pequena dor de cabeça. A cada hora a dor de cabeça aumentava. Eu estava indo para o trabalho quando vi a garota a caminho da escola. Meu aspecto era horrível, ela me deu um Advil e continuou seu trajeto. No meio da tarde, eu mal me aguentava em pé. Chamei meu supervisor. Quando ele chegou, eu estava deitado no depósito, porque não tinha ideia do que poderia fazer além disso. Eu estava com medo. Não entendia o que estava acontecendo. Não sabia a quem recorrer. Estava ali deitado, ardendo em febre, semiacordado, na esperança de me recuperar. Meu supervisor bateu à porta. Alguém tinha vindo me ver. Era ela. A garota de longos dreadlocks me ajudou a sair e ir para a rua. Ela acenou para um táxi. A meio caminho da corrida eu abri a porta, com o táxi em movimento, e vomitei na rua. Mas me lembro dela me segurando para ter certeza de que eu não ia cair e depois me amparando quando terminei. Ela me levou para sua casa, uma casa cheia de pessoas amorosas, me pôs na cama, colocou o CD *Exodus* para tocar, ajustando o volume ao nível de um sussurro. Deixou um balde junto à cama. Deixou um jarro com água. Ela tinha que ir para a aula. Eu dormi. Quando ela voltou, eu estava novamente em forma. Comemos. A garota de longos dreadlocks que dormia com quem queria, sendo esse o seu jeito de demonstrar que controlava o próprio corpo, estava lá. Eu tinha crescido numa casa regida entre o amor e o medo. Não havia espaço para a suavidade. Mas essa garota de longos dreadlocks demonstrava outra coisa — que o amor pode ser leve e compreensivo; que, suave ou duro, o amor era um ato de heroísmo.



E eu não podia mais prever onde encontraria meus heróis. Às vezes eu caminhava com amigos até a U Street e circulava pelos clubes de lá. Era a época da Bad Boy e do Biggie, “One More Chance” e “Hypnotize”. Eu quase nunca dançava, por mais que quisesse. Ficava paralisado por um medo infantil do meu próprio corpo. Mas via como os negros se moviam, como dançavam como se seus corpos fossem capazes de tudo, e seus corpos pareciam ser tão livres como a voz de Malcolm X. Lá fora os negros não controlavam nada, que dirá o destino de seus corpos, que podiam ser requisitados pela polícia; que podiam ser apagados pelas armas, tão pródigas; que podiam ser estuprados, espancados, encarcerados. Mas nos clubes, sob a influência de rum e Coca-Cola na proporção de dois para um, no encantamento das meias-luzes, sob o domínio do hip-hop, eu os sentia no controle total de cada passo, cada aceno, cada giro.

Tudo que eu queria então era escrever da mesma maneira que essa gente negra dançava, com controle, poder, alegria, calor. Eu tinha aulas em Howard o tempo todo. Sentia que era o momento de ir embora, de me declarar formado, se não pela universidade, pela Meca. Eu estava publicando resenhas musicais, artigos e ensaios no jornal alternativo local, e isso significava contato com mais seres humanos. Eu tinha editores — que eram também meus professores —, e foram os primeiros brancos que vim a conhecer de verdade, pessoalmente. Eles desafiaram minhas ideias preconcebidas — não temiam por mim e não tinham medo de mim. Em vez disso, viam na minha brandura e na minha desregrada curiosidade algo a ser apreciado e aproveitado. E me deram a arte do jornalismo, uma poderosa tecnologia para quem está em busca de algo. Eu fazia reportagens locais na capital e descobri que as pessoas me contavam coisas, que a mesma brandura que uma vez fizera de mim um alvo agora compelia outras pessoas a confiar a mim suas histórias. Isso foi incrível. Eu mal tinha saído das brumas da infância, quando as perguntas simplesmente morriam na minha cabeça. Agora eu podia ligar para as pessoas e perguntar por que uma loja popular tinha fechado, por que um show tinha sido cancelado, por que havia tantas igrejas e tão poucos supermercados. O jornalismo havia me dado outra ferramenta de exploração, outro modo de desvendar as leis que restringiam meu corpo. As coisas estavam começando a fazer sentido — embora eu ainda não conseguisse enxergar o que eram “as coisas”.

Na biblioteca de Moorland pude explorar as histórias e as tradições. Do lado de fora, nos pátios do campus e com acesso a pessoas e grupos, pude ver essas tradições na prática. E, com o jornalismo, pude perguntar diretamente às pessoas sobre as duas coisas — ou sobre qualquer outro assunto que despertasse meu interesse —, e constatar que grande parte da minha vida tinha sido definida pelo não saber. Por que eu tinha vivido num mundo no qual garotos adolescentes ficavam no estacionamento de lojas de conveniência sacando armas? Por que era normal para meu pai, como para todos os pais que eu conhecia, tirar o cinto?

E por que a vida era tão diferente lá fora, neste outro mundo além dos asteroides? O que as pessoas cujas imagens certa vez foram transmitidas para dentro da minha sala de estar tinham que eu não tinha?

A garota de longos dreadlocks que operou uma mudança em mim, que eu tanto queria amar, amava um garoto em quem eu penso todo dia e em quem espero pensar a cada dia pelo resto da minha vida. Às vezes penso que ele era uma invenção, e de certo modo ele é, porque quando os jovens morrem são aureolados por todos os motivos possíveis, por tudo que foi arrancado deles. Mas sei que eu sentia amor por esse garoto, Prince Jones, e por isso sorria toda vez que o via, pois sentia o calor que irradiava dele, e ficava um pouco triste quando chegava o momento de fazer entregas e um de nós tinha que ir. Uma dica para entender quem era Prince Jones é saber que ele era tudo aquilo que seu nome exprimia. Era bonito. Alto e moreno, de compleição esguia e forte, como um jogador de futebol americano. Era filho de um médico eminente e evangélico, condição da qual não compartilho mas respeito. Irradiava generosidade, e parecia se relacionar facilmente com todas as pessoas e todas as coisas. Isso pode nunca ser completamente verdade, mas há pessoas que criam essa ilusão sem o menor esforço, e Prince era uma delas. Só posso relatar o que vi, o que senti. Há pessoas que não conhecemos muito bem e que, no entanto, vivem em um lugar cálido dentro de nós, e, quando são saqueadas, quando perdem seus corpos e a energia escura se dispersa, esse lugar se torna uma ferida.

Eu me apaixonei na Meca uma última vez, perdi meu equilíbrio e toda a minha confusão de infância sob o feitiço de uma garota de Chicago. Era a sua mãe, filho. Eu me vejo lá de pé com um grupo de amigos na sala de estar da casa dela. Eu tinha um baseado em uma das mãos e uma cerveja na outra. Traguei, passei o baseado a essa garota de Chicago e, quando toquei naqueles dedos longos e elegantes, estremeci um pouco devido à explosão que senti. Ela levou o cigarro aos lábios pintados de ameixa, tragou, exalou, depois aspirou novamente a fumaça. Uma semana antes eu a tinha beijado, e agora, olhando para essa exibição de fumaça e fogo (e já sentindo os efeitos), eu estava perdido, à deriva, imaginando como seria abraçá-la, ser exalado por ela, retornar a ela e deixá-la inebriada.

Ela não havia conhecido o pai, o que a colocava na companhia do maior número de “todo mundo” de que eu tinha notícia. Senti então que esses homens — esses “pais” — eram os maiores covardes. Mas também senti que a galáxia

estava jogando com dados adulterados, o que propiciava um excesso de covardes em nossas fileiras. A garota de Chicago também compreendia isso e compreendia algo mais — que não somos todos roubados de nossos corpos de maneira equivalente, que os corpos das mulheres são expostos à pilhagem de maneiras que eu nunca poderia realmente conhecer. E ela era o tipo de garota negra a quem tinham dito na infância que era melhor ficar esperta, porque sua aparência não a salvaria, e a quem depois tinham dito, quando se tornou mulher, que era realmente bonita para uma garota de pele escura. E assim havia, no caso dela, um conhecimento das injustiças cósmicas, o mesmo conhecimento que eu vislumbrei durante todos aqueles anos ao ver meu pai pegar seu cinto, ao assistir às notícias de homicídios na nossa sala de estar, ao observar os garotos de cabelos dourados com seus caminhões de brinquedo e suas figurinhas de futebol, percebendo obscuramente a grande barreira existente entre o mundo e eu.

Nada entre nós foi jamais planejado — nem mesmo você. Tínhamos ambos 24 anos quando você nasceu, idade normal para a maioria dos americanos, mas, entre os colegas de classe em que logo nos encontramos, éramos classificados como pais adolescentes. Sentíamos um sopro de medo, estavam sempre nos perguntando se pretendíamos casar. O casamento nos era apresentado como um escudo de defesa contra outras mulheres, outros homens, ou a corrosiva monotonia de meias sujas e de lavar a louça. Mas sua mãe e eu conhecíamos muita gente, muita mesmo, que tinha se casado e abandonado um ao outro por muito menos. Nossa verdade sempre foi a de que você era nossa aliança de casamento. Nós o tínhamos convocado para fora de nós mesmos, e você não teve direito a voto. Mesmo que fosse só por esse motivo, você merecia toda a proteção que pudéssemos oferecer. Tudo mais estava subordinado a esse fato. Se isso soa como um ônus, não deveria. A verdade é que devo a você tudo o que tenho. Antes de você, eu tinha minhas questões, mas nada além de minha própria pele estava em jogo, e isso na realidade não era nada, porque eu era jovem e ainda não via claramente minhas próprias vulnerabilidades como ser humano. Mas estava instruído e domesticado pelo simples fato de que, se eu agora caísse, não cairia sozinho.

Foi isso que disse a mim mesmo, finalmente. Era confortador acreditar que o destino de meu corpo e dos corpos de minha família estava em meu poder. “Você terá de se tornar um homem”, dizemos a nossos filhos. “Qualquer um pode fazer um filho, mas é preciso ser homem para ser um pai.” Isso é o que eles me disseram durante toda a minha vida. Esta era a linguagem da sobrevivência, um mito que nos ajudava a lidar com o sacrifício humano que acaba nos alcançando, apesar de nossa hombridade. Como se nossas mãos fossem sempre realmente nossas. Como se a pilhagem de energia escura não estivesse no coração de nossa galáxia. E a pilhagem estava aqui, se eu quisesse vê-la.

Certo verão, fui a Chicago ver sua mãe. Desci a rodovia Dan Ryan com amigos e contemplei, pela primeira vez, o State Street Corridor — uma extensão de mais de seis quilômetros de conjuntos habitacionais decadentes. Havia moradias populares desse tipo por toda a Baltimore, mas nada tão abrangente. Essas moradias me pareceram um desastre moral não apenas para as pessoas que lá moravam, mas para toda a região, uma metrópole de pessoas que se transportam todo dia de suas casas para o trabalho e passam por ali, e que com sua muda aquiescência toleram uma coisa dessas. Mas nesses prédios havia muito mais do que eu, mesmo com toda a minha curiosidade, estava preparado para ver.

Sua avó materna uma vez nos visitou durante a gravidez. Deve ter ficado horrorizada. Estávamos morando em Delaware. Não tínhamos quase nenhum móvel. Eu havia saído de Howard sem me formar e vivia dos minguados trabalhos como escritor freelancer. No último dia da visita, levei sua avó ao aeroporto. Sua mãe era filha única, assim como você é meu único filho. E, tendo visto você crescer, sei que para sua avó nada poderia ser mais precioso. Ela me disse: “Tome conta da minha filha”. Quando saiu do carro, meu mundo tinha mudado. Senti que tinha transposto algum limiar, saindo do vestíbulo da minha vida e entrando na sala de estar. Isso foi antes de você, e então houve o depois, e nesse depois, você foi o Deus que eu nunca tinha tido. Eu me sujeitava às suas necessidades, e soube então que tinha de sobreviver por algo maior que o próprio motivo da sobrevivência. Eu tinha que sobreviver por você.

Você nasceu em agosto daquele ano. Pensei no grande espectro humano da Meca — pessoas negras de Belize, pessoas negras com mães judias, pessoas negras com pais de Bangalore, pessoas negras de Toronto e de Kingston, pessoas negras que falavam russo, que falavam espanhol, que tocavam Mongo Santamaría, que sabiam matemática e que trabalhavam em laboratórios de análise de ossos para desenterrar os mistérios que envolvem os escravizados. Havia lá mais do que sempre esperei, e eu queria que você tivesse isso. Queria que você soubesse que o mundo, em sua inteireza, nunca poderá ser encontrado nas escolas apenas, nem nas ruas apenas, nem na prateleira de troféus. Queria que você reivindicasse para si o mundo inteiro, como ele é. Queria que uma afirmação como “Tolstói é o Tolstói dos zulus” fosse imediatamente óbvia para você. Contudo, mesmo nesse desejo cosmopolita eu sinto a antiga força da ancestralidade, porque vim a conhecer na Meca o que meus ancestrais fizeram, e fui compelido para a Meca pelo esforço e pela luta de meus ancestrais.

Essa luta está em seu nome, Samori — em homenagem a Samori Touré, que lutou contra os colonizadores franceses na África pelo direito a seu próprio corpo negro. Ele morreu no cativeiro, mas os frutos de sua luta e de outras como a dele são nossos, mesmo quando o objetivo de nossa luta, como tão frequentemente acontece, nos escapa das mãos. Apreendi isso vivendo num novo

que eu nunca teria escolhido, porque os privilégios de ser negro nem sempre são evidentes por si mesmos. Somos, como escreveu certa vez Derrick Bell, os “rostos no fundo do poço”. Mas há realmente sabedoria aqui embaixo, e essa sabedoria responde por muito do que há de bom em minha vida. E minha vida aqui embaixo diz respeito a você.

Também havia sabedoria naquelas ruas. Estou pensando agora em uma antiga regra que dizia que, se um garoto fosse atacado por estar casualmente num “gueto” alheio, seus amigos deveriam ficar com ele e deveriam todos juntos enfrentar a pancadaria. Sei agora que nesse édito jaz a chave de toda uma vida. A nenhum de nós foi prometido que estaremos de pé ao final da luta, os punhos erguidos para o céu. Não podemos controlar o número de inimigos que temos, sua força ou armamento. Às vezes nos deparamos com uma situação bem ruim. Mas quer se lute, quer se corra, devemos fazer isso juntos, porque essa é a parte que está sob nosso controle. O que nunca devemos fazer é entregar voluntariamente nossos corpos ou os corpos dos nossos amigos. Esta é a sabedoria: sabemos que não fomos nós que estabelecemos a direção da rua, mas apesar disso podemos — e devemos — conceber o rumo de nossa caminhada. E é este o sentido mais profundo do seu nome — o de que a luta, em si mesma e por si mesma, tem significado.

Essa sabedoria não é exclusiva do nosso povo, mas acho que tem um sentido especial para aqueles de nós que nasceram de um estupro em massa, cujos antepassados foram levados à força, distribuídos como apólices e ações. Eduquei você para respeitar todo ser humano, e você deve estender o mesmo respeito ao passado. A escravidão não é uma indefinível massa de carne. É uma mulher escravizada particular e específica, com uma mente tão ativa quanto a sua, com sentimentos tão vastos quanto os seus; uma mulher que prefere o modo como a luz incide num determinado local da floresta, que gosta de pescar no ponto do riacho onde a água redemoinha, que ama a mãe a sua própria e complicada maneira, que acha que a irmã fala alto demais, que tem um primo predileto, uma estação do ano predileta, que se destaca ao criar e fazer vestidos, e que sabe, lá no fundo, que é tão inteligente e capaz quanto qualquer um. “Escravidão” é essa mesma mulher nascida num mundo que proclama em voz alta seu amor à liberdade e inscreve esse amor em seus textos fundamentais, um mundo no qual os mesmos professores mantêm essa mulher como escrava, assim como sua mãe, seu pai e sua filha, e quando essa mulher olha para trás através de gerações tudo que vê são os escravizados. Ela pode ter esperança. Pode imaginar outro futuro para seus netos. Mas quando ela morre, o mundo — que na realidade é o único mundo que ela jamais poderia conhecer — termina. Para essa mulher, a escravidão não é uma parábola. É a danação. É a noite que nunca termina. E a duração dessa noite constitui a maior parte da nossa história. Nunca se esqueça de que estivemos escravizados neste país por mais tempo do

que temos sido livres. Nunca se esqueça de que durante 250 anos os negros nasciam acorrentados — gerações inteiras seguidas de mais gerações que nada conheciam além de suas correntes.

Você deve se esforçar para lembrar esse passado com todas as suas nuances, seus erros e sua humanidade. Você tem que resistir ao impulso tão comum de encontrar uma narrativa confortadora baseada em alguma lei divina, em algum conto de fadas sobre a inexorabilidade da justiça. Os escravizados não foram tijolos que pavimentaram o seu caminho, e as vidas deles não foram capítulos em sua história de redenção. Eles foram pessoas transformadas em combustível para a máquina americana. A escravidão não estava destinada a terminar, e é errado considerar nossa situação atual — não importa o quanto ela tenha melhorado — como a redenção da vida de pessoas que nunca pediram para si a glória póstuma e intangível de morrer por seus filhos. Nossas conquistas nunca serão uma compensação por isso. Talvez nossas conquistas nem sejam a verdadeira questão. Talvez tudo que tenhamos seja a luta, porque o deus da história é ateu, e nada que diga respeito ao seu mundo, à história, deveria necessariamente ser como é. Assim, você deve acordar toda manhã sabendo que nenhuma promessa é isenta de ser quebrada, e menos ainda a promessa de simplesmente acordar. Isso não é desespero. Essas são as preferências do próprio universo: verbos acima de substantivos, ações acima de estados, luta acima da esperança.

O surgimento de um mundo melhor não depende, em última análise, de você, embora eu saiba que todos os dias há homens e mulheres adultos que lhe dizem o contrário. O mundo precisa de salvação justamente por causa das ações desses mesmos homens e mulheres. Não sou um cínico. Amo você, e amo o mundo, e o amo mais a cada novo centímetro que descubro. Mas você é um menino negro, e precisa ser responsável pelo seu corpo de uma maneira que outros garotos jamais poderão entender. Na verdade, você também será responsável pelas piores ações de outros corpos negros, que, de algum modo, sempre serão atribuídas a você. E você terá de ser responsável pelos corpos dos poderosos — o policial que bate em você com um cassetete encontrará com facilidade algum pretexto em seus movimentos furtivos. E isso não se reduz a você — as mulheres a sua volta devem ser responsáveis pelos seus corpos de uma maneira que você jamais irá entender. Você tem de fazer as pazes com o caos, mas não pode mentir. Não pode esquecer o quanto eles tiraram de nós e como transfiguraram nossos corpos em açúcar, tabaco, algodão e ouro.

3 Ecstasy, cocaína, você diz que isso é amor, isso é veneno/ Escolas onde aprendi que deviam ser queimados, isso é veneno. (N. T.)

4 Deixe-me viver minha vida, e se não pudermos mais viver nossa vida, então deixe-nos dar nossa vida pela libertação e salvação da nação negra. (N. T.)

5 Você não pode encarar aquele ódio/ ou acorrentar o medo que tocaia as sentinelas. (N. T.)

II.

*Our world is full of sound
Our world is more lovely than anyone's
tho we suffer, and kill each other
and sometimes fail to walk the air*

*We are beautiful people
with african imaginations
full of masks and dances and swelling chants*

*with african eyes, and noses, and arms,
though we sprawl in grey chains in a place
full of winters, when what we want is sun.*⁶

AMIRI BARAKA

⁶ Nosso mundo está cheio de sons/ Nosso mundo é mais aprazível do que qualquer outro/ apesar de sofrermos, e matarmos uns aos outros,/ e às vezes não conseguirmos caminhar no ar// Somos uma bela gente/ com imaginações africanas/ cheia de máscaras e danças e cantos reverberantes// com olhos,

narizes e braços africanos,/ mas nos alastramos em correntes cinzentas num
lugar/ cheio de invernos, quando o que queremos é o sol. (N. T.)

Pouco antes de você nascer, dirigindo, fui obrigado a encostar o carro pela polícia do condado de Prince George, a mesma polícia da qual os poetas de Washington tinham me advertido. Eles se aproximaram pelos dois lados do carro, a luz de suas lanternas atravessando os vidros das janelas. Pegaram meus documentos e voltaram para o carro de patrulha. Fiquei ali sentado, aterrorizado. Àquela altura eu tinha acrescentado às advertências dos meus professores tudo o que sabia sobre o condado de Prince George através de relatos e notícias de jornal. E assim eu sabia que a polícia do PG County tinha matado Elmer Clay Newman e depois alegado que ele tinha batido a própria cabeça contra a parede de uma cela na prisão. E sabia que tinham atirado em Gary Hopkins e dito que ele tentou pegar a arma de um dos policiais. E sabia que tinham espancado Freddie McCollum até ele ficar cego de um olho, e posto toda a culpa no fato de terem desabado de um sótão. Eu tinha lido relatos desses policiais estrangulando mecânicos, atirando em operários de construção, jogando suspeitos através das portas de vidro de um shopping. E sabia que faziam isso com grande regularidade, como se movidos por algum relógio cósmico invisível. Sabia que atiravam em carros em movimento, atiravam em pessoas desarmadas, atiravam

em homens pelas costas e alegavam que eles, policiais, é que tinham estado sob fogo. Esses atiradores foram investigados, exonerados e logo voltaram para as ruas, onde, assim blindados, atiravam novamente. Nessa altura da história americana, nenhum departamento de polícia disparava suas armas mais do que o do condado de Prince George. O FBI abriu várias investigações — às vezes mais de uma na mesma semana. O chefe de polícia foi agraciado com um aumento de salário. Eu repassava tudo isso sentado ali no meu carro, nas garras deles. Seria melhor levar um tiro em Baltimore, onde havia a justiça das ruas e alguém poderia acertar as contas com o assassino. Mas esses policiais tinham o meu corpo, podiam fazer com o meu corpo o que bem entendessem, e se eu sobrevivesse para contar o que eles tinham feito comigo, a queixa não significaria nada. O policial voltou. Devolveu minha licença. Não explicou por que me tinha feito parar.

Depois, naquele mês de setembro, peguei o *Washington Post* e vi que a polícia do PG County tinha matado novamente. Não consegui deixar de pensar que poderia ter sido eu, e, segurando você — você tinha um mês de vida —, eu sabia que essa perda não seria somente minha. Olhei só de relance a manchete — as atrocidades que praticavam pareciam ser muito comuns na época. A história se espalhou no dia seguinte, e, lendo um pouco mais detalhadamente, vi que o homem que tinha sido morto era aluno da Howard. Pensei que talvez o conhecesse. Mas não dei mais atenção ao caso. Três dias depois foi publicada uma foto junto com a história, dei uma olhada e então prestei atenção no retrato — e lá estava ele. Vestia roupas formais, como se estivesse em seu baile de formatura, petrificado no âmbar de sua juventude. Seu rosto era magro, marrom e bonito, e nele eu via o sorriso aberto e fácil de Prince Carmen Jones.

Não consigo me lembrar do que aconteceu depois. Acho que caí para trás. Acho que contei para sua mãe o que tinha lido. Acho que liguei para a garota de longos dreadlocks e perguntei se era verdade. Acho que ela gritou. Do que me lembro com certeza é do que senti: fúria, e a antiga gravidade do oeste de Baltimore, a gravidade que me condenou às escolas, às ruas, ao vazio. Prince Jones tinha superado tudo isso, e ainda assim eles o mataram. E mesmo sabendo que jamais acreditaria em nenhum relato que justificasse o que tinha acontecido, eu me sentei e li a história. Havia poucos detalhes. Ele tinha sido alvejado por um policial do PG County, não no próprio condado, nem mesmo em d.c., mas em algum lugar no norte da Virgínia. Prince estava de carro, indo ver a noiva. Foi morto a alguns metros da casa dela. A única testemunha da morte de Prince Jones era o próprio assassino. O policial alegou que Prince tinha tentado atropelá-lo com seu jipe, e eu sabia que os promotores acreditariam nele.

Dias depois, sua mãe e eu o colocamos no carro, seguimos para Washington, deixamos você com sua tia Kamilah e fomos ao funeral de Prince na cancela Rankin. no campus de Howard. onde no passado eu assistia

maravilhado ao desfile de ativistas e intelectuais — Joseph Lowery, Cornel West, Calvin Butts — que pregavam naquele púlpito. Lá devo ter encontrado um grande número de velhos amigos, embora não consiga lembrar exatamente quem. Eu me lembro é de todas as pessoas que falaram sobre a devoção religiosa de Prince, sua permanente crença de que Jesus estava com ele. Lembro-me de ter visto o reitor da universidade levantar-se e chorar. Lembro-me da dra. Mabel Jones, mãe de Prince, falando da morte do filho como um chamado para que ela saísse de sua confortável vida de classe média para o ativismo. Ouvi várias pessoas pedindo que se perdoasse o policial que tinha atirado em Prince Jones. Só me lembro vagamente de minhas impressões diante de tudo isso. Mas sei que sempre me senti muito distante dos rituais de luto do meu povo, e devo ter sentido isso fortemente naquela ocasião. A necessidade de perdoar o policial não me teria tocado, porque mesmo então, de algum modo incipiente e rudimentar, eu sabia que Prince não fora assassinado por um único policial tanto quanto fora assassinado por seu país e por todos os medos que o marcavam desde seu nascimento.

Nos últimos tempos a expressão “reforma da polícia” entrou em voga, e as ações de nossos guardiões públicos têm atraído a atenção presidencial e a de todos que andam nas ruas. Você deve ter ouvido as conversas sobre diversidade, sensibilidade, treinamento, câmeras presas aos corpos de policiais. Tudo isso é muito bom e exequível, mas minimiza o que tem de ser feito e permite que os cidadãos deste país finjam que existe uma grande distância entre suas próprias atitudes e as daqueles que são designados para protegê-los. A verdade é que a polícia é um reflexo da América em toda a sua vontade e determinação e em todo o seu medo, e apesar de o que quer que possamos achar da política de segurança pública deste país não se pode dizer que ela foi imposta por uma minoria repressiva. Os abusos que se seguiram a essas políticas — o estado carcerário em expansão, a detenção aleatória de pessoas negras, a tortura de suspeitos — são produtos de uma vontade democrática. Assim, desafiar a polícia é desafiar o povo americano que a enviou aos guetos armada com os mesmos medos autoinduzidos que compeliram as pessoas que pensam que são brancas a fugir das cidades e ir para o Sonho. O problema com a polícia não é que eles sejam porcos fascistas, mas que nosso país seja governado por porcos majoritários.

Mesmo naquele momento, sentado na capela Rankin, eu já sabia disso tudo, embora não pudesse ainda expressá-lo. Desta forma, perdoar o matador de Prince Jones teria sido para mim algo irrelevante. O matador era a expressão direta das crenças de todo este país. Educado com consciência, na rejeição do Deus cristão, eu não podia enxergar um propósito maior na morte de Prince. Eu acreditava, e ainda acredito, que nossos corpos são nossos próprios eus, que minha alma é a voltagem conduzida por meus neurônios e nervos, e que meu

espírito é minha carne. Prince Jones era único, e eles tinham destruído seu corpo, chamuscado seus ombros e braços, rasgado suas costas, estraçalhado pulmão, rim e fígado. Fiquei ali sentado, me sentindo um herege que só acredita nesta — e única — vida, e no corpo. Para o crime de destruir o corpo de Prince Jones, não acredito em perdão. Quando as pessoas em luto ali reunidas inclinaram suas cabeças em oração, eu estava apartado delas porque não acreditava que do vazio viesse uma resposta.

Passaram-se semanas. Detalhes repugnantes começaram lentamente a vazar. O policial era conhecido como mentiroso. Um ano antes tinha prendido um homem com base em provas falsas. Promotores se viam obrigados a abandonar cada caso no qual o policial estava envolvido. Ele fora demitido, readmitido, depois alocado na rua para continuar seu trabalho. Agora, por intermédio de relatos adicionais, uma narrativa começou a tomar forma. O policial se disfarçara de traficante de drogas. Fora escalado para seguir um homem que tinha 1,63 metro de altura e 113 quilos. Sabemos, do médico legista, que o corpo de Prince tinha mais de 1,90 metro de altura e pesava 96 quilos. Sabemos que o outro homem foi preso depois. As acusações contra ele foram retiradas. Nada disso teve importância. Sabemos que seus superiores mandaram este policial seguir Prince desde Maryland, passando por Washington, D.C., e até a Virgínia, onde ele atirou em Prince diversas vezes. Sabemos que o policial confrontou Prince com a arma na mão, e sem distintivo. Sabemos que ele alega ter atirado porque Prince tentara atropelá-lo com seu jipe. Sabemos que as autoridades encarregadas de investigar o caso fizeram muito pouco para investigar o policial e tudo que estava em seu poder para investigar Prince Jones. Essa investigação não produziu qualquer informação que explicasse por que Prince Jones trocava repentinamente suas ambições universitárias pela matança de policiais. O policial, a quem se outorgara um poder máximo, arcou com um mínimo de responsabilidade. Não foi acusado de nada. Não foi punido por ninguém. Foi reconduzido ao trabalho.

Havia vezes em que eu me imaginava, assim como Prince, perseguido através de muitas jurisdições por um homem vestido como um criminoso. E ficava horrorizado, pois eu sabia o que iria fazer se esse homem me confrontasse, com uma arma na mão, a alguns metros da casa da minha própria família. *Tome conta da minha filha*, diria sua avó, o que vale dizer, *Tome conta da sua nova família*. Mas agora conheço os limites de meus cuidados, o alcance de seus poderes, delineados por um inimigo tão antigo quanto o estado da Virgínia. Pensei em todos os belos negros que eu via na Meca, toda a sua variedade, todos os seus cabelos, todas as suas línguas, todas as suas histórias e geografias, toda a sua incrível humanidade, e nada disso poderia salvá-los da marca da pilhagem e da gravidade de nosso mundo particular. E ocorreu-me então que você não escanaria que havia homens horríveis que tinham feito planos para você e eu

não conseguiria detê-los. Prince Jones foi o superlativo de todos os meus medos. E se ele, um bom cristão, nobre rebento de uma classe esforçada, santo padroeiro da lógica que diz que os negros devem ser “duas vezes melhores” para alcançar o mesmo que os brancos, podia ser imobilizado para sempre, quem estava isento? E a pilhagem não era só e unicamente a de Prince. Pense em todo o amor que foi investido nele. Pense nos pagamentos à escola Montessori e às aulas de música. Pense na gasolina despendida, nos pneus gastos para levá-lo aos jogos de futebol americano, torneios de basquete, à liga infantil de beisebol. Pense no tempo empregado administrando as festas de pijama. Pense nas festas surpresas de aniversário, na creche, no controle das babás. Pense nas enciclopédias *World Book* e *Childcraft*. Pense nos cheques preenchidos para fazer fotos de família. Pense nos gastos do cartão de crédito durante as férias. Pense em bolas de futebol, kits de experimentos científicos e de química, autoramas e trens de brinquedo. Pense em todos os abraços, brincadeiras em família, costumes, cumprimentos, nomes, sonhos, todo o conhecimento partilhado e as capacidades de uma família negra injetados nesse vaso de carne e osso. E pense em como esse vaso foi arrebatado, estilhaçado no concreto, e todo o seu sagrado conteúdo, tudo que nele entrara, fluindo de volta para a terra. Pense em sua própria mãe, que não teve pai. E em sua avó, que foi abandonada pelo pai. E em seu avô, que também foi deixado para trás pelo pai. E pense em como a filha de Prince estava agora recrutada para essas fileiras solenes, bem como privada de seu direito nato — esse vaso que fora seu pai, que transbordava 25 anos de amor e tinha sido o investimento de seus avós, e que seria seu legado.

Agora à noite, seguro você em meus braços e um grande medo, com a amplidão de todas as gerações americanas, me assalta. Agora entendo meu pai e o velho mantra: “Ou eu bato nele, ou bate a polícia”. Entendo tudo isso, os cabos e os fios de extensão, o ritual do açoite. Os negros amam seus filhos com uma espécie de obsessão. Você é tudo que temos, e já nos chega em perigo. Penso que preferiríamos matá-lo nós mesmos a vê-lo morto pelas ruas que a América criou. Esta é a filosofia dos descorporificados, das pessoas que nada controlam, que nada podem proteger, que estão destinadas a temer não apenas os criminosos entre elas, mas também a polícia que age soberana acima delas com toda a autoridade moral de uma gangue de proteção. Foi somente depois de ter você que compreendi esse amor, que compreendi o aperto da mão de minha mãe. Ela sabia que a própria galáxia poderia me matar, que eu poderia, inteiro, ser despedaçado e todo o seu legado despejado no meio-fio como se fosse vinho de má qualidade. E ninguém seria acusado por essa destruição, porque minha morte não teria sido culpa de qualquer ser humano, e sim do desafortunado mas imutável fato da “raça”, imposto sobre um país inocente pelo inescrutável juízo de deuses invisíveis. Um terremoto não pode ser incriminado. Um tufão não se curvará a um indiciamento. Eles mandaram o assassino de Prince Jones de volta

ao trabalho porque ele não era absolutamente um assassino. Ele era uma força da natureza, o desamparado agente das forças físicas de nosso mundo.

Todo esse episódio me levou do medo à fúria que então ardeu em mim, que me anima agora e provavelmente me deixará em fogo pelo resto dos meus dias. Eu ainda tinha meu jornalismo. Minha reação, nesse momento, foi escrever. Eu tinha sorte por pelo menos poder fazer isso. A maioria de nós é forçada a engolir, pura, a caricatura de nós mesmos e a sorrir disso. Escrevi sobre a história da polícia do condado de Prince George. Nunca na vida algo tinha me parecido tão essencial quanto isso. Eis aí o que eu sabia para começar: o policial que matara Prince Jones era negro. Os políticos que outorgaram a esse policial o poder de matar eram negros. Muitos dos políticos negros, muitos deles “duas vezes melhores”, pareciam estar despreocupados. Como poderia ser? Era como se eu estivesse de volta, novamente em Moorland, atraído por grandes mistérios. Mas agora eu já não precisava de fichas de requisição de livros na biblioteca; a internet já florescia como ferramenta de pesquisa. Isso deve ser surpreendente para você. Durante toda a sua vida, sempre que tiver uma pergunta, você poderá digitar essa pergunta num teclado, vê-la aparecer num campo retangular bordejado por um logo corporativo e em segundos fazer uma festa com a inundação de possíveis respostas. Mas ainda lembro o tempo em que as máquinas de escrever eram úteis, o surgimento do computador pessoal Commodore 64, e os dias em que uma canção da qual você gostava teria seu momento no rádio e depois desapareceria no nada. Devo ter passado cinco anos sem ouvir as Mary Jane Girls cantando “All Night Long”. Para um homem jovem como eu, a invenção da internet foi a invenção da viagem espacial.

Minha curiosidade, no caso de Prince Jones, abriu-me um mundo de recortes de jornal, histórias e sociologias. Liguei para políticos e os interroguei. Ouvi que era mais plausível que os cidadãos pedissem a ajuda da polícia do que reclamassem de sua brutalidade. Ouvi que os cidadãos negros do PG County estavam em situação confortável e que tinham “certa impaciência” com o crime. Eu já tinha visto essas teorias antes, quando fazia pesquisas em Moorland, folheando páginas cheias das várias lutas dentro e fora da comunidade negra. Eu sabia que se tratava de teorias, mesmo na boca de pessoas negras, que justificavam as prisões que brotavam a minha volta, que defendiam os guetos e suas moradias populares, que viam a destruição do corpo negro como incidental na preservação da ordem. Segundo essa teoria, “segurança” é um valor maior que “justiça”, talvez o mais alto dos valores. Eu compreendi. O que eu não daria, lá atrás em Baltimore, para ter uma fileira de policiais, agentes do meu país e da minha comunidade, protegendo meu caminho até a escola! Não existiam tais oficiais, e sempre que eu via a polícia aparecer isso significava que algo já tinha dado errado. O tempo todo eu sabia que havia alguns, os que viviam no Sonho, para quem a conversa era outra. Sua “segurança” estava em escolas, portfólios e

arranha-céus. A nossa estava em homens com armas que só podiam nos olhar com o mesmo desdém da sociedade que os tinha enviado.

E a falta de segurança torna inevitável uma limitação na sua percepção da galáxia. Nunca me ocorreu, por exemplo, que eu poderia, ou mesmo desejaria, morar em Nova York. Eu gostava de Baltimore. Gostava de Charlie Rudo's e das vendas de calçada em Mondawmin. Gostava de me sentar do lado de fora, na varanda, com seu tio Damani esperando Frank Ski tocar "Fresh Is the Word". Sempre pensei que estava fadado a voltar para casa depois da faculdade — mas não simplesmente porque gostava de casa, mas porque não podia imaginar algo muito diferente para mim. E essa imaginação atrofiada é algo que devo às minhas correntes. Contudo, alguns de nós realmente veem mais do que isso.

Conheci muitos destes na Meca — como seu tio Ben, que foi criado em Nova York, o que o forçava a compreender a si mesmo como um afro-americano navegando entre haitianos, jamaicanos, judeus hassídicos e italianos. E havia outros como ele, outros que, tendo recebido um empurrão de um professor, uma tia, um irmão mais velho, tinham espiado por sobre o muro quando crianças, e como adultos tornaram-se capazes de enxergar a vista completa. Esses negros sentiam, como eu, que seus corpos poderiam ser arrebatados para trás pelo simples capricho de alguém, mas isso provocava neles um tipo diferente de medo que os projetava no cosmo. Passavam semestres no estrangeiro. Nunca soube o que faziam, ou por quê. Mas talvez eu sempre tivesse tido a sensação de que estava afundando muito facilmente. Talvez isso explique cada garota e toda garota que eu amei, porque cada garota que amei era a ponte para alguma outra coisa. Sua mãe, que conhecia o mundo melhor do que eu, apaixonou-se por Nova York através da cultura, através de *Amor à segunda vista*, *Bonequinha de luxo*, *Uma secretária de futuro*, do rapper Nas e do grupo de hip-hop Wu-Tang. Sua mãe conseguiu um emprego lá, e fui com ela quase como um carona escondido, porque naquela época ninguém em Nova York me pagava para escrever muito sobre qualquer coisa. O pouco que eu fazia, resenhando um álbum ou um livro, só cobria umas duas contas de energia elétrica por ano.

Chegamos em 2001, dois meses antes do Onze de Setembro. Suponho que cada pessoa que estava em Nova York naquele dia tenha uma história para contar. Eis a minha: ao anoitecer, eu estava no terraço de um prédio de apartamentos com sua mãe, sua tia Chana e o namorado dela, Jamal. Lá estávamos nós no terraço, falando e olhando a vista — grandes nuvens de fumaça cobriam a ilha de Manhattan. Cada um conhecia alguém que conhecia alguém que tinha desaparecido. Mas ao olhar as ruínas da América meu coração estava frio. Eu tinha minhas próprias catástrofes. O policial que tinha matado Prince Jones, como todos os policiais que nos observam com desconfiança, era a espada da cidadania americana. Eu iamais seria considerado um cidadão

americano puro. Estava fora de sincronia com a cidade. Fiquei pensando em como o sul de Manhattan sempre tinha sido, para nós, o Ground Zero. Lá eles leiloavam nossos corpos, no mesmo devastado distrito financeiro. E ali houve certa vez um cemitério para os leiloados. Sobre parte dele foi erguida uma loja de departamentos, e depois tentaram erguer um prédio do governo em outra parte. Só foram detidos pela ação de uma comunidade de pessoas negras sensatas. Eu não tinha formado, de tudo isso, uma teoria coerente. Mas sabia que Bin Laden não tinha sido o primeiro a levar o terror para essa parte da cidade. Nunca esqueci isso. Nem você deve esquecer. Nos dias que se seguiram assisti à ridícula pompa das bandeiras, ao machismo dos bombeiros, aos desgastados slogans. Que se dane tudo. Prince Jones estava morto. E que vão para o inferno esses que nos dizem para sermos duas vezes melhores e assim mesmo atiram em nós. Que vá para o inferno esse medo ancestral que aterroriza os pais negros. E que vão para o inferno os que despedaçam o vaso sagrado.

Eu não via diferença entre o policial que tinha matado Prince Jones e os policiais ou bombeiros que morreram. Para mim eles não eram humanos. Negros, brancos, o que fossem, eram as ameaças da natureza; eram o fogo, o cometa, a tempestade que poderiam — sem qualquer justificativa — despedaçar meu corpo.

Eu vi Prince Jones uma última vez, vivo e inteiro. Ele estava ali, de pé, diante de mim. Estávamos num museu. Senti naquele momento que sua morte tinha sido apenas um sonho horrível. Não, uma premonição. Mas eu tinha essa oportunidade de preveni-lo. Fui até ele, dei-lhe uma cutucada e senti um calor vindo do espectro, o calor da Meca. Quis contar-lhe algo. Eu queria dizer... cuidado com o saqueador. Mas, quando abri a boca, ele somente balançou a cabeça e foi embora.

Morávamos num apartamento de porão no Brooklyn, do qual duvido que você se lembre, descendo a rua onde moravam tio Ben e a esposa, tia Janai. Os tempos não eram bons. Lembro-me de ter pedido duzentos dólares emprestado a Ben, e de ter a sensação de que eram um milhão. Lembro-me de seu avô vindo a Nova York, saindo comigo para o Ethiopian, e de depois eu levá-lo à estação do metrô na West Fourth Street. Despedimo-nos e nos separamos. Ele me chamou de volta. Tinha se esquecido de uma coisa. Deu-me um cheque de 120 dólares. Estou lhe contando isso porque você deve entender, não importa sobre o que estivermos falando no momento, que nem sempre tive coisas, mas tinha pessoas — *eu*

sempre tive pessoas. Tinha uma mãe e um pai que posso equiparar a quaisquer outros. Tinha um irmão que cuidou de mim durante toda a faculdade. Tinha a Meca, que me orientava. Tinha amigos que saltariam na frente de um ônibus por mim. Você precisa saber que eu era amado, que apesar de não ter sentimentos religiosos eu sempre amei minha gente, e que esse amor difuso está diretamente relacionado com o amor específico que sinto por você. Lembro-me de ficar sentado nos degraus da entrada da casa de Ben nas noites de sexta-feira, bebendo Jack Daniel's, debatendo a campanha eleitoral para prefeito ou a corrida para a guerra. Minhas semanas pareciam não ter objetivo. Eu tinha me apresentado a várias revistas, sem sucesso. Sua tia Chana me emprestou mais duzentos dólares; eu os torrei num curso fajuto de barmen. Fiz entregas para uma pequena delicatessen em Park Slope. Em Nova York, todo mundo quer saber qual é sua profissão. Eu dizia às pessoas que estava “tentando ser escritor”.

Havia dias em que eu pegava o trem para Manhattan. Havia tanto dinheiro em toda parte, dinheiro jorrando dos bistrôs e cafés, dinheiro empurrando as pessoas, a velocidades incríveis, pelas largas avenidas, dinheiro atraindo um tráfego intergaláctico através da Times Square, dinheiro nos calcários e nos arenitos marrom-avermelhados, dinheiro na West Broadway, onde pessoas brancas saíam dos bares com suas taças de vinho transbordando e sem polícia. Eu via essas pessoas nos clubes, embriagadas, rindo, desafiando dançarinos de break para batalhas. Elas eram destruídas e humilhadas nessas batalhas. Mas depois disso batiam palmas, riam, pediam mais cerveja. Eram completamente destemidas. Eu não compreendia isso até olhar para a rua. Ali, vi pais brancos empurrando carrinhos de bebê enormes, enobrecendo os bulevares do Harlem com suas camisetas e seus shorts para jogging. Ou então mãe e pai estavam entretidos em uma conversa, enquanto os filhos dominavam calçadas inteiras com seus triciclos. A galáxia pertencia a eles, e enquanto aos nossos filhos era transmitido o terror, aos deles se transmitia o controle.

E assim, quando me lembro de empurrar você no carrinho para outras partes da cidade, para West Village, por exemplo, acreditando quase instintivamente que você deveria ver mais coisas, lembro-me de me sentir pouco à vontade, como se tivesse tomado emprestada uma relíquia de outra pessoa, como se estivesse viajando sob nome falso. Durante todo esse tempo você estava crescendo nas palavras e nos sentimentos; meu lindo garoto pardo, que logo chegaria ao conhecimento, que logo compreenderia os éditos desta galáxia, e todos os eventos em nível de extinção que acolhiam você com um interesse singular e discriminador.

Um dia você seria um homem, e eu não podia salvá-lo da distância intransponível entre você e seus futuros pares e colegas, que poderiam tentar convencê-lo de que tudo que eu sei, de que todas as coisas que estou compartilhando aqui com você, são uma ilusão. ou fatos de um passado distante

que não precisam ser debatidos. E não poderia salvar você da polícia, de suas lanternas, suas mãos, seus cassetetes, suas armas. Prince Jones, assassinado pelos homens que deveriam ser os guardiões da sua segurança, está sempre comigo, e eu sabia que logo estaria com você.

Naquela época eu saía de casa, dobrava na avenida Flatbush, e meu rosto ficava tão endurecido quanto a máscara facial de um lutador mexicano, meus olhos dardejavam de uma esquina para outra, meus braços, soltos, flexionados e prontos. Essa necessidade de estar sempre em guarda era um imensurável dispêndio de energia, uma lenta drenagem da essência. Contribuía para o rápido colapso de nossos corpos. Assim, eu temia não só a violência deste mundo, mas também as regras para protegê-lo dela, as regras que o fariam contorcer o corpo para ir para o quarteirão, e contorcer novamente para ser levado a sério pelos colegas, e contorcer novamente para não dar à polícia um pretexto. Durante toda a minha vida eu tinha ouvido pessoas dizerem a seus meninos e meninas negros para serem “duas vezes melhores”, o que vale dizer, “aceite até mesmo a metade”. Essas palavras devem ter sido ditas com a veneração de uma nobreza religiosa, como se evidenciassem alguma qualidade implícita, alguma coragem não detectada, quando de fato tudo que evidenciavam era a arma na cabeça e a mão no bolso. É assim que perdemos nossa suavidade. É assim que eles roubam nosso direito a sorrir. Ninguém disse a essas criancinhas brancas, em seus velocípedes, que deviam ser duas vezes melhores. Eu imaginava seus pais dizendo a elas que aceitassem até mesmo a metade. Parecia-me que nossas próprias regras duplicavam a pilhagem. Ocorreu-me a chocante ideia de que talvez a característica que defina o fato de estar alistado na raça negra seja o inescapável roubo de tempo, pois os momentos que despendemos preparando a máscara, ou nos preparando para aceitar até mesmo a metade, não poderiam ser recuperados. O roubo de tempo não se mede em duração de vida, mas em momentos. É a última garrafa de vinho que você acabou de abrir, mas não tem tempo de beber. É o beijo que não tem tempo de compartilhar antes que ela saia da sua vida. É o grande número de segundas chances para eles, e de dias de 23 horas para nós.

Uma tarde sua mãe e eu levamos você para visitar a pré-escola. A pessoa que nos recebeu levou-nos a um grande ginásio cheio de um efervescente caldo étnico de crianças de Nova York. As crianças estavam correndo, pulando e dando cambalhotas. Você olhou para elas, se soltou de nós e correu direto para dentro

daquele tumulto. Você nunca teve medo de pessoas, de ser rejeitado, e sempre o admirei por isso, e sempre temi por você por causa disso. Eu o vi saltar e rir com essas crianças que você mal conhecia, e aquela parede se ergueu em mim, e eu senti que devia agarrar você pelo braço, puxá-lo e dizer: “Não conhecemos essas pessoas! Fica na sua!”. Não fiz isso. Eu estava crescendo, e mesmo não podendo definir exatamente minha angústia, eu sabia que não havia nela nada de nobre. Mas agora entendo a gravidade do que eu estava propondo — que uma criança de quatro anos fosse alerta, prudente e sagaz, que eu restringisse sua felicidade, que você se submetesse à perda de tempo. E agora, quando comparo esse medo com a ousadia que os senhores da galáxia transmitiram a seus próprios filhos, fico envergonhado.

Nova York em si mesma era outro espectro, e a grande diversidade que eu tinha visto em Howard, e somente entre pessoas negras, agora se espalhava pela metrópole. Algo diferente espreitava a cada esquina. Aqui havia bateristas africanos reunidos na Union Square. Aqui havia torres comerciais desertas, reanimadas à noite por restaurantes nelas sepultados que serviam cerveja de barril e frango frito coreano. Aqui havia garotas negras com rapazes brancos, e rapazes negros com garotas sino-americanas, e garotas sino-americanas com rapazes dominicanos, e rapazes dominicanos com rapazes jamaicanos e todas as outras combinações imagináveis. Eu caminhava por West Village, maravilhando-me com restaurantes do tamanho de salas de estar, e percebendo que a mera pequenez desses restaurantes emprestava a seus clientes uma espécie de relaxamento erudito, como se estivessem rindo de uma piada que o resto do mundo levaria uma década para entender. O verão era irreal — longas faixas da cidade tornavam-se espetáculos de moda, e as avenidas não eram mais do que passarelas para a juventude. Havia um calor diferente de tudo que eu jamais sentira, um calor que vinha dos grandes prédios, formado pelas milhões de pessoas que se amontoavam nos vagões do metrô, nos bares, naqueles mesmos pequenos restaurantes e nos cafés. Eu nunca tinha visto tanta vivacidade. E nunca tinha imaginado que a vida pudesse se apresentar com tanta variedade. Era a Meca particular de cada um, empacotada em uma única e singular cidade.

Mas quando desci do trem e voltei para meu gueto, para minha avenida Flatbush, ou meu Harlem, o medo ainda se mantinha. Eram os mesmos garotos, com o mesmo olhar paralisante e ameaçador e o mesmo código que conheci em toda a minha vida. Se havia alguma diferença em Nova York é que tínhamos

uma galera de pele mais clara, entre os porto-riquenhos e dominicanos. Mas seus rituais eram tão parecidos, o jeito como eles andavam e se cumprimentavam, tudo isso era muito familiar para mim. E assim eu me via, num dia qualquer, atravessando diversas Nova Yorks de uma só vez — dinâmica, brutal, monetizada, às vezes tudo isso ao mesmo tempo.

Talvez você se lembre de quando fomos ver *O castelo animado* no Upper West Side. Você tinha quase cinco anos. O cinema estava superlotado, e quando saímos descemos por escadas rolantes até o andar térreo. Você andava com o vagar de uma criança pequena. Uma mulher branca o empurrou e disse: “Anda logo!”. Muitas coisas aconteceram de uma só vez. Houve a reação que teria qualquer pai contra um estranho que pusesse a mão no corpo do seu filho. E houve minha própria incerteza quanto a ser capaz de proteger seu corpo negro. E mais: houve a sensação de que aquela mulher estava exercendo uma suposta autoridade. Eu sabia, por exemplo, que ela não teria empurrado uma criança negra na minha região em Flatbush, porque lá ela teria medo e a sensação, se não a certeza, de que haveria uma penalidade por tal ato. Mas eu não estava em Flatbush. E não estava na zona oeste de Baltimore. E estava longe da Meca. Esqueci tudo isso. Só tinha em mente que alguém tinha se arvorado o direito sobre o corpo do meu filho. Eu me virei e falei com essa mulher, e minhas palavras tinham o calor daquele momento e de toda a minha história. Ela recuou, chocada. Um homem branco que estava ali perto falou em defesa dela. Entendi isso como uma tentativa de salvar a donzela da besta. Ele não tinha feito uma tentativa semelhante em benefício de meu filho. E agora estava sendo apoiado por outras pessoas brancas do agrupamento que ia se formando. O homem chegou mais perto. Falou mais alto. Eu o empurrei. Ele disse: “Eu poderia mandar prender você!”. Eu não me importava, e lhe disse isso, e meu desejo de fazer muito mais do que isso queimava em minha garganta. Esse desejo só pôde ser contido porque me lembrei de alguém logo ao lado, testemunhando uma fúria que jamais vira em mim: você.

Voltei para casa agitado. Era uma mescla de ira e vergonha por ter voltado à lei das ruas: “Eu poderia mandar prender você!”. O que corresponde a dizer: “Eu poderia tomar o seu corpo”.

Contei essa história muitas vezes, não como bravata, mas por necessidade de absolvição. Nunca fui uma pessoa violenta. Mesmo quando era jovem e seguia as regras da rua, qualquer um que me conhecesse sabia que isso não combinava comigo. Nunca senti o orgulho que supostamente se sente por uma honrada autodefesa e uma violência justificada. Sempre que era eu a prevalecer sobre alguém, qualquer que fosse a raiva que eu sentia naquele momento, depois eu sempre me sentia mal por ter me rebaixado à forma mais grosseira de comunicação. Malcolm fazia sentido para mim não por amor à violência, mas porque nada em minha vida tinha me preparado para entender o gás

lacrimogêneo como libertação, como fizeram os mártires do Mês da História Negra do Movimento dos Direitos Civis. Porém, mais do que qualquer vergonha que eu sentisse quanto a minha própria e efetiva violência, meu maior arrependimento era que, procurando defender você, eu o estava de fato pondo em perigo.

“Eu poderia mandar prender você!”, ele tinha me dito. O que equivalia a dizer: “Uma das lembranças mais antigas de seus filhos será a de observar o homem que sodomizou Abner Louima e sufocou Anthony Baez algemar, espancar, aplicar choque elétrico e quebrar você”. Eu tinha esquecido as regras, um erro tão perigoso no Upper West Side de Manhattan quanto na zona oeste de Baltimore. Lá uma pessoa tem de se portar impecavelmente. Andar em fila indiana. Trabalhar em silêncio. Pôr na pasta um lápis número 2 sobressalente. Não cometer erros.

Mas você é humano e vai cometer erros. Vai fazer juízos equivocados. Vai gritar. Vai beber demais. Vai andar com pessoas com quem não deveria andar. Ninguém pode ser Jackie Robinson o tempo todo — nem Jackie Robinson foi Jackie Robinson o tempo todo. Mas você irá pagar mais caro que seus compatriotas o preço de errar, e, para que a América possa se justificar, a história da destruição dos corpos negros tem de começar sempre com seu próprio erro, real ou imaginário — com a ira de Eric Garner, com as palavras místicas de Trayvon Martin (“Você vai morrer esta noite”), com o erro de Sean Bell ao correr com o grupo errado, comigo perto demais do garoto de olhos pequenos sacando uma arma.

Uma sociedade quase necessariamente começa toda história de sucesso com o capítulo que mais a favorece, e na América esses capítulos são sempre apresentados como a ação singular de indivíduos excepcionais. “Basta uma pessoa para operar uma mudança”, ouvimos frequentemente. Isso também é um mito. Talvez uma só pessoa possa acarretar uma mudança, mas não o tipo de mudança que elevaria seu corpo à condição de igualdade com seus compatriotas.

O fato da história é que os negros não — provavelmente nenhuma pessoa jamais — se libertaram estritamente por meio de seus próprios esforços. Em toda grande mudança na vida de afro-americanos vemos a ação de eventos que estavam além de nosso controle individual, eventos que não eram genuinamente bons. Não se pode desassociar nossa emancipação nas colônias do Norte do sangue derramado na Guerra Revolucionária mais do que se pode desassociar nossa emancipação da escravidão no Sul dos ossários da Guerra Civil, mais do que se pode desassociar nossa emancipação de Jim Crow dos genocídios da Segunda Guerra Mundial. A história não está somente em nossas mãos. E você ainda é chamado a lutar não porque isso lhe assegura uma vitória, mas porque lhe assegura uma vida honrosa e sã de espírito. Tenho vergonha de ter agido assim naquele dia, vergonha de ter posto em perigo o seu corpo. Mas essa

vergonha não é a de ser um mau pai, um mau indivíduo ou malcomportado. Minha vergonha é a de ter cometido um erro sabendo que nossos erros sempre nos custam mais.

Essa é a significação da história que se passa a nossa volta, embora muito poucas pessoas gostem de pensar sobre isso. Se eu tivesse informado àquela mulher que quando ela empurrou meu filho estava agindo de acordo com uma tradição que considera certos corpos como inferiores, sua resposta provavelmente teria sido “Eu não sou racista”. Ou talvez não. Mas minha experiência neste mundo me diz que as pessoas que se acreditam brancas são obcecadas com a política de sua inocentação pessoal. E a palavra *racista*, para elas, evoca, se não um parvo cuspidor de tabaco, então algo tão fantástico quanto um orc, um troll ou uma górgona. “Não sou racista”, insisti em dizer certa vez um apresentador depois de ter sido filmado gritando repetidamente para alguém que o importunava: “Ele é crioulo! Ele é crioulo!”. Referindo-se ao senador segregacionista Strom Thurmond, Richard Nixon concluiu: “Strom não é racista”. Não existem racistas na América, ou ao menos nenhum que as pessoas que precisam ser brancas conheçam pessoalmente. Na época dos linchamentos em massa, era tão difícil achar quem especificamente servira de carrasco que essas mortes costumavam ser relatadas na imprensa como tendo acontecido “pelas mãos de pessoas desconhecidas”. Em 1957, os moradores brancos de Levittown, na Pensilvânia, defenderam seu direito de manter a segregação na cidade. “Como cidadãos de moral, religiosos e cumpridores da lei”, escreveu o grupo, “achamos que não estamos sendo preconceituosos ou discriminatórios em nosso desejo de manter nossa comunidade como uma comunidade fechada.” Era uma tentativa de cometer um ato vergonhoso e ao mesmo tempo escapar de qualquer sanção, e levanto esse ponto para mostrar a você que não houve uma época na qual os malfeitores fizessem seus malfeitos e os proclamassem em praça pública.

“Preferiríamos dizer que essas pessoas não podem existir, que não existe nenhuma delas”, escreve Soljenítsin. “Para fazer o mal o ser humano tem, primeiro que tudo, de acreditar que o que está fazendo é bom, ou então que é uma ação bem-pensada, em conformidade com a lei natural.” Este é o fundamento do Sonho — seus adeptos precisam não apenas acreditar nele, mas acreditar que é justo, acreditar que sua posse do Sonho é o resultado natural de determinação, honra e boas obras. Há algum conhecimento passageiro dos velhos tempos ruins, os quais, aliás, não foram tão ruins a ponto de terem qualquer efeito continuado em nosso presente. A índole necessária para ignorar o horror de nosso sistema prisional, as forças policiais transformadas em exércitos, a longa guerra contra o corpo negro, não se forja da noite para o dia. É a prática do hábito de pôr fora de ação os olhos de alguém e de esquecer a obra das mãos de alguém. Ter consciência desses horrores significa abandonar a brilhante

versão que apresenta seu país como ele tem sempre se declarado e voltar-se para algo obscuro e desconhecido. Ainda é muito difícil, para a maioria dos americanos, fazer isso. Mas este é seu trabalho, meu filho. Tem de ser, mesmo que seja somente para preservar a santidade da sua mente.

Toda a narrativa deste país argumenta contra a verdade de quem você é. Penso naquele verão do qual você deve se lembrar muito bem, quando pus você e seu primo Christopher no banco de trás de um carro alugado e parti para ver o que restava de Petersburg, Shirley Plantation e Wilderness. Eu estava obcecado com a Guerra Civil porque nela morreram 600 mil pessoas. E, embora tivessem sido maquiadas em minha educação e na cultura popular, as representações da guerra e de seus motivos pareciam obscuras. Eu sabia que em 1859 estávamos escravizados, e que em 1865 não estávamos mais, e ocorreu-me que o que nos tinha acontecido nesses anos tinha certo grau de importância. Mas quando visitei cada um desses campos de batalha, senti ter sido saudado como se fosse um contador intrometido fazendo uma auditoria, enquanto alguém tentava esconder os registros.

Não sei se você se lembra de que o filme ao qual assistimos no Petersburg Battlefield terminava como se a derrota da Confederação fosse o início de uma tragédia, e não de júbilo. Imagino que não se lembre do homem em nossa excursão vestido com a lã cinza da Confederação, ou de como cada visitante parecia mais interessado em manobras de flanco, nas bolachas duras de água e sal, em fuzis de cano não estriado, nas bolas de ferro, nos encouraçados. Mas praticamente ninguém estava interessado naquilo que toda essa engenharia, essa invenção e esse projeto pretendiam alcançar. Você só tinha dez anos. Mas eu sabia que tinha de perturbá-lo, e isso significava levá-lo a lugares nos quais pessoas insultariam sua inteligência, nos quais ladrões tentariam inscrevê-lo no seu próprio roubo e mascarar seus incêndios e pilhagens como caridade cristã. Mas roubo é roubo, sempre foi.



No início da Guerra Civil, nossos corpos roubados valiam 4 bilhões de dólares, mais do que toda a indústria, todas as ferrovias, oficinas e fábricas americanas combinadas, e o primeiro produto fornecido por nossos corpos roubados — o algodão — era a principal exportação da América. Os homens mais ricos da América viviam no vale do rio Mississippi, e sua riqueza provinha de nossos corpos roubados. Nossos corpos foram mantidos na servidão por nossos primeiros presidentes. Nossos corpos eram negociados a partir da Casa Branca por James K. Polk. Nossos corpos construíram o Capitólio e o National Mall. O primeiro tiro da Guerra Civil foi disparado na Carolina do Sul, onde nossos corpos constituíam a maioria dos corpos humanos do estado. Eis aí o motivo da grande guerra. Isso não é segredo. Mas podemos fazer melhor, e encontrar o bandido confessando seu crime. “Nossa posição é totalmente identificada com a instituição da escravidão”, declarou o Mississippi ao deixar a União, “o maior interesse material do mundo.”

Você se lembra de estar comigo e com sua mãe, durante uma de nossas visitas a Gettysburg, em frente à casa de Abraham Brian? Estávamos com um jovem que estudara a história dos negros em Gettysburg. Ele explicou que a Fazenda Brian era o ponto mais extremo da linha que foi atacada por George Pickett no dia final. E nos contou que Brian era um homem negro, que Gettysburg fora o lar de uma comunidade negra livre e que Brian e sua família fugiram de casa por medo de perder seus corpos no avanço do exército da escravização, liderado pelo homenageado e santificado general confederado Robert E. Lee, cujo exército roubava pessoas negras de si mesmas e as vendia para o Sul. George Pickett e suas tropas foram rechaçados pelo Exército da União. Ali de pé, um século e meio depois, pensei em um dos personagens de Faulkner, recordando, numa cena famosa, como esse fracasso maravilhou as mentes de todos os rapazes “do Sul”: “Tudo está por decidir, ainda não aconteceu, nem sequer começou...”. Todos os jovens sulistas de Faulkner eram brancos. Mas eu, de pé na fazenda de um homem negro que tinha fugido com a família para continuar livre no Sul, vi os soldados de Pickett em sua carga através da história, na selvagem perseguição a seu estranho direito de nascença — o direito de bater, estuprar, roubar e saquear o corpo negro. Isso é tudo que estava “por decidir”, a nostálgica essência corrupta e indizível do momento.

Mas a reunião americana estava construída sobre uma narrativa confortável que fazia da escravidão algo benevolente; dos sequestradores de corpos, cavaleiros brancos; e da chacina da guerra uma espécie de esporte do qual se poderia concluir que ambos os lados tinham se portado com coragem, honra e elã. Essa mentira da Guerra Civil é a mentira da inocência, é o Sonho. Historiadores conjuraram o Sonho. Hollywood fortaleceu o Sonho. O Sonho foi dourado em romances e histórias de aventuras. John Carter foge da Confederação destruída para Marte. Não se espera que perguntemos do quê,

exatamente, ele estava fugindo. Eu, como todo menino que eu conhecia, gostava de *Os gatos*. Mas faria melhor se tivesse pensado mais sobre por que dois fora da lei, dirigindo um carro chamado General Lee, deveriam necessariamente ser retratados como “apenas bons rapazes do Sul, sem intenção de fazer mal a ninguém” — um mantra para os Sonhadores, se é que alguma vez houve um. Mas a “intenção” de alguém não é importante ou relevante. Não é preciso que você acredite que o policial que deu uma chave de braço em Eric Garner tenha escolhido aquele dia para destruir um corpo. Tudo que você precisa compreender é que o policial corporifica o poder do Estado americano e o peso do legado americano, e eles precisam que, dos corpos destruídos a cada ano, um número desregrado e desproporcional seja de negros.

É isso que eu queria que você soubesse: na América, é tradição destruir o corpo negro; é uma herança. A escravidão não foi apenas o antisséptico emprestar do trabalho — não é tão fácil conseguir que um ser humano comprometa seu corpo contra seu próprio e elementar interesse. E assim a escravidão tem de ser ira casual e amputações aleatórias, o corte de cabeças e cérebros estourados sobre o rio enquanto o corpo procura escapar. É um estupro tão regular que chega a ser industrial. Não há um modo mais elevado de dizer isso. Não disponho de hinos de louvor, nem de velhos *spirituals* negros. O espírito e a alma são o corpo e o cérebro, que são destrutíveis — e, justamente por isso, tão preciosos. E a alma não escapou. O espírito não se alçou nas asas do gospel. A alma foi o corpo que alimentou o tabaco, o espírito foi o sangue que irrigou o algodão, e eles criaram os primeiros frutos do jardim americano. E garantiam-se os frutos batendo em crianças com lenha de fogão, descamando a pele com ferro quente, como se descasca o milho.

Tinha de haver sangue. Tinha de haver pregos atravessando línguas e orelhas decepadas. “Alguma desobediência”, escreveu uma madame sulista. “Muita indolência, melancolia, negligência... Usei a vara.” Tinha de haver o espancamento de mãos na cozinha pelo crime de bater manteiga devagar. Algumas mulheres foram “agraciadas [...] com trinta chicotadas no último sábado e outras tantas, novamente, na terça-feira”. Só podia haver o emprego de chicotes, tenazes, atizadores de ferro, serras de mão, pedras, pesos de papel ou o que estivesse à mão para quebrar o corpo negro, a família negra, a comunidade negra, a nação negra. Os corpos eram pulverizados como gado e marcados para o seguro. E os corpos eram uma aspiração, lucrativos como terra indígena, uma varanda, uma mulher bonita ou uma casa de veraneio nas montanhas. Para os homens que precisavam acreditar que eram brancos, os corpos eram uma chave para um clube social, e o direito de quebrar os corpos era a marca da civilização. “As duas grandes divisões da sociedade não são ricos e pobres, mas brancos e negros”, disse John C. Calhoun, o grande senador da Carolina do Sul. “E todos os primeiros tanto pobres quanto ricos pertencem à classe superior e são

respeitados e tratados como iguais.” E aí está — o direito de quebrar o corpo negro e o significado da sua sagrada igualdade. Esse direito sempre lhes deu um significado, sempre significou que havia alguém lá embaixo no vale, porque uma montanha não é uma montanha se não houver nada abaixo dela.⁷

Você e eu, meu filho, somos esse “abaixo”. Isso era verdadeiro em 1776. Isso é verdadeiro hoje. Não há eles sem você, e sem o direito de quebrá-lo eles necessariamente têm de cair da montanha, perder sua divindade e tropeçar para fora do Sonho. E depois terão de determinar como construir seus subúrbios sobre outra coisa que não ossos humanos, como angular suas prisões para que sejam outra coisa que não currais humanos, como erigir uma democracia independente de canibalismo. Mas, porque se acreditam brancos, preferem permitir em suas leis que um homem sufocado até a morte seja filmado como notícia. Preferem alimentar o mito de Trayvon Martin, pequeno adolescente, as mãos cheias de guloseimas e refrigerantes, transformado em monstro assassino. E preferem ver Prince Jones ser seguido por um mau policial através de três jurisdições e morto a tiros por agir como um ser humano. Preferem, em toda a sua sanidade, estender a mão e empurrar meu filho de quatro anos como se ele fosse meramente um obstáculo no caminho de seu importantíssimo dia.

Eu estava lá, Samori. Não. Eu estava de volta a Baltimore cercado por eles, os garotos. Estava sentado no chão da sala de estar dos meus pais, olhando para aquele mundo distante, para mim, impenetrável. Estava em toda a raiva de meus anos. Estava onde Eric Garner deve ter estado em seus últimos momentos. “Isso acaba hoje”, ele disse, e foi morto. Senti a injustiça cósmica, embora não a compreendesse totalmente. Ainda não tinha estado em Gettysburg. Não tinha lido Thavolia Glymph. Tudo que tinha era o sentimento, o peso. Ainda não sabia, como ainda não sei agora de maneira cabal. Mas parte do que sei é que existe o fardo da vida entre os Sonhadores e existe o fardo extra de seu país lhes dizendo que o Sonho é justo, nobre e real, e que você está louco ao ver a corrupção e sentir o cheiro do enxofre. Em favor de sua própria inocência, anulam sua raiva, seu medo, até você ficar desarmado e se vir invectivando contra si mesmo — “Os negros são os únicos que...” —, na verdade contra sua própria humanidade, e se enfurecendo contra o crime em seu gueto, porque você é impotente ante o grande crime da história que foi permitir que existissem guetos.

É realmente horrível perceber a si mesmo como inferior. Isso contradiz demais o que gostaríamos de pensar sobre nós mesmos, nossas vidas, o mundo no qual habitamos e as pessoas que nos cercam. O esforço para entender é nossa única vantagem sobre essa loucura. Na época em que visitei aqueles campos de batalha, sabia que tinham sido remodelados como local de encenação de uma grande fraude, e essa era minha única segurança, porque não poderiam mais me insultar ao mentir para mim. Eu sabia — e a coisa mais importante que eu sabia era que em algum lugar lá no fundo, eles sabiam também. Gosto de pensar que

esse conhecimento pode ter me impedido de pôr você em perigo, que ao compreender e reconhecer a raiva, eu poderia controlá-la. Gosto de pensar que isso poderia ter me permitido dizer as palavras que tinham de ser ditas à mulher e depois ir embora. Gosto de pensar isso, mas não é algo que posso garantir. A luta é realmente tudo que tenho para você porque é a única porção deste mundo sob o seu controle.

Lamento não poder fazer com que tudo fique bem. Lamento não poder salvá-lo — mas não tanto. Parte de mim acredita que a sua vulnerabilidade o aproxima do sentido da vida, do mesmo modo que, para os outros, a jornada que fazem para se acreditarem brancos os afasta do mesmo. O fato é que, apesar de seus sonhos, suas vidas tampouco são invioláveis. Quando sua própria vulnerabilidade torna-se real — quando a polícia decide que as táticas que visam ao gueto deveriam ter um uso mais amplo, quando a sociedade armada atira em seus filhos, quando a natureza envia furacões contra suas cidades —, eles ficam chocados de uma maneira que, para aqueles de nós que nasceram e foram criados para compreender relações de causa e efeito, é simplesmente impensável. E eu não faria você viver como eles. Você foi moldado numa raça que tem o vento sempre no rosto e cães de caça nos calcanhares. E, de várias formas, isso é verdade para todas as vidas. A diferença é que você não tem o privilégio de viver na ignorância desse fato essencial.

Estou falando com você como sempre falei — como o homem sóbrio e sério que sempre quis que você fosse, que não pede perdão por seus sentimentos humanos, que não se desculpa por sua altura, seus longos braços, seu belo sorriso. Você está crescendo com consciência, e meu desejo é que não sinta a necessidade de se constranger para fazer com que outras pessoas estejam confortáveis. Nada disso pode mudar a matemática, de qualquer forma. Eu nunca quis que você fosse duas vezes melhor que eles tanto quanto sempre quis que enfrentasse com esforço cada dia de sua breve e animada vida. As pessoas que precisam acreditar que são brancas não podem ser, jamais, o seu parâmetro. Eu não gostaria que você mergulhasse em seu próprio sonho. Prefiro que seja um cidadão consciente desse terrível e belo mundo.

Um dia, eu estava em Chicago reportando um caso sobre a história da segregação no Norte urbano e como ela era arquitetada pela política governamental. Estava acompanhando alguns policiais da delegacia do condado em suas rondas. Naquele dia, vi um homem negro perdendo sua casa. Segui os

oficiais da delegacia para dentro da casa, onde um grupo deles estava falando com a esposa do homem, que também tentava dar atenção a seus dois filhos. Ela, claramente, não tinha sido avisada de que o delegado viria, embora algo na atitude de seu marido me dissesse que ele já devia esperar por aquilo. Os olhos da mulher registraram, imediatamente, seu choque ante aquela situação, raiva dos policiais e raiva do marido. Os oficiais estavam na sala de estar do homem, lhe dando ordens quanto ao que teria de acontecer naquele momento. Do lado de fora havia homens que tinham sido contratados para retirar os bens da família. O homem estava humilhado, e imaginei que provavelmente tinha estado ciente, por algum tempo, sozinho, de tudo que ameaçava sua família, mas não conseguira admiti-lo para si mesmo ou para a mulher. Assim, ele agora transformava toda aquela energia em raiva, direcionada aos policiais. Ele xingava. Gritava. Gesticulava de maneira selvagem. Esse departamento da delegacia em particular era mais progressista do que a maioria. Eles tinham preocupações quanto ao encarceramento em massa. Com frequência traziam um assistente social quando tinham de fazer um despejo. Mas isso nada tinha a ver com a inexorável e subjacente lógica do mundo que esse homem habitava, uma lógica construída sobre leis construídas sobre uma história construída sobre o desdém a esse homem e a sua família e a sua sina.

O homem continuava a vociferar. Quando os policiais se afastaram, ele vociferou ainda mais para o grupo de homens negros que havia sido contratado para pôr sua família na rua. Sua conduta era como a de todos os negros que sempre conheci, exagerando os corpos para ocultar uma pilhagem fundamental que não tinham conseguido evitar.

Passei a semana explorando essa cidade, caminhando pelos espaços vazios, observando garotos desocupados, sentando em bancos de igrejas e passando na rua por murais dedicados aos mortos. E, de vez em quando, eu ia às casas modestas de pessoas negras daquela cidade, que estavam entrando em sua décima década de vida. Essas pessoas eram profundas. Suas casas tinham uma profusão dos emblemas de uma vida honrada — prêmios de cidadania, retratos de maridos e mulheres falecidos, várias gerações de filhos de toga e beca. E tinham obtido esses galardões fazendo a limpeza de grandes casas e morando em barracões de um cômodo no Alabama, antes de mudarem para a cidade. E tinham feito isso apesar da cidade, que supostamente representaria uma trégua, mas revelou-se simplesmente uma espécie mais complicada de pilhagem. Tinham trabalhado em dois e três empregos, levado os filhos até o ensino médio e a faculdade e se tornado pilares da comunidade. Eu os admirava, mas sabia o tempo todo que só estava encontrando os sobreviventes, os que tinham resistido aos bancos e ao rosto petrificado de seu desdém, aos corretores de imóveis e sua falsa simpatia — “Sinto muito, aquela casa foi vendida ontem” —, corretores que os direcionaram de volta aos quarteirões do gueto, ou quarteirões destinados a

logo se tornarem guetos, aos credores que descobriram essa classe cativa e tentaram despi-la de tudo que possuía. Nessas casas eu vi o melhor de nós, mas por trás de cada uma delas eu sabia que tantos milhões tinham ido embora.

E sabia que havia crianças nascidas nessas mesmas vizinhanças engaioladas do Westside, esses guetos, tão planejados quanto qualquer subdivisão. Eles representam um ato elegante de racismo, campos de matança criados por políticas federais, onde somos, mais uma vez, saqueados de nossa dignidade, de nossas famílias, de nossa riqueza e de nossas vidas. E não há diferença entre a morte de Prince Jones e os assassinatos cometidos nesses campos de matança, porque ambos estão enraizados na mesma presunção de inumanidade dos negros. Um legado de pilhagem, uma rede de leis e tradições, uma herança, um Sonho, assassinaram Prince Jones tão certamente como assassinam negros em North Lawndale com assustadora regularidade. “Crime de negro-contranegro” é jargão, violência contra a linguagem, que faz desaparecer os homens que arquitetaram os pactos que estabeleceram os empréstimos, que planejaram os conjuntos habitacionais, que construíram as ruas e venderam tinta vermelha aos barris. E isso não deveria nos surpreender. A pilhagem da vida dos negros foi introduzida neste país em sua infância e reforçada no decurso de sua história, de modo que tornou-se uma relíquia, uma inteligência, uma sensibilidade, uma disposição padrão, à qual, provavelmente até o fim de nossos dias, invariavelmente teremos de retornar.

Os campos de matança de Chicago, de Baltimore, de Detroit, foram criados pela polícia dos Sonhadores, mas seu peso, sua vergonha, recai somente sobre aqueles que lá estão morrendo. Há nisso uma grande trapaça. Gritar “crime de negro-contranegro” é atirar num homem e depois envergonhá-lo por estar sangrando. E a premissa que permite a existência desses campos de matança — a redução do corpo negro — não é diferente da que permitiu o assassinato de Prince Jones. O Sonho de agir como branco, falar como branco, de ser branco assassinou Prince Jones tão certamente quanto assassina negros em Chicago com assustadora regularidade. Não aceite a mentira. Não beba desse veneno. As mesmas mãos que desenharam uma linha vermelha em torno da vida de Prince Jones desenharam linhas vermelhas em torno do gueto.

Eu não quis criar você no medo ou em falsa memória. Não quis que você fosse forçado a mascarar suas alegrias e vender os olhos. O que eu quis foi que você crescesse consciente. Decidi não esconder nada de você.

Lembra-se de quando o levei pela primeira vez para o trabalho, quando você tinha treze anos? Eu estava indo visitar a mãe de um menino negro morto. O garoto tinha trocado palavras duras com um homem branco e fora morto por se recusar a baixar o volume da música. O assassino, depois de esvaziar a arma, levou a namorada para um hotel. Tomaram uns drinques. Pediram uma pizza. E no dia seguinte, sem nenhuma pressa, ele se apresentou. Alegou ter visto uma espingarda. Alegou ter sentido que sua vida estava ameaçada e que só conseguiria vencer valendo-se de uma justa violência. “Fui a vítima e o vencedor”, afirmou ele, do mesmo modo como gerações de saqueadores americanos tinham afirmado antes. Nenhuma espingarda foi encontrada. Ainda assim, a alegação influenciou o júri, e o matador foi condenado não pelo assassinato do menino, mas por ter atirado repetidamente quando os amigos do menino fugiam. Destruir o corpo negro era permitido — mas melhor seria fazê-lo com eficiência.

A mãe desse menino negro assassinado foi depois apresentar o caso a jornalistas e escritores. Nós nos encontramos com ela no saguão de seu hotel na Times Square. Ela tinha altura mediana, pele marrom e o cabelo caído nos ombros. Ainda não se passara uma semana do veredicto. Mas ela estava calma e totalmente senhora de si. Não manifestou raiva ao assassino, mas se perguntava se as regras que transmitira ao filho tinham sido suficientes. Ela tinha desejado que o filho defendesse aquilo em que acreditava e que fosse respeitoso. E ele havia morrido por acreditar que seus amigos tinham o direito de ouvir sua música no volume que quisessem, de ser adolescentes americanos. Mais uma vez, ela se perguntava: “Em minha mente eu ficava dizendo: ‘Se ele não tivesse retrucado, falado alto, será que ainda estaria aqui?’”.

Ela não esqueceria a singularidade do filho, sua vida única. Não esqueceria que ele tinha um pai que o amava, que ficava com ele enquanto ela lutava contra o câncer. Não esqueceria que ele animava as festas, que sempre tinha novos amigos para ela levar em sua minivan. E que continuaria vivo no trabalho dela. Eu lhe disse que o veredicto me enraivecera. Disse-lhe que a ideia de que alguém naquele júri pensasse ser plausível haver uma arma no carro era injuriante. Ela disse que ficara injuriada também, e que não interpretasse mal sua calma como uma demonstração de que não estava com raiva. Mas Deus tinha focado sua raiva para longe da vingança e perto da redenção, ela disse. Deus tinha lhe falado e a fizera engajar-se num novo ativismo. Depois a mãe do menino assassinado levantou-se, virou-se para você e disse: “Você existe. Você tem importância. Você tem valor. Você tem todo o direito de usar seu blusão com capuz, de tocar sua música tão alto quanto queira. Você tem todo o direito de ser você. E ninguém pode impedi-lo de ser você. Você tem de ser você. E nunca deve ter medo de ser você”.

Fiquei contente por ela ter dito isso. Eu tinha tentado lhe dizer a mesma coisa, e se não o disse de modo tão direto e claro, confesso que é porque tenho medo. E não tenho Deus para me sustentar. E acredito que, quando despedaçam o corpo, despedaçam tudo, e sabia que todos nós — cristãos, muçulmanos, ateus — vivíamos nesse medo dessa verdade. A descorporificação é um tipo de terrorismo, e sua ameaça altera a órbita de todas as nossas vidas, e, como no terrorismo, essa distorção é intencional. Descorporificação. O dragão que compelia os meninos que conheci no passado a uma extravagante e teatral representação de posse. Descorporificação. O demônio que empurrava os sobreviventes negros da classe média a uma passividade agressiva, a restringir nossas conversas em recintos públicos, a exibir nossos melhores modos, nossas mãos nunca fora dos bolsos, toda a nossa postura arrumada, como se disséssemos: “Não faço movimentos bruscos”. Descorporificação. A serpente de nossos anos na escola, solicitando que eu fosse duas vezes melhor, embora eu não fosse senão um menino. O assassinato estava em toda a nossa volta e sabíamos, bem dentro de nós, em algum espaço silencioso, que o autor desses assassinatos estava fora do nosso alcance, que servia aos fins de alguma outra pessoa. Estávamos certos.

Eis como eu meço o meu progresso na vida: me imagino como eu era, lá atrás na zona oeste de Baltimore, evitando a esquina da North com a Pulaski, me esquivando de Murphy Homes, temeroso das escolas e das ruas, e me imagino mostrando ao menino perdido um retrato de minha vida atual e lhe perguntando o que ele faria dela. Apenas uma vez — nos dois anos que se seguiram ao seu nascimento, nos dois primeiros rounds da luta que é minha vida — acreditei que ele teria ficado desapontado. Escrevo a você no precipício de meu quadragésimo ano, tendo chegado a um ponto em minha vida não de grande proeminência, mas muito além de qualquer coisa que aquele menino pudesse ter imaginado. Não dominei as ruas, porque não consegui ler a linguagem do corpo com rapidez o bastante. Não dominei as escolas, porque não consegui enxergar aonde qualquer uma delas pudesse me levar. Mas não caí. Tenho minha família. Tenho meu trabalho. Não sinto mais a necessidade de passar vergonha em festas dizendo às pessoas que estou “tentando ser escritor”. E, mesmo sendo ateu, o fato de ser humano, de ter a dádiva do estudo, e desse modo poder ser notado entre todas as matérias que flutuam pelo cosmo, ainda me deixa assombrado.

Passei boa parte de meus estudos procurando a questão certa, pela qual eu poderia entender totalmente a brecha existente entre o mundo e eu. Não passei meu tempo estudando o problema de “raça” — a própria “raça” é somente uma reformulação e redução do problema. Vemos isso de tempos em tempos quando algum idiota, que geralmente se acredita branco, propõe que o caminho para avançar é uma grande orgia de negros e brancos, que só vai terminar quando formos todos bege e assim da mesma “raça”. Mas um grande número de pessoas “negras” já são bege. E a história da civilização está cheia de “raças” mortas (franca, italiana, alemã, irlandesa) que foram depois abandonadas porque não atendiam mais a seu propósito — a organização de pessoas sob e acima do guarda-chuva de direitos.

Se minha vida terminasse hoje, eu lhe diria que foi uma vida feliz — que extraí uma grande alegria do estudo, da luta para a qual agora o estou convocando. Você deve ter visto nesta conversa que a luta me quebrou e me refez várias e várias vezes — em Baltimore, na Meca, na paternidade, em Nova York. As mudanças me agraciaram com um rompimento que só vem quando você já não acredita em mentiras, quando já rejeitou o Sonho. Mas ainda mais do que isso, as mudanças me ensinaram como aproveitar melhor aquela singular dádiva do estudo, a questionar o que vejo, e então o que vejo depois disso, porque as perguntas têm tanta importância quanto as respostas, talvez até mais do que elas.

Porém, ah, meus olhos. Quando eu era menino, nenhuma parte do meu corpo sofreu mais do que meus olhos. Se eu me saí bem, pelos parâmetros da infância, deve-se acrescentar que esses mesmos parâmetros são prejudicados pelo tão pouco que minha classe cativa pôde enxergar. O Sonho parecia então ser o pináculo, ficar rico e viver em uma dessas casas no campo, em uma dessas pequenas comunidades, um desses becos sem saída com seus modos suaves e sinuosos, onde se passavam filmes para adolescentes e se construía casas na árvore para as crianças, e onde no último e perdido ano antes da faculdade os adolescentes faziam amor em carros estacionados no lago. O Sonho, para mim, parecia ser o fim do mundo, o ponto alto da ambição americana. O que poderia existir mais além das transmissões de TV, além dos subúrbios?

Sua mãe sabia. Talvez por ter sido criada dentro das fronteiras físicas de um lugar assim, por viver na proximidade dos Sonhadores. Talvez fosse porque as pessoas que pensavam serem brancas lhe disseram que ela era inteligente e em seguida que não era negra de verdade, considerando que isso era um elogio. Talvez fossem os rapazes de lá, que de fato eram negros, dizendo que ela era “bonita para uma garota de pele escura”. Sua mãe nunca se sentiu totalmente em casa, e isso abriu a possibilidade de que algum outro lugar fosse essencial para ela, o que a impulsionou para a Meca, depois para Nova York e depois mais além. Em seu aniversário de trinta anos ela viajou para Paris. Não sei se você se

lembra. Você só tinha seis anos. Nós dois passamos aquela semana comendo peixe frito no café da manhã e bolo no jantar, deixando a roupa de baixo no balcão e tocando Ghostface Killah no volume máximo. Nunca me ocorrera deixar a América — nem mesmo temporariamente. Meus olhos. Meu amigo Jelani, que crescera comigo, disse-me uma vez que achava que viajar era um luxo inútil, como torrar o cheque do aluguel em um terno cor-de-rosa. E eu sentia a mesma coisa, naquela época. Achava graça de que sua mãe sonhasse com Paris. Não conseguia entender isso — e não achava que precisasse entender. Uma parte de mim ainda estava lá atrás, na aula de francês no sétimo ano, pensando apenas na segurança imediata do corpo, olhando para a França como se poderia olhar para Júpiter.

Mas agora sua mãe tinha agido, tinha feito isso, e quando voltou seus olhos dançavam ante todas as possibilidades que tinha visto lá, não apenas para ela, mas para você e para mim. É bem ridículo como um sentimento se espalha e contagia. Era como se apaixonar — as coisas que se apoderam de você são tão pequenas, as coisas que mantêm você desperto à noite são tão particularmente suas que, quando você tenta explicar, a única retribuição que alguém pode lhe dar é um aceno polido e silencioso. Sua mãe tirou muitas fotos por toda a Paris, de portas, portas gigantescas — portas azul-escuras, cor de ébano, cor de laranja, turquesa e vermelho ardente. Examinei as fotos dessas portas enormes em nosso pequeno apartamento no Harlem. Nunca tinha visto nada assim. Nunca me ocorrera que essas portas gigantescas pudessem existir, pudessem ser tão comuns em uma parte do mundo e tão ausentes em outra. E ocorreu-me, ouvindo sua mãe falar, que a França não era um experimento imaginado, mas um lugar real, cheio de gente real, cujas tradições eram diferentes, cujas vidas eram realmente diferentes, cuja percepção de beleza era diferente.

Quando olho para trás, sei que estava captando a mensagem que vinha de toda parte. Naquela época, entre meus amigos, havia um grande número de pessoas que tinham laços com mundos diferentes. “Deixe a raça orgulhosa”, costumavam dizer os mais velhos. Mas eu sabia que não estava tão ligado a uma “raça” biológica quanto a um grupo de pessoas, e essas pessoas não eram negras só porque tinham uma cor uniforme ou feições físicas uniformes. Estavam ligadas porque sofriam sob o peso do Sonho, e estavam ligadas por todas as coisas bonitas, toda a linguagem e todos os maneirismos, toda a comida e a música, toda a literatura e filosofia, toda essa linguagem comum que modelavam como diamantes sob o peso do Sonho. Não faz muito tempo, eu estava num aeroporto tirando uma mala da esteira rolante. Dei um esbarrão num jovem negro e disse: “Foi mal”. Sem nem mesmo olhar para mim ele disse: “Tudo bem”. E nesse curto diálogo havia muito dessa conexão particular que só pode existir entre dois estranhos pertencentes a essa tribo que chamamos de negros. Em outras palavras, eu era parte de um mundo. E olhando para fora, eu tinha amigos que

também eram parte de outros mundos — o mundo dos judeus ou dos novaiorquinos, o mundo dos sulistas ou dos gays, dos imigrantes, dos californianos, dos nativos americanos, ou uma combinação de quaisquer desses, mundos alinhavados em outros mundos, como uma tapeçaria. E conquanto eu nunca pudesse ser nativo de qualquer desses mundos, sabia que entre nós não se interpunha nada tão essencial como “raça”. Àquela altura eu já tinha lido demais. E meus olhos — meus belos, preciosos olhos — estavam ficando mais fortes a cada dia. E eu via que o que me separava do mundo não era nada intrínseco em nós, mas a efetiva injúria que havia na intenção que as pessoas tinham de nos dar um nome, de acreditar que o nome que nos davam era mais importante do que qualquer coisa que pudéssemos fazer. Na América, a injúria não está em se ter nascido com uma pele mais escura, com lábios mais carnudos, com um nariz mais largo, mas em tudo que acontece depois disso. Naquele simples diálogo com aquele jovem, eu estava falando a língua pessoal do meu povo. Foi a mais breve das intimidades, mas captou muito da beleza do meu mundo negro — o relaxamento que havia entre mim e sua mãe, o milagre na Meca, o modo como eu me sentia desaparecer nas ruas do Harlem. Dizer que esse sentimento é racial é entregar ao saqueador todos aqueles diamantes modelados por nossos ancestrais. Nós criamos esse sentimento, e embora tenha sido forjado à sombra dos assassinados, dos estuprados, dos descorporificados, nós o criamos mesmo assim. Essa é a coisa bonita que vi com meus próprios olhos, e acho que precisava desse ponto de vista antes de conseguir sair para uma jornada. Acho que eu precisava saber que era de algum lugar, que meu lar era tão belo quanto qualquer outro.



Sete anos depois de ver as fotos daquelas portas, recebi meu primeiro passaporte de adulto. Gostaria de tê-lo recebido mais cedo. Gostaria, quando estava naquela aula de francês, de ter ligado as conjugações, os verbos e os gêneros dos substantivos a algo maior. Gostaria que alguém me tivesse dito o que era realmente aquela aula — um portal para algum outro mundo azul. Eu queria ver esse mundo por mim mesmo, ver as portas e tudo que havia por trás delas. No dia da minha partida, eu estava num restaurante com sua mãe, que tinha me mostrado tanta coisa. Eu lhe disse: “Estou com medo”. Eu não falava bem a língua. Não conhecia os costumes. E estaria sozinho. Ela apenas ouviu e segurou minha mão. E naquela noite embarquei numa nave espacial. A nave espacial projetou-se na escuridão, projetou-se através do céu, projetou-se para além da zona oeste de Baltimore, para além da Meca, além de Nova York, além de toda língua e todo espectro que eu conhecia.

Minha passagem me levou primeiro a Genebra. Tudo acontecia com muita rapidez. Eu tinha de trocar dinheiro. Tinha de achar um trem do aeroporto para a cidade e depois outro trem para Paris. Alguns meses antes eu tinha começado um vacilante estudo da língua francesa. Agora eu estava dentro de uma tempestade de francês, encharcado de verdade, e equipado somente para captar gotas da língua — “quem”, “euros”, “você”, “para a direita”. Ainda estava muito amedrontado.

Examinei os horários da ferrovia e descobri que, dali, um bilhete errado poderia me levar a Viena, Milão ou algumas cidadezinhas alpinas que eu não conhecia, nenhuma delas, e das quais jamais ouvira falar. Aconteceu naquele mesmo momento. A percepção de ter ido tão longe, o medo, as irreconhecíveis possibilidades, tudo isso — o horror, o espanto, a alegria — fundiu-se numa excitação erótica. A excitação não era totalmente estranha. Estava próxima da onda que me invadira em Moorland. Era parecida com a injeção de narcótico aplicada em mim quando observava as pessoas com suas taças de vinho na West Broadway. Era tudo que eu tinha sentido olhando aquelas portas parisienses. E naquele momento me dei conta de que todas aquelas mudanças, com toda a sua agonia, falta de jeito e confusão, eram o fato que definia minha vida, e pela primeira vez eu soube que não somente estava vivo, que estava realmente estudando e observando, mas que estava vivo havia muito tempo — mesmo lá em Baltimore. Sempre estive vivo. Sempre estive traduzindo.

Cheguei a Paris. Fiz check-in num hotel do 6º *arrondissement*. Não tinha absolutamente nenhum conhecimento da história local. Não tinha pensado muito sobre Baldwin ou Wright. Não tinha lido Sartre nem Camus, e se passei a pé pelo Café de Flore ou por Les Deux Magots não fiz nenhuma anotação específica. Nada disso importava. Era sexta-feira, e o que importava eram as ruas abarrotadas de gente em surpreendentes configurações. Adolescentes juntos num café. Crianças com uniformes de escola. mochilas de lado. chutando uma bola

de futebol na rua. Casais mais velhos em longos casacos, de cachecóis e paletós. Pessoas de vinte e tantos anos assomando de inúmeros estabelecimentos, parecendo belas e serenas. Isso lembrava Nova York, mas sem o medo subjacente, sempre presente. As pessoas não usavam couraça, nenhuma que eu pudesse reconhecer. Em ruas laterais e vielas havia uma profusão de bares, restaurantes e cafés. Todo mundo caminhava. Quem não estava caminhando estava se abraçando. Eu sentia estar além de todo direito natural. Minha escalada a uma sensação de poder foi geométrica. Meu alinhamento foi afiado como uma espada. Saí caminhando e me derreti com a cidade, como manteiga no ensopado. Em minha mente, ouvia Big Boi cantar:

I'm just a playa like that, my jeans was sharply creased.

*I got a fresh white T-shirt and my cap is slightly pointed east.*⁸

Jantei com um amigo. O restaurante tinha o tamanho de duas salas de estar grandes. As mesas eram coladas umas nas outras, e para que se pudesse sentar a garçonete empregava uma espécie de mágica, puxando uma mesa e pondo você para dentro, como uma criança naquelas cadeiras altas. Era preciso chamá-la para poder ir ao toalete. Quando chegou a hora de fazer o pedido, fustiguei-a com meu catastrófico francês. Ela assentiu, sem rir. Seu comportamento bem-educado não era falso. Trouxe-nos uma garrafa de um vinho incrível. Comi um bife. Uma baguete com tutano. Fígado. Um *espresso* e uma sobremesa da qual nem sei o nome. Usando todo o francês que consegui reunir, tentei dizer à garçonete que a refeição tinha sido magnífica. Ela interrompeu-me em inglês: “A melhor que já teve, certo?”. Eu me levantei para caminhar, e a despeito de ter ingerido metade do menu, sentia-me leve como um peso-pena. No dia seguinte, acordei cedo e fui caminhar pela cidade. Visitei o Museu Rodin. Parei num bistrô e, com todo o medo que um rapaz sente ao abordar uma garota bonita numa festa, pedi duas cervejas e depois um hambúrguer. Caminhei até o Jardim de Luxemburgo. Eram cerca de quatro da tarde. Sentei-me. O jardim fervilhava de gente, com todos os seus modos alienígenas. Naquele momento, fui tomado de uma estranha solidão. Talvez porque não tivesse falado uma única palavra em inglês durante o dia inteiro. Talvez porque nunca tivesse me sentado num jardim público antes, nem mesmo imaginado que isso era algo que eu gostaria de fazer. E a toda a minha volta havia pessoas que faziam isso com regularidade.

Ocorreu-me que eu estava realmente no país de outras pessoas, e, ainda assim, necessariamente, eu estava fora do país delas. Na América eu era parte de uma equação — mesmo não sendo uma parte que eu apreciasse. Era aquele que a polícia fazia parar na 23rd Street no meio de um dia útil. Eu era aquele que fora conduzido até a Meca. Não era apenas um pai, mas o pai de um garoto negro. Não era só um esposo, mas o marido de uma mulher negra, um símbolo fretado de amor negro. Sentado naquele jardim, porém, pela primeira vez eu era um alienígena, era um marinheiro sem terra e desconectado. E lamentava não ter sentido antes essa solidão particular, nunca ter me sentido tão distante e fora do sonho de outra pessoa. Agora eu sentia o peso mais profundo das correntes da minha geração — o confinamento do meu corpo, pela história e pela polícia, a certas zonas. Alguns de nós conseguem superar isso. Mas o jogo é jogado com dados viciados. Eu queria ter sabido mais, e ter sabido mais cedo. Lembro-me de ter observado, naquela noite, os adolescentes que se juntavam no passeio junto ao Sena para fazer todas as suas coisas de adolescentes. E lembro-me de ter pensado o quanto eu teria gostado que minha vida tivesse sido assim, de ter um passado dissociado do medo. Eu não tinha esse passado à mão ou na memória. Mas eu tinha você.

Voltamos a Paris naquele verão, porque sua mãe amava a cidade e porque eu gostava da língua, mas acima de tudo por sua causa.

Eu queria muito que você tivesse sua própria vida, dissociada do medo, até mesmo dissociada de mim. Eu estou ferido. Estou marcado por antigos códigos, que me serviram de escudo em um mundo e depois me acorrentaram no seguinte. Lembro-me de sua avó chamando minha atenção para como você estava crescendo e ficando alto, e que um dia você ia tentar “me testar”. E eu dizendo a ela que ia considerar esse dia, caso acontecesse, o do fracasso total da paternidade, porque se tudo que eu tinha para você eram minhas mãos, então, realmente, eu não tinha nada. Mas, me desculpe, filho, eu sabia ao que ela estava se referindo, e quando você era mais jovem eu pensava do mesmo jeito. E hoje me envergonho desse pensamento, me envergonho de meu medo, das correntes geracionais que tentei cerrar em seus pulsos. Estamos entrando em nosso último ano juntos, e eu gostaria de ter sido mais suave com você. Sua mãe teve de me ensinar como amá-lo — como beijá-lo e lhe dizer que o amo toda noite. Mesmo agora não parece ser um ato tão natural quanto ritual. E isso é porque estou ferido. Isso é porque estou preso a antigos métodos, que aprendi numa casa endurecida. Era uma casa amorosa mesmo sendo assediada pelo seu país, mas *era* dura. Mesmo em Paris, não consegui me livrar dos velhos hábitos, do instinto de olhar para trás a cada passo, sempre pronto para sair dali.

Com algumas semanas de estada, fiz um amigo que queria melhorar seu inglês tanto quanto eu queria melhorar meu francês. Encontramo-nos um dia na multidão diante da Notre Dame. Fomos até o Quartier Latin. Fomos até uma loja

de vinhos. Havia mesas do lado de fora. Sentamos e tomamos uma garrafa de vinho tinto. Serviram-nos carnes, pães e queijos. Isso era um jantar? As pessoas costumavam fazer isso? Eu nem mesmo tinha imaginado tal coisa. E mais, seria isso algum ritual elaborado para me avaliar? Meu amigo pagou. Eu agradei. Mas quando saímos tive o cuidado de que ele fosse na frente. Ele queria me mostrar um desses prédios antigos que parecem estar em cada esquina daquela cidade. E durante todo o tempo em que me guiava, eu tinha certeza de que ele iria dobrar rapidamente num beco onde alguns sujeitos estariam esperando para me despojar de... de quê, exatamente? Mas meu novo amigo simplesmente me mostrou o prédio, apertou minha mão, deu-me um gentil *bonne soirée* e saiu para a ampla e aberta noite. E, vendo-o ir embora, senti que tinha perdido parte da experiência por causa dos meus olhos, porque meus olhos tinham sido feitos em Baltimore, porque meus olhos tinham sido vendados pelo medo.

O que eu queria era pôr entre você e esse medo que cega a maior distância possível. Queria que você visse pessoas diferentes vivendo segundo regras diferentes. Queria que visse os casais sentados muito perto uns dos outros nos cafés, virados para observar a rua; as mulheres que pedalavam suas antigas bicicletas, sem capacete, em seus longos vestidos brancos; as mulheres que passavam zumbindo em shorts curtíssimos e patins cor-de-rosa. Queria que você visse os homens em calças cor de salmão e camisas de linho branco com suéteres claros amarrados em torno do pescoço, os homens que desapareciam dobrando esquinas e circulavam de volta em seus carros luxuosos, capota arriada, amando suas vidas. Todos fumando. Todos sabendo que ao dobrar a próxima esquina os aguardava ou uma morte pavorosa ou uma orgia. Você se lembra de como seus olhos se iluminavam como velas quando estávamos lá, em Saint-Germain-des-Prés? Aquele olhar era toda a razão da minha vida.

E, mesmo então, eu queria que você tivesse consciência, compreendesse que estar distante do medo, mesmo por um momento, não era um passaporte para fora da luta. Sempre seremos negros, você e eu, mesmo que isso signifique coisas diferentes em lugares diferentes. A França está construída sobre seu próprio sonho, sua coleção de corpos, e lembre que o nome que você tem é o de alguém que se opôs à França e a seu projeto nacional de roubo por meio de colonização. Verdade que nossa cor não era a característica que nos distinguia aqui, tanto quanto nossa americanidade, representada em nosso pobre manejo do francês. E é verdade que existe algo de específico no que concerne a como os americanos que pensam serem brancos nos consideram — algo sexual e obsceno. Não fomos escravizados na França. Não somos seu “problema” particular, nem sua culpa nacional. Não somos seus crioulos. Se há algum consolo nisso, não é do tipo com o qual eu o estimularia a se satisfazer. Lembre-se de seu nome. Lembre-se de que você e eu somos irmãos, filhos do estupro transatlântico. Lembre-se da conscientização mais ampla que vem com isso.

Lembre-se de que essa conscientização nunca poderá ser, em última análise, racial; deve ser cósmica. Lembre-se da Roma que você viu, das crianças pedindo esmola nas ruas e das palavras venenosas que lhes eram dirigidas. Lembre-se do motorista de táxi argelino, falando abertamente sobre seu ódio a Paris, depois olhando para sua mãe e para mim e insistindo em que estávamos todos unidos sob a África. Lembre-se dos rumores trepidantes que sentíamos sob a beleza de Paris, como se a cidade tivesse sido construída sobre a vacância de Pompeia. Lembre-se do sentimento de que os grandes jardins públicos, os demorados almoços, poderiam ser todos desfeitos por um evento físico, um primo de nossas regras e dos ajustes de contas de nosso próprio país, que não compreendíamos totalmente.

Era bom ter seu tio Ben e sua tia Janai — mais alguém para equilibrar o temor daquilo que essas pessoas tinham construído e daqueles sobre os quais muito daquilo tinha sido construído; mais alguém que tinha aprendido a viajar já quando adulto; gente que tinha sido negra na América e estava mais preocupada com a segurança de seus corpos. E estávamos todos cientes de que as forças que retinham nossos corpos em casa não eram dissociadas daquelas que tinham dado à França a sua riqueza. Estávamos cientes de que muito do que tinham realizado foi feito sobre a pilhagem de corpos haitianos, o saque dos corpos uólofes, da destruição dos *toucouteurs*, na tomada de Bissandugu.

Foi o mesmo verão no qual o assassino de Trayvon Martin foi absolvido, o verão em que percebi que tinha aceitado o fato de que não havia uma velocidade de escape. Nossa casa nos acharia em qualquer língua. Lembra quando pegamos o trem para a Place de la Nation para comemorar seu aniversário com Janai e Ben e os meninos? Lembra-se do jovem que estava do lado de fora do metrô, protestando? Lembra-se do cartaz? VIVE LE COMBAT DES JEUNES CONTRE LES CRIMES RACISTES! USA: TRAYVON MARTIN, 17 ANS, ASSASSINÉ CAR NOIR ET LE RACISTE ACQUITÉ.

Não morri em minha juventude sem objetivos. Não pereci na agonia de não saber. Não fui preso. Provei a mim mesmo que havia outro caminho além das escolas e das ruas. Senti que estava entre os sobreviventes de algum grande desastre natural, alguma peste, alguma avalanche ou algum terremoto. E agora, vivendo na esteira de uma dizimação e tendo chegado a uma terra que antes eu considerava mítica, tudo parecia moldado num halo — os lenços parisienses em tons pastel brilhavam mais. o aroma matinal hafeiado nelas nadarias era

hipnótico, e a língua a toda minha volta me impactava não como língua, mas como dança.

Sua rota vai ser diferente. Terá de ser. Você aos onze anos sabia coisas que eu não sabia quando tinha 25. Quando eu tinha onze anos minha maior prioridade era a simples segurança do meu corpo. Minha vida era a imediata negociação da violência — dentro e fora de casa. Mas você já alimenta expectativas, vejo isso em você. Sobrevivência e segurança não são o bastante. Suas esperanças — seus sonhos, se preferir — me deixam num arranjo de emoções conflitantes. Estou tão orgulhoso de você — sua abertura, sua ambição, sua agressividade, sua inteligência. Minha tarefa, no pouco tempo em que podemos ficar juntos, é completar essa inteligência com sabedoria. Parte dessa sabedoria está em compreender o que lhe foi dado: uma cidade na qual bares gays são comuns, um time de futebol no qual metade dos jogadores falam alguma outra língua. O que estou dizendo é que isso não pertence totalmente a você, que a beleza que existe em você não é estritamente sua, e é em grande parte o resultado de usufruir de uma medida anormalmente grande de segurança em seu corpo negro.

Talvez tenha sido por isso, quando você descobriu que o assassino de Mike Brown sairia impune, que você me disse que tinha de ir. Talvez tenha sido por isso que você estava chorando, porque naquele momento entendeu que mesmo sua relativamente privilegiada segurança nunca poderia se equiparar a um ataque sustentado, desferido em nome do Sonho. Nossa política atual lhe diz que se você fosse vítima de um ataque assim e perdesse seu corpo, isso, de algum modo, teria sido culpa sua. O agasalho com capuz de Trayvon Martin o fez ser morto. A música em alto volume de Jordan David fez o mesmo. John Crawford nunca deveria ter tocado no fuzil da loja. Kajieme Powell deveria aprender a não ser louco. E todos eles deveriam ter tido pais — mesmo os que tinham pais, mesmo você. Sem as próprias justificativas, o Sonho desmoronaria sobre si mesmo. Você soube disso pela primeira vez no caso de Michael Brown. Eu soube no de Prince Jones.

Michael Brown não morreu como supõem tantos de seus defensores. E as perguntas por trás das perguntas nunca são feitas. Será que um ataque a um policial do estado constitui um crime com pena de morte, executada sem julgamento, sendo o policial o juiz e o executor? É isso que queremos que seja a civilização? E o tempo todo os Sonhadores estão saqueando Ferguson, pelo governo municipal. E estão torturando muçulmanos, e seus drones estão bombardeando festas de casamento (por acidente!), e os Sonhadores estão citando Martin Luther King e exaltando a não violência para os fracos e as maiores armas para os fortes. Toda vez que um policial nos confronta, morte, ferimentos, mutilações podem ocorrer. Não basta dizer que isso vale para qualquer um ou que acontece mais com criminosos. No momento em que os policiais começaram a seguir Prince Jones, sua vida estava em perigo. Os

Sonhadores aceitam isso como o preço de fazer negócio, aceitar nossos corpos como moeda, porque essa é sua tradição. Como escravos, fomos a primeira herança inesperada deste país, pagamento inicial por nossa liberdade. Depois da ruína e libertação da Guerra Civil veio a Redenção do Sul não arrependido e a conciliação, e nossos corpos tornaram-se a segunda hipoteca deste país. No New Deal fomos seu quarto de hóspedes, seu porão terminado. E hoje, com um sistema prisional expandido, que transformou o armazenamento de corpos negros num programa de empregos para Sonhadores e num investimento lucrativo para Sonhadores; hoje, quando 8% dos prisioneiros no mundo são homens negros, nossos corpos refinanciaram o Sonho de ser branco. A vida dos negros é barata, mas na América os corpos negros são um recurso natural de valor incomparável.

7 Thavolia Glymph, *Out of the House of Bondage*.

8 Sou apenas um jogador desse jeito, minha calça jeans era muito vincada./ Tinha uma camiseta branca novinha, e meu boné aponta ligeiramente para o leste. (N. T.)

III.

*And have brought humanity to the edge of
oblivion: because they think they are white.*⁹

JAMES BALDWIN

⁹ E trouxeram a humanidade à beira do/ esquecimento: pois pensavam que eram brancos. (N. T.)

Nos anos que se seguiram à morte de Prince Jones, eu pensava frequentemente naqueles a quem restara construir a vida à sombra de sua morte. Pensava em sua noiva e me perguntava o que seria ver o futuro interrompido sem qualquer explicação. Pensava no que ela iria contar a sua filha, e me perguntava como sua filha imaginaria o pai, quando sentiria falta dele, como detalharia a perda. Mas pensava principalmente na mãe de Prince, e a pergunta que mais fazia a mim mesmo era sempre a mesma: Como estaria vivendo? Procurei seu número de telefone na internet. Enviei um e-mail. Ela respondeu. Liguei então para ela e marquei uma visita. Ela estava vivendo nos arredores da Filadélfia, numa comunidade pequena e fechada de residências prósperas. Era uma terça-feira chuvosa quando cheguei. Tinha tomado o trem em Nova York e depois alugado um carro. Estivera pensando muito em Prince nos meses anteriores. Você, sua mãe e eu tínhamos ido a um encontro de ex-alunos na Meca, e havia muitos amigos meus, e Prince não estava lá.

A dra. Jones cumprimentou-me à porta. Era adorável, delicada, marrom. Parecia estar em algum lugar da faixa entre os quarenta e setenta anos, quando fica difícil ter certeza da idade de uma pessoa negra. Ela era bem-articulada,

tendo em vista o tema de nossa conversa, e durante a maior parte da visita tentei separar o que ela realmente sentia daquilo que eu sentia que devia estar sentindo. O que senti, então, foi que ela sorria com olhos doloridos, que o motivo de minha visita tinha espalhado tristeza, como uma coberta escura sobre a casa inteira. Parece que eu me lembro de música — jazz ou gospel — tocando ao fundo, mas conflitando com isso também me lembro de uma profunda quietude sobrepondo-se a tudo. Pensei que ela talvez estivesse chorando, não sei dizer com certeza. Ela me levou a sua grande sala de estar. Não havia mais ninguém na casa. Era início de janeiro. Sua árvore de Natal ainda estava lá, na extremidade da sala, e havia meias penduradas, com o nome de sua filha e de seu filho perdido, e havia um retrato dele emoldurado — Prince Jones — em exibição sobre uma mesa. Ela me trouxe água num copo pesado. Ela tomou chá. Contou-me que tinha nascido e sido criada nas cercanias de Opelousas, Louisiana, e que seus antepassados tinham sido escravos na mesma região, e que, como consequência dessa escravidão, o medo continuava a ecoar através das épocas. “Isso ficou claro pela primeira vez quando eu tinha quatro anos”, ela me disse.

Minha mãe e eu estávamos entrando na cidade. Tínhamos tomado o ônibus da Greyhound. Eu estava atrás dela. Ela estava segurando minha mão, e eu sentei no primeiro assento que encontrei. Alguns instantes depois minha mãe estava me procurando e me levou para os fundos do ônibus e explicou por que eu não podia sentar onde estava. Éramos muito pobres, eu sabia que a maioria das pessoas negras ao nosso redor também eram pobres, e as imagens que eu tinha da América branca eram de quando eu ia para a cidade e via quem estava atrás dos balcões das lojas e via para quem minha mãe trabalhava. Ficou evidente que havia uma distância.

Esse abismo se torna conhecido para nós de inúmeras maneiras. Uma menininha de sete anos de idade vai andando para casa, depois de ter sido provocada na escola, e pergunta aos pais: “É verdade que somos crioulos? O que significa isso?”. Às vezes é sutil, a simples observação de quem vive onde e trabalha em qual emprego, e quem não. Às vezes é tudo isso de uma só vez. Nunca perguntei como você pessoalmente tomou conhecimento da distância. Foi no caso de Mike Brown? Acho que não quero saber. Mas sei que isso já aconteceu, que você deduziu ser um privilegiado e mesmo assim diferente de

outras crianças privilegiadas, porque você carrega um corpo mais frágil do que qualquer outro neste país. O que quero que você saiba é que isso não é uma falha sua, mesmo sendo, no final das contas, de sua responsabilidade. É responsabilidade sua porque está cercado de Sonhadores. Não tem nada a ver com como você veste a calça ou corta o cabelo. Essa brecha é tão intencional quanto uma política, tão intencional como o esquecimento de tudo que a isso se segue. A brecha permite uma eficiente classificação dos saqueados e dos saqueadores, dos escravizados e dos escravizadores, dos arrendatários e dos proprietários de terras, dos canibais e de seu alimento.

A dra. Jones era uma mulher discreta. Era do tipo ao qual em certa época as pessoas se referiam como “uma dama”, e nesse sentido me fazia lembrar minha avó, que era mãe solteira e moradora de um conjunto habitacional, mas sempre falava como se fosse rica. E quando a dra. Jones descreveu o motivo de ter escapado à escassez que tinha marcado a vida de inquilino de seu pai e de todos que a cercavam, quando se lembrou de que uma vez disse “Não vou viver assim”, vi o brilho férreo de seus olhos, e lembrei o brilho férreo nos olhos de minha avó. Você mal deve se lembrar dela agora: você tinha seis anos quando ela morreu. Eu me lembro dela, é claro, mas na época em que a conheci, suas façanhas — como, por exemplo, esfregar o chão de pessoas brancas durante o dia e ir para a escola à noite — eram lendárias. Mas eu ainda podia sentir a força e a retidão que a impulsionaram para fora do conjunto habitacional e para sua casa própria.

Era essa mesma força que eu sentia na presença da dra. Jones. Quando ela estava no segundo ano, ela e outra garota fizeram um pacto de que ambas seriam doutoras, e ela cumpriu sua parte do acordo. Mas primeiro ela cursou o ginásio em sua cidade. No início teve de enfrentar as crianças brancas que a insultavam. No fim, votaram nela para presidente da turma. Ela aceitou o desafio. Foi “uma grande *entrée*”, ela me disse, mas isso só a fez entrar no mundo deles. Nos jogos de futebol americano os outros estudantes aplaudiam o grande *running back* negro do time, mas se um jogador negro do outro time pegasse na bola, eles gritavam “Matem o crioulo! Matem o crioulo!”. E gritavam isso sentados ao lado dela, como se ela na verdade não estivesse lá. Ela se apresentava recitando a Bíblia quando criança e me contou como fora requisitada para essa atividade. Sua mãe a levava para um teste num coro juvenil. Depois, o condutor do coro lhe dissera: “Querida, acho que você deveria é falar”. Ela agora estava rindo com leveza, sem estardalhaço, ainda com o controle de seu corpo. Senti que estava ficando mais calorosa. Enquanto contava sobre a igreja, pensei em seu avô, o que você conheceu, e como suas primeiras incursões intelectuais tinham sido em recitações de trechos da Bíblia. Pensei em sua mãe, que fizera a mesma coisa. E pensei em meu próprio distanciamento de uma instituição que tão frequentemente tinha sido o único apoio de nossa gente

Eu sempre me perguntava se com essa distância eu tinha perdido alguma coisa, algumas noções de esperança cósmica, alguma sabedoria além da minha percepção física mediana do mundo, algo que estava além do corpo, que eu pudesse transmitir a você. Eu pensava nisso, naquele momento em particular, porque algo que estava além de tudo que eu sempre compreendera tinha guiado Mabel Jones para uma vida excepcional.

Ela entrou para a faculdade com uma bolsa integral. Foi para a escola de medicina da Universidade do Estado da Louisiana. Serviu na Marinha. Especializou-se em radiologia. Ela não conhecia na época nenhum outro radiologista negro. Supus que devia ter sido difícil para ela, mas ela ficou ofendida com a suposição. Não podia demonstrar qualquer desconforto, e não falava de si mesma como algo notável, porque isso seria demasiada concessão, já que isso santificaria expectativas tribais onde a única expectativa a levar em conta deveria ter raízes numa avaliação da própria Mabel Jones. E, à luz disso tudo, não havia nada surpreendente em seu sucesso, porque Mabel Jones tinha sempre os pés no chão, nem acima nem em volta, mas através dele, e ela iria fazer isso, isso tinha de ser feito, a qualquer custo, até a morte. Sua disposição para a vida era a de um atleta de elite que sabe que o adversário é sujo e que os juízes foram comprados, mas sabe também que o campeonato está à distância de um só jogo.

Ela chamava o filho — Prince Jones — de “Rocky” em homenagem ao avô, que atendia por “Rock”. Perguntei sobre a infância dele, porque de fato não tinha conhecido Prince tão bem. Ele estava entre as pessoas que eu ficaria feliz de encontrar numa festa, que descreveria a um amigo como “um bom irmão”, embora não pudesse realmente contar sobre suas idas e vindas. Assim ela o descreveu para mim, de modo que eu pudesse compreendê-lo melhor. Disse que uma vez ele tinha batido um prego dentro de um bocal elétrico e apagado a casa toda com o curto-circuito. Disse que uma vez se vestira de terno e gravata, se ajoelhara e cantara para ela “Three Times a Lady”. Disse que tinha frequentado escolas particulares por toda a vida — escolas cheias de Sonhadores —, mas que fazia amigos aonde quer que fosse. Na Louisiana e depois no Texas. Perguntei-lhe como os pais de seus amigos a tratavam. “Na época eu era chefe do departamento de radiologia no hospital local”, disse ela. “Assim, tratavam-me com muito respeito.” Disse isso sem demonstrar amor nos olhos, friamente, como se estivesse explicando uma função matemática.

Como sua mãe, Prince era inteligente. No ginásio, foi admitido em uma escola especial de matemática e ciência no Texas onde os estudantes obtinham crédito de ensino superior. Apesar de ser uma escola de um estado com população mais ou menos equivalente à de Angola, da Austrália ou do Afeganistão, Prince era a única criança negra. Perguntei à dra. Jones se ela queria que ele fosse para Howard. Ela sorriu e disse: “Não”. Depois,

acrescentou: “É tão bom poder falar sobre isso”. Isso me relaxou um pouco, porque pude pensar em mim mesmo como algo mais do que um intruso. Perguntei que faculdade ela queria que ele fizesse. Ela disse: “Harvard. E se não Harvard, Princeton. E se não Princeton, Yale. E se não Yale, Columbia. E se não Columbia, Stanford. Esse era o calibre dele como estudante”. Mas, como pelo menos um terço de todos os estudantes que vinham a Howard, Prince estava cansado de ser um exemplo para outras pessoas. Esses estudantes de Howard não eram como eu. Eram os filhos da elite de Jackie Robinson, cujos pais se ergueram dos guetos e dos campos arrendados, e saíram para os subúrbios para descobrir que carregavam consigo suas marcas e não poderiam escapar. Mesmo quando tinham sucesso, como muitos tiveram, eram distinguidos dos outros, tornados exemplos, transfigurados em parábolas da diversidade. Eram símbolos e marcadores, nunca crianças ou jovens adultos. E assim vinham a Howard para serem normais — e, mais do que isso, para ver quão ampla a normalidade negra realmente é.

Prince não tentou cursar Harvard, nem Princeton, nem Yale, nem Columbia, nem Stanford. Ele só queria a Meca. Perguntei à dra. Jones se ela lamentava Prince ter escolhido Howard. Ela suspirou. Foi como se eu tivesse tocado com muita força numa ferida. “Não”, disse ela. “Só lamento que ele esteja morto.”

Ela disse isso com grande compostura e ainda maior sofrimento. Disse isso com a estranha pose e foco que a grande injúria americana exige de você. Você alguma vez deu uma olhada séria nessas fotos de protestos pacíficos na década de 1960, uma olhada realmente atenta e séria? Olhou alguma vez para aqueles rostos? Não estão nem raivosos, nem tristes, nem alegres. Não traem quase nenhuma emoção. Estão olhando para além de seus atormentadores, além de nós, e se focam em algo muito além de qualquer coisa que eu conheça. Creio que estão presos a seu deus, um deus que não posso conhecer e no qual não acredito. Porém, deus ou não, a blindagem se estende sobre eles, e ela é real. Ou talvez não seja absolutamente uma blindagem. Talvez seja uma extensão da vida, uma espécie de empréstimo que lhes permite receber os ataques amontoados contra eles agora e pagar a dívida depois. Seja o que for, o mesmo olhar que vejo nessas fotos, nobre e vazio, foi o olhar que vi em Mabel Jones. Estava em seus agudos olhos castanhos, que lacrimejavam mas não fraquejavam. Ele mantinha tanta coisa sob controle, e eu tinha certeza de que os dias que tinham transcorrido desde que seu Rocky lhe fora saqueado, desde que sua linhagem lhe fora roubada, tinham exigido dela nada menos que isso.

E ela não pôde recorrer a seu país para obter ajuda. No que concernia a seu filho, o país da dra. Jones fez o que fazia melhor — ele o esqueceu. O esquecimento é um hábito, e é ainda um componente necessário do Sonho. Eles tinham esquecido a escala do roubo que os enriquecera com a escravidão; o

terror que lhes permitiu, durante um século, furtar votos; a política segregacionista que lhes deu os subúrbios. Eles tinham esquecido, porque lembrar seria derrubá-los do belo Sonho e forçá-los a viver aqui embaixo conosco, aqui embaixo no mundo. Estou convencido de que os Sonhadores, ao menos os Sonhadores de hoje, prefeririam uma vida branca a uma vida livre. No Sonho eles são Buck Rogers, o príncipe Aragorn, toda uma raça de Skywalkers. Despertá-los seria revelar que são um império de humanos e, como todos os impérios de humanos, estão construídos sobre a destruição do corpo. Seria manchar sua nobreza, fazê-los humanos vulneráveis, frágeis, quebráveis.

A dra. Jones estava dormindo quando o telefone tocou. Eram cinco da manhã, e do outro lado da linha estava um detetive, dizendo-lhe que deveria ir para Washington. Rocky estava no hospital. Rocky tinha levado um tiro. Ela foi de carro com a filha. Estava certa de que ele ainda estava vivo. Ela fez diversas pausas enquanto explicava isso. Foi diretamente para a UTI. Rocky não estava lá. Um grupo de homens com autoridade — doutores, advogados, detetives, talvez — a levaram para um quarto e lhe disseram que ele se fora. Ela fez mais uma pausa. Não chorou. A compostura era agora muito importante.

“Foi diferente de tudo que eu tinha sentido antes disso”, ela me disse. “Era extremamente, fisicamente, doloroso. Tanto que sempre que um pensamento sobre ele me vinha à mente, tudo que eu conseguia fazer era rezar e pedir misericórdia. Pensei que ia perder a razão e enlouquecer. Fiquei muito mal. Senti como se estivesse morrendo.”

Perguntei se ela tinha esperado que o policial que tinha atirado em Prince fosse acusado. Ela respondeu: “Sim”. Sua voz era um coquetel de emoções. Falava como todo americano, com as mesmas expectativas de equidade, mesmo que fosse uma equidade tardia e ressentida, que tinha levado consigo para a faculdade de medicina tantos anos antes. E falava como uma mulher negra, com toda a dor que solapa exatamente esses sentimentos.

Eu agora queria saber de sua filha, que se casara recentemente. Vislumbrei um porta-retratos dessa filha e de seu novo marido. A dra. Jones não estava otimista. Estava muito preocupada com a possibilidade de a filha trazer um filho para a América, porque ela não poderia salvá-lo, não poderia dar a seu corpo um seguro contra a violência ritual que tinha reclamado seu filho. Comparou a América a Roma. Disse que achava que os dias de glória deste país já tinham passado havia tempo, e mesmo aqueles dias de glória estavam maculados: Tinham sido construídos em cima dos corpos de outros. “E não conseguimos captar a mensagem”, disse ela. “Não compreendemos que estamos abraçando nossas mortes.”

Perguntei à dra. Jones se sua mãe ainda era viva. Ela me disse que tinha falecido em 2002, aos 89 anos. Perguntei à dra. Jones como sua mãe tinha

recebido a morte de Prince. A voz da dra. Jones reduziu-se a um quase sussurro: “Não sei se ela soube”.

Ela fez alusão a *12 anos de escravidão*. “Lá estava ele”, disse ela, referindo-se a Solomon Northup. “Ele tinha meios. Tinha uma família. Estava vivendo como um ser humano. E um ato racista o trouxe de volta. E a mesma coisa aconteceu comigo. Passei anos desenvolvendo uma carreira, adquirindo bens, assumindo responsabilidades. E um só ato racista. Bastou isso.” E então ela tornou a falar de tudo que tinha, que fora conseguido com grande diligência, por meio de um trabalho incessante, na longa jornada a partir de uma miséria absoluta. Falou de como seus filhos tinham sido criados numa vida de luxo — viagens anuais para esqui, excursões à Europa. Disse que quando a filha estava estudando Shakespeare no ensino fundamental, ela a tinha levado à Inglaterra. E quando a filha tirou a carteira de motorista, aos dezesseis anos, um Mazda 626 a esperava em frente à casa. Senti que havia certa conexão entre esse desejo de dar e a crua pobreza de sua infância. Senti que aquilo era tanto para ela mesma quanto para seus filhos. Ela disse que Prince nunca fora levado por coisas materiais. Ele gostava de ler. Gostava de viajar. Mas quando fez 23 anos, ela lhe comprou um jipe. Mandou pôr nele um enorme laço roxo. Disse-me que ainda podia vê-lo ali, olhando para o jipe e dizendo simplesmente, *Obrigado, mãe*. Sem fazer uma pausa ela acrescentou: “E foi dentro desse jipe que ele foi morto”.

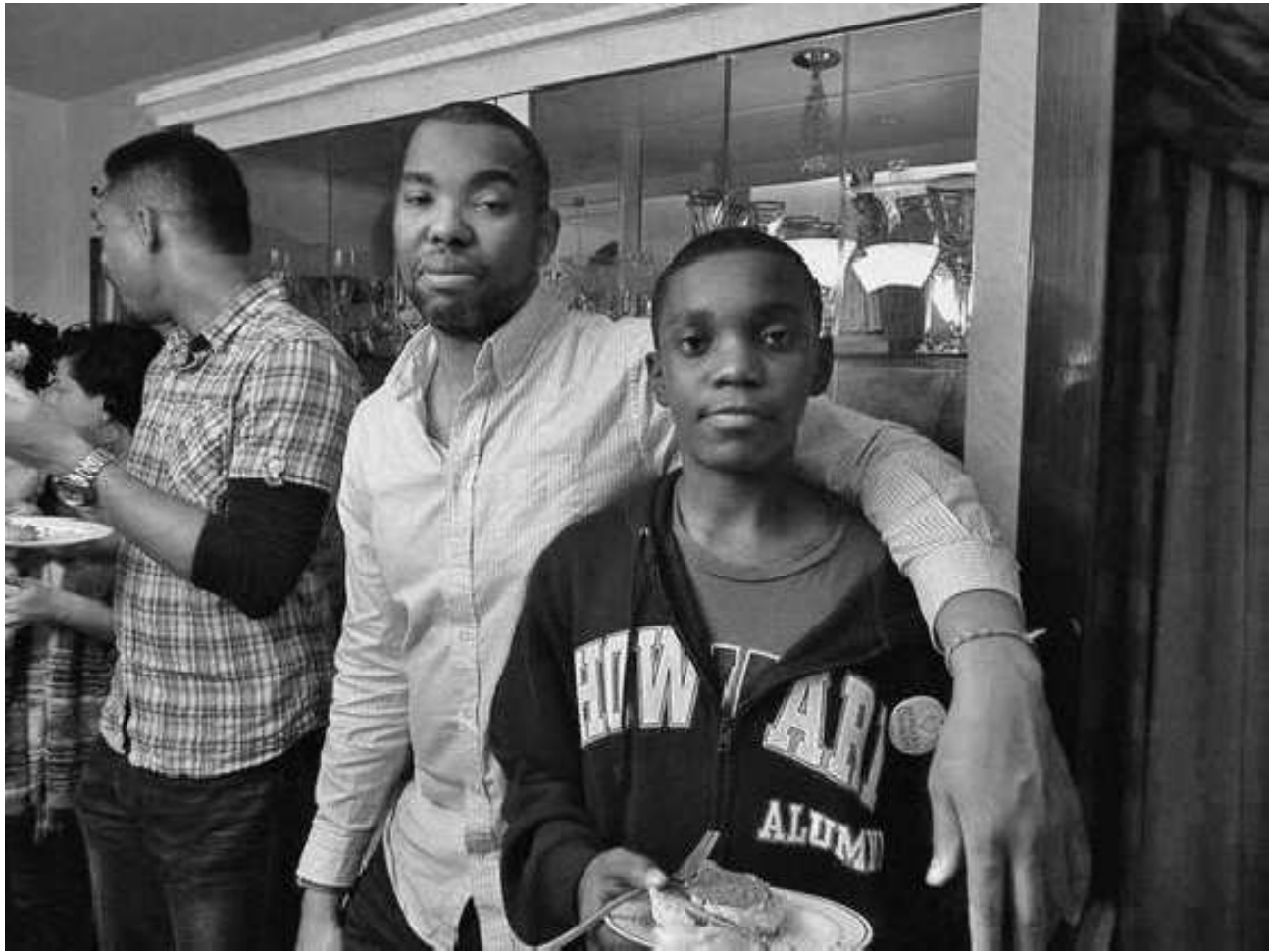
Depois de deixar a casa dela, me sentei no carro e fiquei parado por alguns minutos. Pensava em tudo que a mãe de Prince tinha investido nele, e em tudo que estava perdido. Pensei na solidão que o tinha enviado à Meca, e em como a Meca, assim como nós, não tinha conseguido salvá-lo, em como nós, em última análise, não podemos salvar a nós mesmos. Pensei naqueles protestos pacíficos, nos estoicos rostos dos que protestavam, aqueles que eu uma vez desprezara por lançar seus corpos às piores coisas da vida. Talvez eles soubessem algo terrível sobre o mundo. Talvez tivessem, tão voluntariamente, se desligado da segurança e da santidade do corpo negro porque nem segurança nem santidade existiam, para começar. E todas essas velhas fotografias da década de 1960, todos os filmes que eu tinha visto de pessoas negras prostradas ante cassetetes e cães não eram simplesmente vergonhosos, na verdade não eram nada vergonhosos — eram apenas verdadeiros. Estamos capturados, irmão, cercados pelos majoritários bandidos da América. E isso aconteceu aqui, em nosso único lar, e a terrível verdade é que não conseguimos, por nós mesmos, encontrar uma saída. Talvez esta fosse, talvez esta seja, a esperança do movimento: acordar os Sonhadores, despertá-los para os fatos, para aquilo que sua necessidade de serem brancos — de falar como se fossem brancos, de pensar como se fossem brancos, que é o mesmo que pensar que estão além das falhas da humanidade — causou ao mundo.

Mas não podemos planejar nossas vidas em torno dos Sonhadores e da pequena possibilidade de que adquiram consciência. Nosso momento é demasiadamente breve. Nossos corpos são preciosos demais. E você está aqui agora, e você tem de viver — e há tanta coisa lá fora pelo que viver, não só em algum país estrangeiro, mas em seu próprio lar. O calor de energias sombrias que me levou à Meca, que levou Prince Jones, o calor de nosso mundo particular é belo, não importa quão breve e quebradiço seja.

Relembro nossa viagem para o encontro de ex-alunos. Relembro as ondas de calor rolando sobre nós. Estávamos no jogo de futebol americano, sentados na arquibancada com velhos amigos e seus filhos, sem ligar para *fumbles* nem *first downs*. Lembro-me de olhar para o gol e observar um grupo de animadoras de torcida, tão enamoradas da Universidade Howard que tinham se vestido com suas cores e resgatado seus antigos uniformes, esticando-os um pouco, para que coubessem. Lembro-me delas dançando. Sacudiam-se, paravam, sacudiam-se novamente, e, quando a multidão gritou “Vai! Vai! Vai! Vaaai!”, uma mulher negra duas fileiras à minha frente, em sua calça jeans mais apertada, levantou-se e sacudiu-se como se não fosse a mãe de alguém e como se os últimos vinte anos mal tivessem sido uma semana. Lembro-me de ter ido a uma comemoração sem você. Eu não podia levá-lo, mas não foi problema lhe explicar o que eu tinha visto — a diáspora inteira em torno de mim —, vigaristas, advogados, Kappas, otários, doutores, barbeiros, Deltas, beberões, micreiros e nerds. O DJ berrava ao microfone. A garotada se empurrava na direção dele. Um jovem sacou uma garrafa de conhaque e torceu a tampa para abrir. Uma garota que estava com ele sorriu, inclinou a cabeça para trás, bebeu, soltou uma risada. E me senti desaparecer dentro de todos os seus corpos. A marca de nascença da danação desvaneceu, e pude sentir o peso de meus braços e ouvir o arfar de minha respiração, e naquele momento eu não estava falando, porque não tinha o que dizer.

Aquele foi um momento, um alegre momento, além do Sonho — um momento imbuído de um poder mais glorioso que qualquer projeto de lei para o direito de votar. Esse poder, esse poder negro, o *black power*, originava-se numa visão da galáxia americana a partir de um planeta escuro e essencial. O poder negro é uma vista da perspectiva do calabouço de Monticello — isto é, a vista a partir da luta. E o poder negro faz nascer uma espécie de compreensão que ilumina todas as galáxias em suas mais verdadeiras cores. Mesmo os Sonhadores — perdidos em seu grande devaneio — o sentem, pois é a Billie que eles buscam na tristeza, e Mobb Deep é o que berram com atrevimento, e Isley eles entoam com amor, e Dre eles gritam em folia, e Aretha é o último som que ouvem antes de morrer. Fizemos algo básico aqui. Pegamos a regra de uma gota dos Sonhadores e as reviramos. Eles nos fizeram uma raça. Nós nos fizemos um povo. Aqui na Meca, sob a ameaça de seleção, fizemos um lar. Assim como

fazem pessoas negras em seus quarteirões no verão, marcados por agulhas, frascos, quadrados do jogo de amarelinha. Como fazem pessoas negras dançando numa festa promovida para angariar dinheiro para o aluguel, como fazem pessoas negras em suas reuniões de família, onde somos vistos como sobreviventes de uma catástrofe. Como fazem pessoas negras brindando com conhaque e cerveja alemã, passando seus baseados e debatendo MCs. Como fazemos todos nós que viajamos através da morte, para a vida nestas praias.



Este era o poder do amor que atraiu Prince Jones. O poder não é divindade, mas uma profunda noção de quão frágil tudo — mesmo o Sonho, especialmente o Sonho — realmente é. Sentado naquele carro eu pensava nas previsões da dra. Jones quanto à ruína nacional. Tinha ouvido essas previsões durante toda a minha vida, de Malcolm e todos os seus seguidores póstumos que berravam que os Sonhadores têm de colher o que semearam. Vejo a mesma previsão nas palavras de Marcus Garvey, que prometeu voltar num turbilhão de ancestrais vingadores, um exército dos mortos-vivos da travessia dos navios negreiros. Não. Deixei a Meca sabendo que tudo isso soava conveniente demais, sabendo que, se os Sonhadores fossem colher o que tinham semeado, todos colheríamos junto com eles. A pilhagem amadurecera em forma de hábito e vício; as pessoas que criaram a morte mecanizada de nossos guetos, o estupro em massa das prisões privadas, e depois arquitetaram seu próprio esquecimento deverão inevitavelmente pilhar muito mais. Não é uma crença em profecia, mas no poder de sedução de uma gasolina barata.

Houve tempo em que os parâmetros do Sonho estavam confinados na tecnologia e nos limites dos cavalos-vapor e do vento. Mas os Sonhadores se aprimoraram, e o represamento de mares para obter energia, a extração de carvão e a transmutação de petróleo em alimento permitiram uma expansão do saque sem precedentes. E essa revolução liberou os Sonhadores para saquear não somente os corpos de humanos, mas o corpo da própria Terra. A Terra não é uma criação nossa. Ela não tem respeito por nós. Não tem como fazer uso de nós. E sua vingança não é o fogo nas cidades, mas o fogo no céu. Algo mais ameaçador do que Marcus Garvey está montado no turbilhão. Algo mais terrível do que todos os nossos ancestrais africanos está se elevando com os mares. Os dois fenômenos são conhecidos um do outro. Foi o algodão que passou por nossas mãos acorrentadas que inaugurou esta era. Foi sua fuga de nós que os alastrou pelas florestas subdivididas. E os métodos de transporte através dessas novas subdivisões, através desse alastramento, é o automóvel, o laço em torno do pescoço da terra e, afinal, dos próprios Sonhadores.

Afastei-me, dirigindo, da casa de Mabel Jones pensando em tudo isso. Fui dirigindo pensando sempre em você. Não creio que possamos detê-los, Samori, porque são eles que no final terão de deter a si mesmos. E ainda assim eu o conclamo a lutar. Lutar pela memória de seus ancestrais. Lutar por sabedoria. Lutar pelo calor da Meca. Lutar por sua avó e seu avô, por seu nome. Mas não lute pelos Sonhadores. Tenha esperança por eles. Reze por eles, se sentir motivação. Mas não aposte sua luta na conversão deles. Os Sonhadores terão de aprender a lutar por si mesmos, para compreender que o espaço para seu Sonho, o palco em que se pintaram de branco, é o leito de morte para todos nós. O Sonho é o mesmo hábito que põe o planeta em perigo, o mesmo hábito que vê nossos corpos jogados como clandestinos em prisões e guetos. Vi esses guetos quando